SALGADO ZENHA CONTESTA NOVA LEI ORGÂNICA DOS TRIBUNAIS JUDICIAIS

Pag.3

CUNHAL FOI A COIMBRA LEMBRAR: «HÁ CAMARADAS QUE NÃO ENTENDEM ESTA CAMPANHA DA DIREITA»

Álvaro Cunhal foi a noite passada a Coimbra falar da situação política e de questões relativas ao PCP. Desta feita, e em relação às propostas de renovação e debate de conhecidos militantes do seu partido, o líder do PCP não falou de «crise de consciência comunista», optando por dizer que é «inconcebível que haja camaradas que acreditem nos conselhos da direita para repensar o partido». Pag.5

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 577 Sabado, 30 de Janeiro de 1988 Preco 50$00

Carlucci estará em Lisboa no dia 2

EUA CORTAM 30 MILHÕES A PORTUGAL

A poucos dias da deslocação de Frank Carlucci a Lisboa (chega na terça-feira) para negociar as bases dos EUA em território português, uma fonte do departamento de Estado anunciou em Washington que vão ser cortados 30 milhões de dólares no auxílio militar americano a Portugal. E, simultaneamente, foi posta a hipótese de ser apresentado um pedido de revisão antecipada do acordo de utilização das Lajes, nos Açores.

Pág.4

Adriano: palmas à entrada para uma despedida com um «não»

Congresso do CDS na Póvoa do Varzim

ADRIANO DIZ NÃO A FREITAS

Pág. 2

Prazer, sensualidade e música do Brasil

ELBA:

O COLISEU A SEUS PÉS (E PERNAS)

A mulher que ostenta «as pernas mais bonitas do Brasil» veio seduzir Lisboa. Ela encheu ontem o Coliseu com a sua voz, os seus ritmos, o seu encanto — tudo contribuiu para fazer render quantos não quiseram perder o espectáculo. Pág. 19

Amanhã na «catedral» da Luz

«ÁGUIAS» E «DRAGÕES» EM LUTA PARA 100 MIL

Separados por uma barreira de sete pontos na corrida para o título, «águias» e «dragões» confrontam-se amanhã em Lisboa, no grande estádio da Luz, onde certamente afluirão espectadores em número suficiente para o encherem — mais de 100 mil.

Pág. 15

Congresso do CDS decorre na Póvoa de Varzim

ADRIANO APELA ÀS BASES E DIZ "NÃO" A FREITAS

Aurea Sampaio

Passava das onze horas quando Adriano Moreira, apenas acompanhado pela sua ética e pelos seus princípios, subiu à tribuna do VIII Congresso do CDS, que ontem se iniciou na Póvoa de Varzim. Agarrou a plateia não com a pose da solidão prostrada, mas com a soberba de quem se assume como o fiel depositário da moral de um partido dilacerado por crises e abandonos. Com ousadia proclamou a sua responsabilidade por «todos os insucessos», com inelutável orgulho rejeitou «honras, louvores, discursos»... e «cargos». Estava assim dada a resposta a Freitas do Amaral. Adriano Moreira recusava a presidência do Conselho Nacional que aquele lhe oferecera.

Freitas: aplaudido pelos delegados, levou um «não» de Adriano Moreira

Tal como tinha prometido, Adriano Moreira respondeu perante o congresso ao candidato a líder. E a resposta envolveu também a afirmação de que não fará acordos até porque, em seu entender, «a unidade não é mais do que estar sempre ao serviço do partido».

Essa disponibilidade foi, de resto, mais do que uma vez reiterada não sem que, propositadamente ou não, servisse de termo de comparação com a atitude de Freitas do Amaral que, durante 5 anos, não foi sequer militante do CDS.

Período que o ainda presidente dos democratas-cristãos não deixou de analisar para chegar à constatação de que quando assumiu a liderança o que encontrou «foi o apontamento de um partido».

Um relatório elucidativo

No relatório da direcção política, ontem aprovado por larga maioria, é assim exposta a herança que Adriano Moreira e os seus colaboradores receberam dos que os precederam: «pessoal administrativo sem inscrição na segurança social e sem os respectivos benefícios desde a fundação; sedes inactivas e rendas em atraso; inexistência de registos centrais de filiados (...); milhares de contos de dívidas, muitas não registadas e que foram aparecendo quando os credores se manifestavam, algumas anteriores a 1983 e sem constância nas contas regularmente aprovadas pelos órgãos do partido; situação de conflito latente com a Fundação Konrad Adenauer; inexistência de quaisquer reservas de fundos para investimento político; à vista o fim do contrato de comodato da sede da distrital de Lisboa e do acordo para a instalação da concelhia de Lisboa».

Prossegue o mesmo documento afirmando que esta direcção colocou todo o pessoal na segurança social além de lhe ter aumentado os vencimentos para este ano em 15 por cento; resolveu a contento das partes a questão da instalação das distrital e concelhia de Lisboa; pagou «todas as dívidas herdadas» — o que fez com uma «severa administração» que incluiu a gratuitidade de todos os serviços prestados pelos dirigentes do partido; e fez o levantamento patrimonial dos bens do CDS que, ao contrário da persistente convicção manifestada por militantes, não vai «além dos móveis».

Para além de tudo isto, e retomando o discurso de Adriano Moreira, a direcção cessante adoptou como tarefa prioritária a «reorganização» e «reimplantação» do CDS. Na sua óptica isso foi conseguido. «Este partido é hoje diferente», disse. E prosseguiu: «as bases são respeitadas, sabem que participam e que têm um presidente que as não condiciona».

E é a esta autonomia, a esta liberdade «que eu lhes garanti», que Adriano Moreira faz um derradeiro apelo: «ou as bases se assumem definitivamente» ou novas crises se abrirão no partido.

Recorda que até à eleição de novo líder, cargo para o qual só há um candidato — não se cansa de frisar — ele ainda é o presidente. Todas as propostas são possíveis e todas serão discutidas, garante. «Não estamos a decidir quem ocupa cargos, mas sim o futuro da democracia cristã em Portugal».

Que pretende afinal Adriano Moreira?

Um partido é como uma empresa

Ao aprovarem o relatório e ao aclamarem longamente Adriano Moreira, as bases centristas reconhecem certamente um «excelente» trabalho. Mas, como dizia ao «DL», com irresistível pragmatismo, um dirigente da JC, «um partido é como uma empresa: precisa de dar resultados». E os resultados são exactamente 4 por cento em 19 de Julho, um grupo parlamentar com apenas 4 deputados, uma redução drástica do subsídio recebido da Assembleia da República e, mais do que tudo, uma enorme distanciação dos órgãos do poder.

Adriano Moreira radicou a situação em várias ordens de factores: o afastamento de filiados, sobretudo a partir do VII Congresso, a que se «somou» uma campanha contra a direcção; a existência de «um projecto, sem pai conhecido, para a destruição do partido»; a campanha presidencial na qual o CDS «foi constantemente apagado, diminuído e até ofendido pela máquina montada com a esmagadora presença do PSD»; a impossibilidade de transmitir a sua mensagem por não possuir órgãos de Comunicação próprios.

Daí o País não ter ouvido o CDS que no Parlamento alertava contra a «criação de um corporativismo de gestores», denunciava o encaminhar «para um partido-sistema», e para «os sinais de renascimento de poder pessoal».

Condicionado por uma «energia social» eficaz, o eleitorado «transferiu a sua confiança para um homem considerado crível e não para as instituições».

Esta a análise de Adriano Moreira que diz ter o CDS «razões para ter esperança» — até porque o Primeiro-Ministro e o seu partido não têm capacidade para apresentar um projecto de sociedade que abranja uma tão larga faixa de eleitorado. Mas, como ele próprio também afirmou, ontem discutiu-se o passado, a partir de hoje discute-se o futuro.

Freitas: o futuro nas mãos

E o futuro do CDS está nas mãos de Freitas do Amaral. É certo que há ressentimentos, que (por enquanto) o regresso está ainda temperado por uma tão longa ausência. Mas o CDS quer esquecer, anseia por fazer render o capital político que fez cair nas urnas 49 por cento dos eleitores em favor daquele que foi o seu fundador e primeiro líder.

Freitas do Amaral mostra-se seguro. Tem a maioria dos delegados e vai colocando as «pedras» no elenco dos diversos órgãos directivos. Já se sabe que Lucas Pires aceitou a presidência do congresso.

A Comissão Directiva já está praticamente constituída, faltando apenas um nome que se presume seja o de Elisete Carvalhas, de Lisboa. Os restantes são: Basílio Horta, Morais Leitão, Narana Coissoró, Nogueira de Brito, Lobo Xavier, Henrique Morais, Andrade Pereira, Paulo Marques e Luís Beiroco, este como secretário-geral.

São também conhecidos os 25 nomes para a futura Comissão Política que, de acordo com o projecto de estatutos de Freitas do Amaral, será por lista plurinominal. O elenco abrange as diversas «sensibilidades» do CDS: sete «adrianistas» — Pereira Neto, Fernando Seara, Martins Canaverde, Narana Coissoró, Carvalho Cardoso, Mota Campos e Manuel Machado; sete «piristas» — Gomes de Pinho, Manuel Cavaleiro Brandão, Manuel Queiró, Gomes de Almeida, Gentil Martins, Pedro Feist e, eventualmente, José Gama. Entre os restantes são dados como certos os nomes de João Porto, Nuno Abecasis, Girão Pereira, Pamplona Corte-Real, Duarte Castro, Adão da Fonseca, Neiva Correia, Caleste Cardona e António João Moita. Luís Queiró, presidente da distrital de Lisboa, poderá ser o 25.º nome.

Problemas: estatutos e juventude

Hoje discutem-se e votam-se as moções e as alterações aos estatutos. Se no primeiro caso Freitas do Amaral não deverá ter qualquer problema, já no segundo as coisas estão mais complicadas. O grupo das distritais que propõe a criação do cargo de presidente do partido — até agora ocupado por inerência pelo presidente da Comissão Política — não desiste e distribuiu um comunicado assinado por Luís Gallego, no qual se justificfa dizendo que tal possibilitaria não só a «unidade» dos vários «grupos», mas também porque «o CDS necessita de todos à sua volta e não de alguns à volta do chefe».

Recorde-se que Freitas do Amaral já recusou liminarmente esta proposta. Também há problemas na Juventude Centrista que, segundo o «DL» apurou, se reuniu ontem à noite. De acordo com as nossas fontes há discordâncias quanto a alguns dos homens da lista que Manuel Monteiro vai apresentar para o Conselho Nacional.

Ontem, além do relatório da direcção política, foram também aprovadas a acta do VII Congresso e o relatório da Comissão Nacional de Eleições. Muito aplaudidas foram as delegações estrangeiras — num total de 20 — e, especialmente, o discurso do presidente do Partido Popular Europeu, hóspede de Lucas Pires.

Quando a Censura cortava o "31 de Janeiro"

Em Janeiro de 1891, e na sequência dos protestos patrióticos que o «Ultimatum» inglês provocou, os republicanos portugueses, no Porto, com audácia e alguma precipitação romântica, quiseram converter a agitação romântica, quiseram converter agitação antidinástica em revolução republicana. Esses abnegados percursores da República conheceram a derrota, as prisões, as deportações ou escolheram os caminhos do exílio.

A efeméride, integrada na História da República, é todos os anos comemorada. Durante os anos do salazarismo, as comemorações deram lugar a afirmações de fé na reconquista da liberdade e no futuro de Portugal em Democracia. Sede habitual, como seria natural, das manifestações comemorativas, tem sido a cidade do Porto, mas o MUD realizou em Lisboa, junto à estátua do presidente António José de Almeida, uma manifestação popular poderosa que surpreendeu o regime ditatorial.

Em 1946, para o vespertino «República», o operoso historiógrafo e talentoso jornalista que foi Rocha Martins, escreveu a página de História sobre «A Revolução de 31 de Janeiro» que, submetida ao obrigatório visto da Comissão de Censura, foi integralmente cortada. As provas, com os cortes totais da Censura salazarista, foram encontradas no espólio de Rocha Martins. O texto tem interesse. Evoca a tentativa revolucionária republicana de 31 de Janeiro de 1891 e da sua leitura não se depreende a razão da ferocidade dos censores do «Estado Novo». De 1946 para 1988 algo mudou em Portugal. A página de Rocha Martins é oferecida aos leitores do «Diário de Lisboa», libertada do silêncio que lhe foi imposto. É uma homenagem aos percursores da República.

E, também, o ensejo de recordar um cultor da História, que foi um grande jornalista e um combatente de liberdade: Rocha Martins.

31 de Janeiro

República

Nº 5473-25-1-946

Uma página de História

A Revolução de 31 de Janeiro

de Rocha Martins

Na madrugada gélida do último dia de Janeiro de 1891 os soldados de Caçadores 9 romperam em grande alarido na parada do seu quartel. Descia a cerração extensa e compacta; envolvia a cidade, o Porto inteiro, coalhava-se sobre o Douro e daquele saco de nevoeiro saía um rumor de armas; a bulha desordenada na formatura difícil da sedição. Soou um grito, há muito contido e que se atirava como um cântico de precoce alvorada:

— Viva a República!

Reboou o brado como uma explosão e o sargento Abílio de Meireles enquadrava as últimas praças da sua companhia.

— Direita volver, marche!

A voz do comando foi dada pelo mais antigo dos sargentos, o Norberto, e os soldados saíram, em boa ordem, no passo cadenciado da ordenança, sob a névoa e as grossas gotas da cacimba na friagem da noite.

Endireitaram para Santo Ovídio e ao passarem junto à Relação alguém chamara o alferes comandante da guarda, Augusto Rodolfo da Costa Malheiro, que tinha larga fama de republicano entre os subordinados. Não hesitou. Deu ordem ao sargento Benigno para não abandonar o posto e, desembainhando a espada, colocou-se à frente do 9 de Caçadores. Dera aquele passo singela e naturalmente.

Recomeçou a marcha soturna na noite negra até ao Campo de Santo Ovídio, onde já se encontrava o 10, às ordens do tenente Manuel Maria Coelho. Civis visavam o regimento 18 de infantaria.

Abateu-se a machado o portão do quartel e os soldados saíram de roldão ao som das cornetas que davam o sinal a unir.

Um sino tocava a rebate. O capitão Amaral Leitão tinha assumido o comando de todas as forças.

Sob a névoa fria, subiram as notas da «Portuguesa» na sua toada de fado heróico.

O que lembravam aquelas notas?! Que recordações nesses acordes doloridos e incitadores! Era o grito lancinante da Nação ferida a suplicar ao povo para a resgatar. Era o desagravo.

A súbitas, ergueram-se vozes como um cântico religioso; ouviram-se palmas, quase com unção. O povo cantava o hino patriótico, ladeando os soldados e soltava apoteóticas aclamações.

— Viva a República! Viva a República!

Era como se o eco de outras ansiosas vibrações tivessem acordado nas ruas do Porto, por onde as tropas marchavam processionalmente.

Recordariam a madrugada de 1820, no ardente Agosto, quando a guarnição se rebelara pela emancipação nacional. Lembrariam a entrada dos soldados de D. Pedro, na manhã de Julho de 32, as espingardas enfeitadas de hortênsias azuis e brancas, marchando para proclamarem a Liberdade.

Mais tarde, em 46, os mesmos gritos se tinham ouvido quando os «patuleias» se revoltaram contra o cabralismo e o velho José Passos, avô da democracia, animava os patriotas.

Tudo isso se conglobava naquela manhã fria, na proclamação republicana. Tilintavam armas, marchavam soldados, ansiava-se pela Liberdade.

Eram outros os uniformes, diferentes as armas, mas a cidade palpitava como nas horas dos «vintistas» do cerco da Maria da Fonte e da Junta.

Aquela névoa fundir-se-ia ao sol que doirava a vitória?

Assim o julgavam aqueles soldados, aqueles civis, os sonhadores, os republicanos que se atribuíam a redenção da pátria.

No meio das grandes dores da nação lançava-se sobre o rei, aclamado há três meses, as culpas da dinastia.

O povo parecia tomar ares marciais no cadenciado da marcha, acompanhando os soldados; gente alarmada acudia às janelas, envolta em abafos, vestida à pressa. Entreviam-se gestos largos de braços apoteóticos.

As fardas escuras, das praças da Guarda Fiscal, que se juntaram aos revoltosos, a mancha negra dos caçadores, enlutavam o cortejo marcial, mas as divisas vermelhas da infantaria e os metais dos capacetes quebravam a severidade dos uniformes de préstito funerário que a «Portuguesa», parecia dominar.

«Heróis do mar, nobre povo».

Soavam vivas; agitavam-se lenços, e iam-se evolando os fumos da nevada. As sintilas dos primeiros raios do sol, como frecha de guerra, rompiam a alegrar o quadro quase lúgubre das fardas.

Começavam a rebrilhar metais dos instrumentos, chapas de barretinas, espingardas, baionetas, sabres e cornetas. Pelo chão molhado, os passos acertavam em cadência na procissão sentimental, como a de 1820, em boa ordem, em santa fé, evocadora da primeira revolta pela Liberdade, proclamada sem tiros, no acordo militar dos chefes, celebrado, setenta anos antes, na cidade, em pacto patriótico.

Infelizmente os superiores não se tinham entendido desta vez. Faltavam os coronéis, os majores, os oficiais superiores como sucedera quando do Vintismo. Tão-pouco ali estavam os generais e o imperador, como em 32.

No seu cavalo de bronze, D. Pedro, na antiga Praça Nova, a das forças absolutistas, erguendo a Carta, era o vulto heróico que também comandara soldados.

Já não bagueava o pranto do céu, no lento repontar da manhã, com seu sol brando e doirado. As tropas apareceram docemente iluminadas. Os paisanos acumulam-se no recinto e como o frio ainda apertasse, ofereciam bebidas, cigarros e charutos aos soldados. Solicitantes abraçavam-nos. Viam-se mulheres com cestas, pães e farnéis numa distribuição de desjejum para os rebeldes.

Ouviu-se um toque de corneta, logo repetido numa pressa. E, em linha correcta os regimentos formaram.

Abriram-se as janelas da Casa da Câmara, apareciam vultos lá em cima, caudilhos e cúmplices, gente mais chegada aos revoltosos, «repórters», boémios de todas as madrugadas, em curiosidades intensas. Badalara nas torres a meia hora, depois das sete. Um pelotão de caçadores, às ordens do sargento Augusto Salgado, irmão do republicano ilustre Heliodoro Salgado —, destacara-se da coluna e marchara para tomar o telégrafo, enquanto uma esquadra do 10 de Infantaria alteava um estandarte vermelho com letras verdes que o popular Manuel Pereira da Costa fora buscar, a casa de um dos membros do Centro Democrático Federal, da Rua de Santo André.

Santos Cardoso, mostra-o na janela: Felizardo Lima segura-o; o doutor António Claro, o dr. Paes Pinto, abade de S. Nicolau, o actor Verdigal, o chapeleiro Santos Silva, e outras figuras da revolta araudilharam o dr. Alves da Veiga, que, tirado o chapéu alto, fizera um gesto para calar os vivas.

Declarava destronada a Casa de Bragança; evocava a República que a proclamar. Enrouquecera, e a meio do discurso, o fidalguíssimo Felizardo Lima calara-o, aflito e zangado. Sentira que se perdia tempo. Alves da Veiga gatafunhara, à pressa, num envelope, algumas linhas, e entregara-o ao actor Verdigal, que, começou a ler os nomes dos membros do Governo Provisório, delirantementge aplaudidos.

Rodrigues de Freitas, desembargador Joaquim Bernardo Soares, José Maria Correia da Silva, general de divisão; Joaquim de Albuquerque, lente da Academia.

A multidão aplaudia, e no mastro camarário, bem alta e tremulante, ao sol, palpitava a bandeira vermelha de letras verdes a que as tropas apresentavam armas.

Verdigal continuava: José Ventura dos Santos Reis, médico; Lucindo Pinto Leite, banqueiro; Joaquim de Morais Caldas, e, por fim, Alves da Veiga.

— Viva a República! Viva a República!

De repente uniram-se fileiras e a marcha dos regimentos recomeçava ao som da «Portuguesa»:

Contra os canhões
Marchar! Marchar!

De repente correram vozes. A Municipal ia combater e avançava a artilharia da serra do Pilar.

Soaram tiros. A revolução, que segundo se julgava, devia vencer sem sangue, iniciava-se com uma luta de irmãos.

A «Portuguesa» agonizava nos lábios dos cidadãos.

Os revolucionários foram vencidos, mas ficara o germe da República a levedar nas almas, doirada pelo sol daquela manhã de dor e de esperança, há cinquenta e cinco anos.

Dirigida ao Provedor de Justiça

Nova lei orgânica dos tribunais motiva petição de Salgado Zenha sobre a sua constitucionalidade

Salgado Zenha enviou uma extensa petição ao Provedor de Justiça, dr. Almeida Ribeiro, visando o requerimento ao Tribunal Constitucional a declaração de inconstitucionalidade das disposições da nova Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais que agravam seriamente o recuros à Justiça por parte dos cidadãos e a própria actividade profissional dos advogados. Dada a importância e actualidade do tema, o «DL» publica, em primeira mão, a significativa e bem documentada petição do antigo ministro da Justiça e prestigiado advogado.

1. O art. 18, n.º 3, da Constituição, dispõe que;

«As leis restritivas de direitos, liberdades e garantias, têm de revestir carácter geral e abstracto, e não podem ter efeito retroactivo, nem diminuir a extensão e o alcance do conteúdo essencial dos preceitos constitucionais».

2. O art. 20, n.º 1, da Constituição garante a todos, como direito fundamental dos cidadãos portugueses, a protecção jurídica nos termos da lei, e o n.º 2 do mesmo artigo garante outrossim o acesso aos Tribunais para defesa dos seus direitos.

3. Tratando-se de um direito fundamental de natureza análoga à dos «direitos, liberdades e garantias» consignados no Título II da Constituição, é-lhe aplicável também o disposto no art. 18, n.º 3, da Constituição por força do disposto no art. 17 da Constituição.

4. Ora, como ensinam os drs. Gomes Canotilho e Vital Moreira:

«Pela sua própria natureza, a protecção contra **actos jurisdicionais**, assume lugar autónomo e relevo especial, visto que estão em causa os próprios juízes e tribunais, isto é, os órgãos constitucionalmente habilitados a defender e garantir os direitos e interesses legítimos dos cidadãos. A defesa contra eles só pode estar noutro tribunal, com poder para revogar a decisão ofensiva dos direitos — **e daí que o direito de recurso para um tribunal superior tenha de ser contado entre as mais importantes garantias constitucionais.**»

(in «Constituição da República Portuguesa Anotada», 2.ª ed., 1.º Vol., a pags. 181).

5. Daí flui, além do mais, que, em nosso entender, são manifestamente inconstitucionais as disposições constantes do art. 106 e do art. 108, n.º 5 (no tocante ao novo regime de alçadas constante do art. 20), da recente lei n.º 38/87, de 23 de Dezembro, designada por Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais.

6. Com efeito, no art. 20 desse diploma alterou-se profundamente o regime das alçadas cíveis que se fixou em 500 000$00 para a 1.ª Instância e em 2 000 000$00 para os Tribunais da Relação que anteriormente eram de 120 000$00 e de 400 000$00, respectivamente, como é sabido.

7. E no art. 108, n.º 5, acrescentou-se que tal norma do art. 20 entra «imediatamente em vigor», acrescentando-se no art. 106 que «a matéria de admissibilidade dos recursos por efeito das alçadas é regulada pela lei em vigor ao tempo em que foi proferida a decisão recorrida».

8. Como já ensinava Pereira e Sousa, no seu velho Dicionário Jurídico de 1825, o termo «alçada» oriundo de alça (que significa recurso), é o limite da jurisdição dentro da qual o tribunal julga sem recurso.

9. Isto significa que as acima citadas disposições da nova Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais declararam irrecorríveis decisões que anteriormente admitiam recurso para o

Continua na pág. 10

30 milhões de dólares e revisão antecipada das Lajes

EUA REDUZEM AJUDA MILITAR A PORTUGAL

O governo norte-americano vai reduzir em 30 milhões de dólares a ajuda a Portugal, aceitando a possibilidade de ser apresentado um pedido de revisão antecipada do acordo de utilização das Lajes, segundo uma fonte do departamento de Estado.

O departamento de Estado anunciou, nesta conformidade, a atribuição a Portugal de um total de 117 milhões de dólares em ajuda para a defesa, no ano fiscal iniciado em Outubro, contra os 147 milhões atribuídos no exercício anterior.

A decisão insere-se num vasto leque de cortes ao auxílio externo, devido à contratação de despesas aplicada ao orçamento federal, com vista a uma redução do défice, e ao desvio de verbas para outras nações.

O principal corte reporta-se a pagamentos do fundo norte-americano de apoio económico, um programa de 3180 milhões de dólares para países considerados estrategicamente importantes.

Trata-se do terceiro ano consecutivo de redução na ajuda militar dos Estados Unidos a Portugal, apesar, segundo as mesmas fontes, de protestos do Governo português que argumentou que os negociadores norte-americanos haviam prometido uma ajuda anual de 205 milhões de dólares quando da assinatura de um pacto de defesa em 1983

O elemento-chave do pacto, que expira em 1991, é a concessão de acesso da base açoriana das Lajes à força aérea dos Estados Unidos.

O pacto concede a Portugal o direito de exigir uma revisão do acordo sobre a base a meio da sua vigência, que ocorre na quinta-feira, sendo que o secretário da Defesa, Frank Carlucci, antigo embaixador em Portugal, chega a Lisboa no dia anterior, quarta-feira, para conversações com as autoridades portuguesas.

O Executivo norte-americano expressou já o seu desgosto por esta redução forçada, recordando palavras do Secretário de Estado, George Shultz, de que países como Portugal são prejudicados por que recebem as migalhas que ficaram na mesa dos Estados Unidos, após Israel, Egipto, Turquia, Grécia, Filipinas, e alguns outros se encherem com as verbas atribuídas pelo congresso.

O executivo, acrescentaram, procurou obter fundos de ajuda externa suficientes para cumprir os seus compromissos em relação a Portugal, mas o Congresso atribuiu o grosso dessa maquia a uma meia dúzia de principais beneficiários.

Por outro lado, o porta-voz do departamento de Estado, Charles Redman, disse que vão ser eliminados os programas de ajuda militar norte-americana a cerca de 30 países, devido igualmente aos cortes orçamentais decididos pelo Congresso.

Ainda que o departamento reconheça a necessidade de alguns cortes na ajuda militar ao estrangeiro, para reduzir o défice federal, disse Redman, o facto é que eles prejudicarão a influência dos Estados Unidos a nível mundial.

«Vamos trabalhar em coordenação com o Congresso para encontrar uma forma de minorar o prejuízo», acrescentou o porta-voz em conferência de Imprensa.

A onda de cortes no chamado programa de vendas militares ao estrangeiro (FMS) poupa Israel e Egipto que receberão, respectivamente, 1800 milhões e 1300 milhões de dólares, ou seja o mesmo que no ano fiscal 1987, enquanto a Turquia obtém um aumento, de 178 milhões para 334 milhões de dólares.

No campo oposto, o Paquistão recebe 260 milhões de dólares, contra 313 milhões, e o Quénia ficará em branco, depois de ter recebido três milhões de dólares no ano passado.

No que respeita ao denominado programa de apoio económico (ESF), mais uma vez Israel e Egipto obtêm a parte de leão, com 1200 milhões e 815 milhões de dólares.

Paralelamente, o programa ESF é eliminado no que respeita a países como o Líbano, Belize, República Dominicana, Equador, Haiti, Jamaica, Peru, Uruguai, Moçambique (10 milhões de dólares em 1987), Zaire e Tanzânia, entre outros.

COMUNICADO

1 – A EDP, no cumprimento da legislação em vigor, irá tomar posse da exploração dos Serviços Municipalizados de Gás e Electricidade do Porto.

2 – Esta medida, que não irá afectar os consumidores em termos de qualidade de serviço, implica que a recuperação do tarifário se inicie a partir de Abril, como, aliás, estava previsto.

3 – Será de sublinhar, a propósito, que o tarifário de energia eléctrica na cidade do Porto estava, em 1978, nivelado com o nacional, e foi apenas depois disso que se degradou, chegando-se ao ponto de, nos últimos anos, nada se ter actualizado.

4 – Esta situação de desequilíbrio introduziu uma injustiça em relação aos consumidores do resto do País.

5 – A posição da Câmara ao longo de 10 anos de negociações, não só inviabilizou uma solução justa, como agravou uma situação que, neste momento, está a custar ao País milhões de contos.

6 – A exploração dos Serviços por parte da EDP não impede a Câmara de assumir a atribuição de uma ajuda económica aos consumidores considerados débeis.

29 de Janeiro de 1988
O Conselho de Gerência da EDP

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

ANTES DE FAZER UMA VIAGEM
Certifique-se do estado dos travões, direcção suspensão luzes e pneus.
Disso depende a sua vida e a dos outros.
circular é viver

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

– 7.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos, créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio. Execução de Setença n.º 5 968-A/85 1.º secção Exequentes — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP. Executado — MIGUEL JORGE CALDEIRA MELANCIA, residente na Rua Angra do Heroismo, n.º 21 — Mealhada — Loures.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1988

A Juiz de Direito,
António Alberto C. Saraiva Coelho

A Escriturária
Maria Gabriela Simões da Silva

«DL» 30/1/88 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MAFRA

ANÚNCIO

Processo n.º 335/87
2.ª Secção
No dia 26 de Fevereiro de 1988, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial da Comarca de Mafra e nos autos de carta precatória, com o número acima indicado, vinda do 14.º Juízo Cível de Lisboa e extraída dos autos de execução de sentença n.º 11 911/B-1.ª Secção, em que é exequente a Companhia de Seguros Império, EP e executado João Martins Casaleiro, residente em Paz Mafra, há-de ser posta em praça pela primeira vez, para serem arematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado nos autos os seguintes bens: Uma máquina de lavar, um televisor a cores, uma máquina de lavar louça, um forno eléctrico, um frigorifico e uma mobilia de sala.

Mafra, 18 de Janeiro de 1988

A Júiz de Direito,
Maria do Rosário Correia Oliveira

A Escrivã Adjunta,
Maria de Lurdes Sádio Batalha

«DL» 30/1/88 — 2.ª Pub.

VENDE-SE
Instalações Fabris da CAMPIMAR – Fábrica de Caravanas, Ld.ª, sita na Estrada da Varziela, em Cantanhede, com a área coberta de 3234m² e terreno anexo com a área de 4386m².
Trata: Administrador da Massa Falida – Adérito Cortesão Beato, Solicitador. Telefone 031/42 174 em Cantanhede.

VENDE-SE
Instalações Fabris da FORVEL – Fábrica Portuguesa de Veículos, SARL, sita na Estrada da Varziela, em Cantanhede, com a área coberta de 6363m² e terrenos anexos com a área de 9629m².
Trata: Administrador da Massa Falida – Adérito Cortesão Beato, Solicitador. Telefone 031/42 174 em Cantanhede.

INATEL
TURISMO SOCIAL

COMUNICADO
Informam-se os associados que existem vagas para as seguintes excursões:

Dia 14/2/88
CARNAVAL NA MEALHADA (LUSO) 2.000$00
Dia 16/2/88
CARNAVAL EM TOMAR 2.150$00
De 19 a 21/2 e de 26 a 28/2/88
BEIRA FLORIDA (BARCA D'ALVA) 10.300$00
De 27 a 29/2/88
FIM DE SEMANA NO LUSO/FEIRA 6.700$00
De 26 a 28/2/88
FIM DE SEMANA ALGARVIO (ALBUFEIRA) 5.150$00
De 13 a 17/2/88
CARNAVAL EM TORREMOLINOS 22.200$00

INFORMAÇÕES E RESERVAS:
Calçada de Santana, 188 — 1198 LISBOA CODEX
Tel. 53 88 71
E NAS DELEGAÇÕES DISTRITAIS

Cunhal em Coimbra

A oportunidade perdida?

Reduzir publicamente, perante algumas centenas de comunistas e seus aliados, as propostas de debate e renovação que conhecidos membros do PCP fizeram à direcção do seu partido, a meras incompreensões desses militantes face às «campanhas» ou «artimanhas» da direita, foi a tarefa levada a cabo a noite passada por Álvaro Cunhal no cine-teatro Avenida, em Coimbra.

À tarde, o écran da velha sala coimbrã exibira o filme «Alta Traição»(dentro de dias exibirá um outro, intitulado «As chaves do Poder»...), mas o secretário-geral do PCP não foi tão longe relativamente a esses camaradas como outros dirigentes e militantes mais distanciados da realidade. Os que no seio do PCP avançam com a proposta de um debate aberto e profundo não foram apelidados por Cunhal de «traidores» mas ficaram a saber que o líder histórico do PCP afirmou ser «inconcebível que haja camaradas que acreditem nos conselhos da direita para repensar o partido».

«Infelizmente, há camaradas nossos que não entendem esta campanha da direita...», insistiu Cunhal, como que associando as propostas desses militantes aos artigos, especulações e análises de jornais de direita ou «ditos de esquerda» que, considerou ainda, por vezes o «divertem um bocadinho...».

Entretanto, o dirigente comunista afirmou, em resposta a uma questão sobre a actual composição social da classe operária, que o problema «é real e importante» e que o PCP está a estudá-lo. Insinuou haver análises entre nós sobre o tema baseadas em estudos feitos na RFA ou em França para considerar que se deve partir da realidade e não da teoria. Adiantou, porém, haver já estudos sobre significativas mudanças sociais no Algarve, nomeadamente na agricultura, na indústria(os sectores conserveiro e corticeiro passaram de dez mil para cerca de 900 trabalhadores...), e na hotelaria e turismo, para acrescentar que seria «apressado» concluír que a realidade portuguesa é semelhante à daqueles países.

Disse, a propósito, não haver dados globais sobre a terciarização da sociedade portuguesa mas admitiu tratar-se de um «problema realmente importante» e disse haver partidos comunistas, casos do Terceiro Mundo, cuja base social de apoio não é o operariado.

O crescimento da luta dos trabalhadores contra o Governo Cavaco, que acusou de estar a fazer uma «revisão constitucional antecipada», a possibilidade de o PS se aproximar neste campo do PSD, o desejo de uma maior intervenção de outros orgãos de soberania(alusão a Belém), a necessidade de renovação dos métodos e das pessoas na direcção do PCP(«não nos venham agora dizer, de fora ou de dentro, que nunca pensamos nisso...»), o próximo congresso(«está-se já a estudar o local adequado...») e a «perestroika» que interpretou como «democracia socialista no Estado, no partido e na sociedade», foram temas igualmente focados pelo líder comunista.

As considerações de Álvaro Cunhal sobre o debate e a renovação do PCP propostos por conhecidos militantes terão agradado aos sectores mais acríticos ou amorfos do partido. Mas houve também(e não são poucos os que pensam deste modo) quem não gostasse do tom e do conteúdo da réplica do secretário-geral ao documento que lhe foi entregue por Vital Moreira e por outros prestigiados militantes comunistas.

«É pena, porque é uma proposta séria e honesta», comentava desiludido, no final, um assistente universitário.

Oportunidade perdida?

E. A.

PRD/Lisboa elege hoje nova direcção

"Vamos repensar o partido"

— declara Pegado Liz ao "DL"

«Reflectir sobre os erros passados e sobre as circunstâncias que estão na origem dos resultados eleitorais de 19 de Julho e, a partir daí, tirar ilações para o futuro, designadamente pondo a questão do partido que somos, que podemos ser ou que queremos ser», explicam, afirmou Pegado Liz ao «DL», a sua candidatura à direcção da comissão concelhia de Lisboa do PRD, cujo processo de eleição decorre hoje.

Outra razão adiantada por Pegado Liz, acompanhado na lista por vários fundadores do PRD, nomeadamente Teresa Barata Salgueiro, Alexandre Manuel, Rui Apolónia, Miguel Bastos, Feliciano David, Fernanda Laires, António Landeira e Carlos Alberto Mateus, foi o não aparecimento de outras candidaturas que defendessem «o mesmo conjunto de princípios e ideias».

Ainda segundo o futuro responsável dos renovadores lisboetas, esta eleição da concelhia distrital é apenas uma etapa para um «objectivo político mais vasto», nomeadamente o repensar do PRD na Convenção Nacional a realizar ainda antes de Abril próximo.

«Recomeçar diferente»

Sobre o «Recomeçar Diferente», lema do movimento por si encabeçado, Pegado Liz diz significar não a continuação do «caminho e estratégia» lançados na Convenção do Porto e que levou ao «desaire de 19 de Julho» mas antes «um certo retorno às origens do partido, aos seus princípios e à sua pureza iniciais, que quase totalmente se perderam» e que «é nas bases do partido, que menos foram atingidas pelo entorse e desvios a esses princípios, que é possível recomeçar».

«Diferente», por outro lado, nos objectivos, «sem perder de vista, a prazo, que um partido se constitui e existe para ser Poder e, em democracia, Poder passa por eleições», acrescenta Pegado Liz, assinalando «vários campos de intervenção e de dinamização social» do PRD, nomeadamente no exercício de uma «acção positiva de transformação de mentalidades, de denúncia de injustiças, de reivindicação de direitos, de protecção de minorias desfavorecidas, de desmitificação da própria actuação dos partidos políticos, em suma, de contra-poder».

Ainda segundo o dirigente renovador, haverá igualmente «diferença» nos métodos e processos de actuação interna, «privilegiando a transparência e assegurando a informação e a comunicação em todos os sentidos, incentivando a participação, mobilizando as vontades, estimulando as iniciativas».

Projecto demasiado ambicioso nas actuais circunstâncias? Pegado Liz admite que sim. «Mas é possível—explica— se conseguirmos interessar todos quantos ainda pensam que o projecto inicial de que o PRD se reclamou é válido, tem consistência, tem espaço e, fundamentalmente, tem futuro».

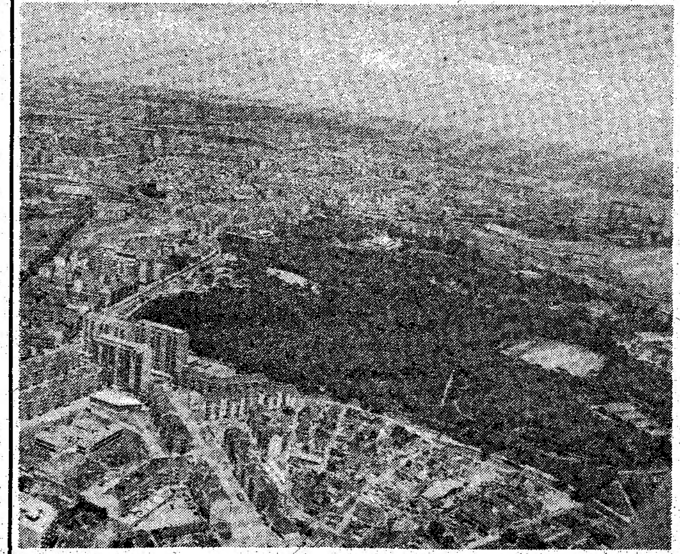
«Há compromissos»

Alexandre Manuel, jornalista, candidato à Mesa da Convenção distrital, defende, por sua vez, que a presença do PRD na vida política «talvez ainda venha a ser bastante importante» e recorda que há «compromissos assumidos com uma fatia razoável de eleitores que no projecto e em nós acreditaram, compromissos assumidos ainda com os portugueses e com a Democracia».

Onde ir buscar tantos milhões?

ALMADA QUER DAR-NOS OUTRA COSTA DE CAPARICA

Ideias não faltam, projectos há-os também, são dois os instrumentos para mudar radicalmente a Costa de Caparica: Frente Urbana da Costa e Frente Natural de Praias. Dois instrumentos que se fundem num plano. Isto e não só: pôr termo à construção clandestina em áreas consideradas críticas daquela faixa, designadamente a Fonte da Telha, Carrascalinho e a Coutada do Pinhal, é tarefa urgente. Há até quem defenda, com responsabilidades na imagem urbanística do concelho, que na zona da Fonte da Telha as únicas casas a manter deverão ser apenas as dos pescadores.



Mas a grande questão que se coloca em relação às linhas ontem traçadas pelo actual presidente da Câmara de Almada é apenas esta:

onde ir buscar tantos milhões? Diversas vias (uma turística), três campos de golfe, três unidades hoteleiras, quatro aldeamentos e centros hípicos.

Onde ir buscar tantos milhões para restituir a Costa de Caparica ao ordenamento que nunca teve, mas que se imagina que deveria ter, ou pelo menos que se apresenta como o ideal (e o possível): zona de turismo (de facto) e de lazer por excelência e ajuda alheia?

A Câmara Municipal de Almada firmou há cerca de cinco anos um protocolo com a Direcção-Geral do Património do Estado para pôr em ordem a Costa de Caparica. Nada avançou desde 1983 para cá, e salvo, da parte da edilidade, a preocupação em mandar fazer estudos, projectos e planos que, todavia, não foram accionados, muito embora o futuro seja hoje mais airoso que há um ano. Neste momento, os princípios orientadores da gestão urbanística para a Costa de Caparica são não apenas do conhecimento da Câmara, mas também do Ministério das Finanças e da Secretaria de Estado dos Recursos Hídricos e Ambiente.

A presidente do Município almadense — Maria Ermínia Sousa — espera que o plano (Frente Natural de Praias e Frente Urbana da Costa) seja rapidamente aprovada. Foi essa a esperança que manifestou ao «DL» ao responder a uma das questões postas pelo representante deste jornal durante a conferência de Imprensa que a CM ontem promoveu no Convento dos Capuchos, para apresentar publicamente a sua estratégia de gestão, os princípios orientadores para a Costa e os objectivos de ordenamento que têm orientado os seus planos urbanísticos nos últimos doze anos.

À espera de parecer do Governo

O protocolo de 1983 foi assinado pelo então ministro João Salgueiro, e o Plano atrás referido — para a Costa de Caparica — foi entregue em Abril de 1986 à Direcção-Geral do Ordenamento. Ficam estas duas referências para que se saiba como tudo isto se tem processado. Neste momento, é a SEA que tem nas suas mãos o Plano que visa tornar a Costa de Caparica num centro de lazer e turismo. É à Secretaria de Estado do Ambiente que compete dar parecer.

Ele é vital, porque a Câmara Municipal nada poderá fazer com o seu orçamento de 800 mil contos e os problemas que tem que resolver e responder noutras áreas. De resto, trata-se de «uma área de interesse nacional e internacional, com uma grande riqueza por e para explorar. Isto é: a intervenção da Administração Central torna-se fundamental, esperando a autarquia que não tarde muito. Assim o exigem as grandes, as enormes potencialidades da região, à mistura com um crescimento urbano e demográfico acelerados que depressa rebentaram com estruturas e infra-estruturas que não existiam. Na Costa de Caparica, a situação que se põe é recomeçar do zero. Ou quase.

Há para isso uma estratégia de desenvolvimento, tanto mais que a faixa e a zona se inserem marcantemente no plano de ordenamento de toda a costa azul e no plano integrado do distrito de Setúbal.

População, Estado e iniciativa privada

A população deve participar na recuperação e desenvolvimento da Costa de Caparica, diz a Câmara Municipal, do mesmo modo que a intervenção da Administração Central é decisiva (pelo que já se disse) na resolução dos inúmeros problemas colocados pela ocupação e «ordenamento» anárquicos da Costa, e se apresenta como fundamental e determinante a colaboração entre a iniciativa privada e as entidades oficiais.

É isto — e não é pouco — o que a Câmara Municipal de Almada pede, oferecendo uma faixa oceanica de doze quilómetros de praias, matas de muitos quilómetros quadrados, e uma arriba fóssil que é a única na Europa, segundo técnicos da CM. Aliás, nos princípios orientadores da gestão urbanística para a Costa, a edilidade destaca entre eles a preservação dos recursos naturais consubstanciados nas praias, garantir que as zonas do domínio público são efectivamente espaços abertos ao uso livre por toda a população, que deve participar no seu desenvolvimento.

Os «clandestinos» a norte da Fonte da Telha têm os «dias contados», disse Maria Emília de Sousa aos jornalistas, antes de inventariar o que considera prioritário no actual contexto em relação à recuperação da Costa de Caparica, zona de turismo e lazer: aprovação do Plano, execução do protocolo de 1983 e construção de vias. São elas: via turística, via de ligação do Lazarim ao terminal cerealífero da Trafaria, via variante da costa, duplicação da faixa de rodagem da via de ligação Costa/Trafaria e via intermunicipal 1-3.

A recuperação da Costa passa, como acima se disse, pelo areal da Frente Urbana, pela infra-estruturação e equipamento da Frente de Praias Naturais entre a Praia da Rainha e a Praia da Bela Vista, a defesa do cordão de praias integralmente naturais, entre a Bela Vista e a Aldeia de Pescadores da Fonte da Telha, a renovação das praias da Fonte da Telha e a defesa do seu estado natural.

O plano inclui ainda a manutenção do estatuto de reserva botânica da Mata dos Medos (anexando os terrenos do Pinhal Inglês, Zimbral, Courela do Pinhal e da base da Arriba entre a Foz do Rego e a Fonte da Telha), a construção de três campos de golfe na zona da Mata dos Medos (que ardeu em 1978) em articulação com a construção de dez unidades hoteleiras e quatro aldeamentos turísticos. Deste modo, a indústria turística e a população da área metropolitana de Lisboa poderiam utilizar, para além dos equipamentos de golfe e das praias, centros hípicos, complexos de piscinas, campos de ténis, rinques de patinagem, centros de apoio aos desportos náuticos e centros de estágio desportivo.

Sem incidentes

EDP TOMOU CONTA DA "LUZ" DO PORTO

O Conselho de Gerência da EDP tomou ontem, cerca das 15.30, posse da exploração dos Serviços Municipalizados de Gás e Electricidade do Porto. Ao acto esteve presente o Governador Civil do distrito, Fernando Vasconcelos, no cumprimento de uma directiva do gabinete do ministro do Planeamento e Administração do Território que determinava a execução do despacho do secretário de Estada da Energia do dia anterior. Entretanto, o PCP acusou os dois responsáveis governamentais de protegeram os grupos económicos interessados na distribuição de gás.

O Governador Civil Fernando Vasconcelos disse hoje de manhã ao «DL» que «tudo correu normalmente», apesar da ausência da Câmara Municipal do Porto e da administração dos SMGE. Pela parte destes serviços encontrava-se presente o director-delegado.

Simultaneamente à tomada de posse, a gerência da EDP difundiu um comunicado no qual afirma que a exploração dos SMGE «implica a recuperação do tarifário de energia eléctrica da cidade do Porto a partir do próximo mês de Abril». No texto afirma-se ainda que a exploração dos serviços pela EDP não impede que a câmara assuma a atribuição de ajuda económica aos consumidores considerados «débeis», o que vem levantar uma suspeita sobre o "timing" mais ou menos largo do ajuste de tarifas.

Recorde-se que ontem, o porta-voz do Ministério da Indústria e Energia afirmava ao «DL» que a recuperação tarifária deveria ser progressiva, «segundo um esquema semelhante ao estebelcido no protocolo» que chegou a estar acordado (pelo menos neste ponto) entre o município do Porto e a EDP.

No seu comunicado, aquele empresa pública refere ainda que «a posição da câmara, ao longo de dez anos de negociações, não só inviabilizou uma solução justa, como agravou uma situação que, neste momento, está a causar ao País milhões de contos de prejuízo».

A posição do município é conhecida: a Câmara Municipal do Porto considera isto «uma afronta ao poder local» e não reconhece dever os 40 milhões de contos reclamados pela EDP (a título de dívida acumulada devido à diferença das tarifas) devido ao facto de «a cidade do Porto não ter, como Lisboa, distribuição de gás doméstico e os investimentos dos SMGE (na campo da electricidade) terem sido feitos pela própria autarquia».

Como já anunciou, a Câmara do Porto vai estudar os aspecto jurídicos do caso e, eventualmente, recorrer para os tribunais.

Do lado da autarquia, já se manifestaram a União dos Sindicatos do Porto e a direcção regional do PCP. Os trabalhadores dos SMGE estão numa posição de atentismo: um responsável da comissão de trabalhadores defendeu a «intervenção negociada» da EDP na exploração, recusando, porém, que a empresa tome conta «só da tesouraria».

O PCP, em comunicado, considera a acção do Governo «inteiramente desprovida de base legal e constitucional», feita com «premeditação e má fé», referindo-se igualmente ao «grande aparato policial» com que o Governador Civil «ocupou pela força as instalações dos SMGE».

Fernando Vasconcelos, interrogado sobre este ponto, referiu que «houve, de facto, um reforço policial da zona, mas foi tão discreto que quem não soubesse não dava por nada. Lá dentro não havia qualquer polícia e cá fora havia uma meia dúzia dispersos». Fora de vistas, «havia uma carrinha com alguns polícias».

Por outro lado, o PCP liga «a ocupação e usurpação dos SMGEaos propósitos dos grandes grupos económicos protegidos pelo Governo PSD e, em particular,pelo ministro Valente de oliveira e o secretário de estado da Energia, Ribeiro da Silva, de obtenção de grandes lucros com a futura distribuição privada de gás canalizado na região do Porto».

Quatro crianças mortas num incêndio

Quatro crianças morreram asfixiadas num incêndio que ontem ao meio-dia deflagrou numa habitação em Arcozelo, concelho de Vimioso.

As crianças, de idades entre os sete meses e os quatro anos, encontravam-se no primeiro andar de um prédio apenas com dois pisos, verificando-se o sinistro durante a ausência dos pais.

Os bombeiros que retiraram os corpos já sem vida, são de opinião que o fogo teve origem num curto-circuito verificado no rés-do-chão, num palheiro ali existente.

A identidade das vítimas é a seguinte: Bruno Miguel Brás de Oliveira, de quatro anos, João Vítor, de três, José Carlos, de um, e Marta Alexandra, de sete meses.

O Incêndio foi combatido por 26 homens da corporação dos Voluntários de Vimioso, apoiados por cinco viaturas autotanques e duas ambulâncias.

Navio cipriota afundado ao largo dos Açores

O cargueiro cipriota «Rolândia» afundou-se ontem de madrugada a 400 milhas a norte da ilha açoriana de S. Miguel, receando-se que tenham morrido os seus 12 tripulantes — revelou o Comando Naval dos Açores.

Os tripulantes do navio, oito filipinos e quatro alemães-federais, ainda não foram encontrados pelos dois navios mercantes que se encontravam na área (um britânico e outro francês) alertados para a operação de buscas pelo avião «C-130» da Força Aérea Portuguesa enviado para o local.

Nas buscas foram já encontrados três salva-vidas vazios dos quatro que equipavam o navio, disse uma fonte do Comando Naval dos Açores.

«Prosseguem as operações para detectar o último», acrescentou a mesma fonte.

A indicação de que o «Rolândia», um cargueiro de 3000 toneladas, estava a naufragar foi recebida no centro de buscas do Comando Naval dos Açores cerca das 2h00 locais (3h00 de Lisboa).

Desconhecem-se, de momento, as causas do naufrágio do «Rolândia», que transportava uma carga de óxido de alumínio.

Segundo a Lloyds, não há vestígios dos tripulantes — desde que o navio se afundou, nada mais tendo sido avistado do que as três jangadas e o barco salva-vidas vazios.

Entretanto, prosseguem hoje as buscas encetadas por dois cargueiros e um avião «Hércules».

São quase dezasseis mil

BARRACAS DE LISBOA PREOCUPAM A ASSOCIAÇÃO DE INQUILINOS

A Associação de Inquilinos de Lisboa prepara o lançamento de uma campanha de solidariedade para com os habitantes das 15 730 barracas oficialmente existentes na capital e vai promover em Maio um encontro alargado sobre os bairros degradados — foi ontem anunciado em Lisboa.

Numa reunião de iniciativa daquela Associação, representantes de Juntas de Freguesias, colectividades, comissões de moradores e outros decidiram constituir uma comissão coordenadora para organizar o referido encontro sobre os bairros degradados, o primeiro do género a realizar na capital.

Um dos objectivos da Associação e da Comissão Coordenadora é fazer um levantamento das carências das 48 121 pessoas (números oficiais) que vivem nas barracas lisboetas.

«E preciso estudar e analisar o que se passa, iniciar um movimento de opinião sobre a questão das barracas, porque existe actualmente um esquecimento da sociedade em relação ao problema», disse à Lusa o advogado da Associação de Inquilinos de Lisboa, Vítor Costa.

O presidente da Associação, Eugénio Ramos, afirma ser necessário implementar «já um conjunto de medidas para minorar as péssimas condições de vida dos habitantes dos bairros degradados».

Os responsáveis da Associação consideram que «não se podem mandar abaixo as barracas de um momento para o outro, mas podem-se fazer melhoramentos a nível de iluminação, arruamentos e escolas, por exemplo».

Vítor Costa salientou que o plano de intervenção a médio prazo, promovido no ano passado pela Câmara Municipal de Lisboa para resolver a situação habitacional de 55 por cento dos habitantes das barracas, esta já com «um grande atraso».

O plano — disse — prevê o investimento de 4,5 milhões de contos, em 1988, para a primeira fase da construção de cerca de mil fogos, ao longo de sete anos.

No orçamento camarário aprovado quarta-feira, «apenas estão incluídos cerca de 1,250 milhões de contos, 28 por cento dos tais 4,5 milhões de contos que deveriam surgir este ano», salientou o advogado da Associação.

As entidades financeiras do plano são o Instituto Nacional de Habitação e o Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado.

O Plano de Actividades da Câmara Municipal para este ano — disse Vítor Costa — «apenas diz estarem garantidos os 28 por cento e admite que possam ser garantidos somente 59 por cento dos 4,5 milhões de contos».

Segundo a Associação, entre 1975 e 1986 apenas foram construídos em Lisboa 12 138 fogos de habitação social, através da Câmara Municipal de Lisboa, Fundo de Fomento de Habitação e cooperativas de habitação.

Vítor Costa salientou que o número de fogos construídos para habitação social em Lisboa pela Câmara Municipal tem vindo a diminuir nos últimos anos, passando de 823 em 1982 para 205 em 1986.

Os dirigentes da Associação de Inquilinos de Lisboa defendem a realização de contratos de desenvolvimento para habitação, de que apenas um foi efectuado até agora, em Lisboa.

Salientam que é necessária a colaboração tanto da Câmara Municipal e do Governo como dos construtores civis.

A ideia — explicaram os dirigentes da Associação — é que a Câmara Municipal ponha os terrenos à disposição, facilite as taxas e financie os projectos, enquanto os construtores civis constroem «com o compromisso de integrarem também a habitação social».

Em Lisboa, «com este ritmo, o plano não estará pronto em 7 anos, mas apenas em 70», concluiu Vítor Costa.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

BOM. Pelos modos vamos ter de ficar por aqui a tarde toda. Aquilo não é chuva, é dilúvio. Nenhum de vocês, com certeza, quer sair nestas condições. Era uma gripalhada de todo o tamanho. Não há solução. A tarde é toda nossa e vamos ter de preenchê-la de qualquer maneira. Podíamos, por exemplo, tratar de futebol. É uma tradição nacional falarmos de futebol, não estão de acordo? Bem, de facto, o Porto já leva uma dianteira tão folgada que já nem vale a pena falar nisso, é uma questão ultrapassada. Não há direito. Se o Benfica se atrasa, lá fica o País sem conversa. Este, o drama da nossa actualidade. Adiante. Podíamos também falar na Bolsa, eh, eh, pronto, desculpem lá, eu não sabia que era corda em casa de enforcado, apenas me pareceu um assunto interessante, ainda ontem por acaso, ouvi no **Jornal das Nove**, *que... cala-te, boca, nem mais uma palavra, com mil diabos, como é que eu ia adivinhar que vocês todos tinham ido no embrulho? Vejamos outra coisa. Enquanto a chuva não pára, e julgo que vai demorar muito tempo, podíamos conversar sobre o* **Totoloto**. *Trocávamos impressões, discutíamos métodos, organizávamos umas vaquinhas, enfim. Percebo. Como se diz na política, esta proposta encontrou pouca receptividade. É natural, cada qual possui os seus métodos, os seu processos que não querem revelar. Mudemos de assunto. Que tal SIDA? Acabou-se, manos, não está aqui quem falou. Fora com SIDA. Que tal uma conversa sobre a pesca, ou sobre a caça submarina? Tá visto. Não tem quorum. Podíamos, então, conversar sobre o* **Roque Santeiro**. *Não querem? Então, meus senhores, decidam-se uma vez por todas. Temos de encontrar um assunto para nos entretermos durante uma tarde de chuva. Claro que não é fácil. O Telejornal que o diga. Já sei! Meus senhores, acabo de descobrir um assunto que nos vai entreter: Timor, o problema de Timor. Estão a ver, acabamos sempre por encontrar. Quem quer primeiro usar da palavra?*

Favorecimento do CEEETA não era ilegal

MAIS DE MIL PAGINAS PARA ILIBAR PIMENTA E MACÁRIO

O primeiro-ministro Cavaco Silva recebeu, em meados desta semana, o relatório da Procuradoria Geral da República sobre o chamado caso CEEETA, segundo apurou o «DL». Desse relatório, segundo se infere de uma nota do Procurador Geral, Cunha Rodrigues, o CEEETA sai limpo e o caso arquivado.

A transformação do Centro de Estudos de Economia da Energia, dos Transportes e do Ambiente em "caso" operou-se quando o ex-presidente da EPAL, Van Hoof Ribeiro pediu um inquérito à sua própria acção à frente daquela empresa pública, que rapidamente envolveu a acção dos secretários do Ambiente e o CEEETA. Entretanto, saiu um inquérito preliminar da Alta Autoridade Contra a Corrupção que ilibava Van Hoof Ribeiro de qualquer ligação com grupos estrangeiros e o elogiava (mas Van Hoof Ribeiro continua desempregado), simultaneamente com as conclusões da AACC sobre o CEEETA (entregues também a Cavaco), que serviram de ponto de partida à investigação judicial.

A Procuradoria ouviu várias dezenas de pessoas e, para além de um relatório com três volumes e um anexo, totalizando 1327 folhas, publicou um despacho sobre as conclusões, o que não é vulgar acontecer.

Do apurado resulta que os organismos da Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais (SEARN) que assinaram contratos de prestação de serviços com o CEEETA tiveram sempre a aprovação do secretário de Estado (membro, qualquer deles, do CEEETA) do Tribunal de Contas e, num caso, do ministro Valente de Oliveira (ele próprio "master of science" numa das áreas em que o CEEETA actuava).

«A escolha do CEEETA como prestador de serviços fez-se com observância da lei e sem desvio do poder», refere o texto, acrescentando que foram respeitadas as normas dos contratos, que não eram feitos por concurso público ou limitado ao abrigo da lei 211/79.

A Procuradoria considera ainda que a situação de Pimenta e Macário Correia como membros do CEEETA e secretários de Estado que aprovavam as encomendas a este «não determinava causa legal de impedimento». Mais: «nenhum indício aponta para a interferência, no processo de formação da vontade (dos secretários de Estado, certamente), de outro critério que não o do interesse público, concretizado na capacidade técnica e científica assegurada por aquele centro».

O Procurador, que define o CEEETA como «associação de carácter técnico e científico, integrada na Universidade, e sem fins lucrativos», deve ter ouvido técnicos independentes sobre a qualidade e a relação qualidade-preço dos trabalhos produzidos pelo CEEETA, como se depreende da sua observação sobre a qualidade das produções do centro.

Foi apurado que o CEEETA só viu, na biblioteca científica da SEARN, os documentos a que estava autorizado, no respeito da lei e dos interesses do Estado.

Sobre a história dos telexes, a Procuradoria Geral da República reconhece que a sua utilização não estava prevista no protocolo assinado entre a SEARN e o CEEETA mas «representou, na circunstância, um benefício para o Tesouro, por evitar a requisição de uma nova instalação que ficaria subaproveitada». Ou seja: caso o CEEETA não utilizasse o telex da SEARN, a SEARN teria de alugar um telex só para o CEEETA?

Nas contas do CEEETA não foram encontradas irregularidades «nem se apurou a existência de pagamentos a qualquer dos elementos que, em representação do Estado, intervieram na celebração dos contratos» entre o CEEETA e a SEARN.

Finalmente, segundo se depreende da nota, a Procuradoria investigou factos «desde 1985 e, pelo menos, até Maio de 1987». O CEEETA, porém, começou a funcionar em 1983 e ainda esta semana estava instalado, em parte, na Secretaria de Estado do Ambiente.

No "Bairro dos Pescadores", na Quarteira

Câmara de Loulé demoliu mais vinte "barracas"

Duas dezenas de casas, situadas no denominado «Bairro dos Pescadores», na Quarteira, foram ontem demolidas numa operação coordenada pela Câmara Municipal de Loulé.

As pessoas agora desalojadas foram transferidas para um bloco social construído pela autarquia, destinada a receber um total de 128 famílias que, no seu conjunto, estão a viver naquele bairro.

A operação de demolição das barracas e transferência dos moradores vai prosseguir nos próximos dias, mas não vai resolver ainda a totalidade dos clandestinos existentes que ali permanecerão até que a Câmara arranje habitação alternativa.

O **Bairro dos Pescadores** de Quarteira é um bairro «clandestino» onde, inicialmente, os pescadores da localidade guardavam os aparelhos de pesca. Mas, com o tempo, passou a ser ocupado por pessoas sem ligação à vida do mar.

Presentemente, o bairro é considerado pelas autoridades como um «antro de droga e prostituição», tendo sido alvo recentemente de várias operações policiais no combate à criminalidade, como o «DL» já por diversas vezes noticiou.

CARRIS

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

POSIÇÃO DA EMPRESA PERANTE O SURTO DE PARALISAÇÕES QUE TEM AFECTADO O SEU NORMAL FUNCIONAMENTO

Perante a persistência da situação de crise que envolve a Carris e que se projecta, com elevados custos sociais, para a comunidade envolvente, a Administração da empresa entende de sua obrigação assumir com transparência, perante a opinião pública, as razões que justificam a sua posição no processo conflitual em que se encontra envolvida.

1. A configuração jurídico-estatutária da empresa determina uma dependência tutelar que tem, naturalmente, duas vertentes, ou seja, a de uma tutela política e a de uma tutela accionista.

2. No processo negocial de revisão do AE da Carris, a Administração da empresa não pode deixar de cumprir, como é óbvio, orientações da sua tutela accionista.

3. Tanto o accionista com a sua administração assumem, com solidário sentido de responsabilidade, o respeito dos princípios consignados no acordo firmado no Conselho Permanente de Concertação Social, os quais se transcrevem seguidamente na parte que interessa:

«11. Em suma, em matéria de preços e salários, o Conselho Permanente de Concertação Social acorda nas seguintes directrizes para 1988:

11.1 As empresas deverão procurar actualizar os seus preços o mais moderadamente possível, gerindo-os, em termos anuais, com respeito pelos referenciais de inflação 'esperada' estabelecidos no n.º 5;

11.2 As empresas deverão procurar moderar a distribuição de lucros e reforçar a retenção e o reinvestimento produtivo dos mesmos;

11.3 Os Sindicatos e as Associações de empregadores ou as empresas deverão procurar conduzir as negociações salariais de modo a que o acréscimo da **massa salarial per capita** seja fixado de acordo com a taxa de inflação 'esperada', conforme o n.º 5, mais o acréscimo da produtividade 'esperada' do respectivo sector ou empresa, conforme o âmbito do acordo;

11.4 Os Sindicatos e as Associações de empregados ou as empresas deverão ter em devida conta a situação financeira das empresas e a conjuntura do sector.»

4. A taxa de inflação «esperada», para o período a que se reporta o AE da Carris, é de 6%.
No respeito pelos termos do acordo, resta avaliar os eventuais acréscimos de produtividade previstos para 1988 relativamente a 1987, tendo embora em devida conta a situação financeira da empresa e a conjuntura do sector.

5. O acréscimo de produtividade previsto para a Carris em 1988 é baixo, não tendo qualquer fundamento alguns valores que têm vindo a ser divulgados em órgãos de comunicação social, da ordem dos 3-3,5%.
Em qualquer caso, só está em causa a discussão da componente «produtividade», contrariamente ao que continuam a ser as reivindicações dos sindicatos da UGT e da CGTP/IN.

6. A situação económico-financeiro da empresa – factor a ter em devida conta – traduz uma grande dependência dos fundos públicos e uma frágil estrutura financeira.
Para assegurar a sua mera exploração corrente, a empresa recebeu do Estado, em 1987, uma verba de 7 milhões de contos, a título de indemnização compensatória, e, não obstante uma política de grande contenção de custos, fechou o seu exercício com um resultado líquido negativo de cerca de 450 mil contos.
Em 1988 a situação não será mais favorável.

Decorre do exposto que a actual proposta da empresa, cifrada num aumento de 6,5% da massa salarial «per capita», é susceptível de alguma evolução negocial, no estrito quadro do acordo firmado no Conselho Permanente de Concertação Social, mas tal exigirá que os Sindicatos se foquem sobre a realidade da empresa e assumam um diálogo objectivo e responsável, por de mais ausente até à data.

Lisboa, 28 de Janeiro de 1988

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

CARRIS
COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL

Semáforos por vezes complicam o trânsito

Os semáforos, que substituíram os sinaleiros na regularização do trânsito, estão a ser prejudiciais à circulação de viaturas durante cerca de onze horas por dia, afirmam vários condutores, em especial os que circulam entre as 21 e as oito horas.

Enquanto os sinaleiros cortavam o trânsito num sentido e abriam para o outro em função da intensidade de viaturas que se apresentavam dos vários sentidos, o semáforo funciona por períodos sincronizados, por vezes em desacordo com a afluência de viaturas e das direcções que pretendam tomar.

É reconhecido que sem os semáforos as grandes cidades seriam intransitáveis, mas também é verdade que durante a noite, madrugada e princípio da manhã, com trânsito bastante reduzido, os semáforos são a causa de demoras desnecessárias, aumento de consumo de combustíveis e subsequente poluição atmosférica.

Se pudéssemos somar os minutos que uma viatura aguarda a luz verde, sem que outras se apresentem para utilizarem o cruzamento, verificar-se-ia que milhares de horas são perdidas e muito combustível é consumido sem necessidade.

Haveria toda a vantagem de durante as horas de menos trânsito os semáforos apresentarem apenas a luz amarela intermitente, que obriga os automobilistas a conduzirem segundo as regras de prioridade estabelecidas pelo Código.

Permitia ainda atribuir responsabilidades quando de colisões nos cruzamentos, a horas mortas, em que ambos os motoristas afirmam que passavam com a luz verde. Nestas condições a culpa seria atribuída com facilidade segundo as normas reguladoras de trânsito.

Bom dia para conduzir

O bom tempo, que parece voltar, permitirá que os automobilistas conduzam hoje com maior segurança, prevê o capitão Trindade, da Brigada de Trânsito da GNR. Informou ser reduzida a circulação esta manhã nas estradas, onde nas últimas 24 horas, que terminaram ontem ao meio-dia, se registaram 91 acidentes, de que apenas resultou uma morte.

Teme-se, no entanto, que este número que está bastante abaixo da média diária (5) aumente este fim-de-semana.

Também optimista quanto ao tempo, estava esta manhã o chefe Maravilha da Divisão de Trânsito da PSP de Lisboa. Às oito horas podia considerar-se nulo. Não prevê grandes complicações na cidade durante todo o dia e que nas últimas 24 horas, até às zero de hoje, não se verificaram acidentes dignos de registo especial.

Por seu lado, a GNR do posto de Sacavém deteve, na madrugada de ontem, um jovem de apelido Chaves, de 21 anos, residente na Bobadela, após diligências que permitiram identificá-lo como autor do assalto ao motorista de táxi de apelido Pintassilgo, quando este executava um serviço num local ermo no Bairro da Castelhana, S. João da Talha, às três da madrugada de domingo último.

GALP
DINAMIC
Gasóleo

Durante o ano de 1986

DROGA LEVOU 1826 PESSOAS À PRISÃO

— 32% dos traficantes eram estrangeiros

As forças policiais detiveram em 1986 um total de 1826 pessoas entre 2047 identificadas como presumivelmente envolvidas em actividades de tráfico ou consumo de drogas, apurou o «DL» junto do Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga (GPCCD).

Em relação ao ano anterior, estes números correspondem a um significativo acréscimo de 48% dos detidos (1230 em 1985) e de 39% do total dos presumíveis infractores (1471 em 1985).

Entre os 2047 presumíveis infractores identificados em 1986, 1128 eram suspeitos de consumos ilícitos de drogas, 597 de tráfico e 322 de consumo e tráfico simultâneamente.

Entre os 1128 consumidores 58 eram estrangeiros (5%), enquanto que no caso dos 322 consumidores e traficantes os não portugueses eram 24 (7%). Quanto aos traficantes, mantendo-se embora a predominância dos presumíveis infractores portugueses, os estrangeiros eram em percentagem muito superior ao que se verifica nas categorias precedententes. Com efeito, em 597 identificados, os estrangeiros eram 196, ou seja, 32% do total.

Até ao momento presente os serviços coordenadores do combate à droga ainda não dispõem de informações bastantes para avaliar o número de detidos que acabaram por ser levados a julgamento, nem tão pouco daqueles que foram condenados. Apesar dos esforços desenvolvidos e das determinações existentes nesse sentido, muitos tribunais continuam a não enviar ao GPCCD as sentenças relativas a casos de droga, razão pela qual estão apurados os dados respeitantes às condenações a nível nacional.

De acordo com os elementos recolhidos por aquele organismo, 92% dos presumíveis infractores de 1987 eram homens, 28,5% tinham idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos e 56,5% entre os 21 e os 29 anos. Quanto ao nível de instrução 2,5% tinham instrução superior e 41,5% secundária. 38% eram desempregados sem filhos e 35% empregados também sem filhos. Finalmente, a grande maioria, ou sejam 58%, tinham o seu domicílio em casa dos pais, enquanto que só 12% é que viviam com cônjuges ou amantes em casa própria.

Apreensões de droga e dependências comprovadas

Em relação às apreensões totais de droga durante o ano de 1986, o nº2 do boletim «Divulgação», agora distribuído pelo GPCCD, indica que foram apreendidas em Portugal, pelas diferentes autoridades, 18,8 Kg de heroína, 164,6 Kg de cocaína, 5384 Kg de haxixe e 147 Kg de marijuana. Comparativamente a 1985, estes números representam um acréscimo de mais de 100% (com excepção da marijuana, cujas apreensões desceram bastante), mas situam-se próximo dos de 1984, ano em que as apreensões totais atingiram os valores mais altos dos últimos cinco anos.

Apreensão das principais drogas entre 1982 e 1986 *(em kg)*

ANOS	TOTAL (kg)	DROGA			
		Heroína	Cocaína	Haxixe	Marijuana
TOTAL	17 130,310	47,152	345,825	14 399,837	2 337,496
1982	1 186,558	0,751	4,338	1 120,733	60,736
1983	1 131,987	5,839	46,463	240,736	838,949
1984	6 465,188	18,194	60,392	5 815,851	570,751
1985	2 631,157	3,525	69,964	1 837,991	719,677
1986	5 715,420	18,843	164,668	5 384,526	147,383

Dependentes comprovados por tipo de droga, entre 1979 e 1986, *(apenas no Centro de Estudos de Profilaxia da Droga)*

Tipo de Droga	ANOS								
	Total	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Total	2 980	178	333	—	—	459	738	696	576
Opiáceos	1 939	39	73	—	—	201	483	611	532
Cannabis	254	51	101	—	—	47	27	17	11
Politóxicos e fármacos	439	82	159	—	—	77	68	46	7
Cocaína	14	6	—	—	—	1	3	2	2
Não identificados	334	—	—	—	—	133	157	20	24

Segundo a mesma fonte, o número de casos de dependência física e/ou psicológica de drogas, comprovados em 1986 foram de 576, valor que traduz uma diminuição em relação aos 696 casos de 1985 e aos 738 de 1984. O total dos casos confirmados desde 1979 eleva-se a 2980.

Estes dados correspondem no entanto, tal como sublinha o GPCCD a aspectos parciais da realidade portuguesa, uma vez que resultam, em exclusivo, da actividade do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga e das suas direcções regionais, sem ter em conta o que se passa noutros serviços públicos ou instituições privadas.

Dos 576 novos casos de dependência confirmados pelo GPCCD 531 referem-se à heroína (92%) e 80% deles dizem respeito a maiores de 21 anos.

Por último, quanto às admissões a tratamento nos serviços do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga, em 1986, o boletim «Divulgação» refere 801 novos casos, 301 dos quais no norte, 164 no centro e 336 no sul. Dos 801 casos apontados, 633 são consumidores habituais, 89 consumidores ocasionais, 42 indivíduos em risco e 37 referem-se a outras situações.

Diz o ministro da Justiça

Julgamento do "Setúbal Connection" vai realizar-se

O ministro da Justiça, Fernando Nogueira, disse ontem que o julgamento do processo do contrabando de Setúbal, conhecido por «Setúbal Connection», vai realizar-se.

Questionado pela Lusa, sobre opiniões de alguns magistrados que admitiram a hipótese da não realização do julgamento, o titular da pasta da Justiça disse que, «para prestígio da própria Justiça, acredita na realização do julgamento, muito embora possa existir morosidade».

Fernando Nogueira falava após a visita que efectuou ao Tribunal Judicial de Setúbal, onde anunciou melhoramentos e referiu que «o regime democrático não pode ser afectado. O próprio prestígio do poder judicial não pode ser abalado e o julgamento tem que ser feito».

O processo do «Setúbal Connection», que tem mais de trinta presumíveis implicados, entre eles elementos da Guarda Fiscal, PSP e um ex-magistrado do Ministério Público, conheceu vários recursos desde 1984.

Solicitado a comentar o facto de ter sido negado o pedido de «habeas corpus» a Otelo Saraiva de Carvalho e a outros detidos das FP-25, Fernando Nogueira disse: «Não tenho que comentar a decisão dos tribunais».

Traficantes de droga respondem no Funchal

Quinze indivíduos, um dos quais ausente da região, acusados de envolvimento numa rede de traficantes de droga e de vários assaltos, começaram a ser julgados no Tribunal do Funchal.

Os réus presentes nas sessões, um dos quais do sexo feminino, são acusados, entre outros actos, de terem participado no assalto a uma ourivesaria do Funchal, ocorrido em 1987 e terem transaccionado dois quilos de haxixe em Novembro de 1986 e uma segunda remessa de cinco quilos em Janeiro de 1987.

O grupo é acusado de ter procurado vender, em Lisboa, o produto do assalto à ourivesaria, para com o dinheiro adquirir estupefacientes.

As sessões, presididas pelo juiz de círculo Ferreira Neto, decorrerão até final da próxima semana, e nelas deverão ser ouvidas 93 testemunhas.

Um dos acusados, Daniel, conhecido por «Sacramento», está a ser julgado à revelia. O grupo é ainda acusado de «ofensas corporais» a várias pessoas, tendo sido apreendida a um dos detidos uma arma de fogo.

Funcionalismo tem nova tabela

VENCIMENTO DO DIRECTOR-GERAL AUMENTA PARA MAIS DE 126 CONTOS

Letra "A" vale 119 500 e a "U" apenas 28 200$00

O vencimento mensal de um director-geral ou para cargos equiparados aumentou para 126 700$00 (sem diuturnidades), nos termos de um diploma hoje publicado na folha oficial que acompanha um outro, o qual, por seu turno, estabelece que os chefes da Casa Civil e Militar do Presidente da República e chefes de gabinete auferem o mesmo ordenado do director-geral. Os assessores do PR, do gabinete do Primeiro-Ministro e adjunto principal do ministro da República vencem 85 por cento da mensalidade ilíquida do director-geral, os adjuntos de gabinete 80% e os secretários pessoais 55 por cento.

O diploma hoje publicado no «Diário da República» determina que o funcionário/agente da administração pública central e local da letra «A», sem diuturnidades, aufira 119 500$00 (com cinco diuturnidades 135 600$00), letra «B» 108 500 (124 mil escudos com cinco diuturnidades), 99 500 para a «C», letra «G» (para não maçar muito o leitor com as «letras em dia») 67 400 (mais 13 800 se tiver cinco diuturnidades), letra «J» (avançando mais duas) 51 500$00 e, por aí abaixo, até às menos contempladas, porque enquanto não se inverter o vício dos aumentos percentuais neste País, cavam-se mais profundas as diferenças entre, muitas vezes, necessidades idênticas.

Assim, os menos bafejados passarão a receber, segundo o diploma hoje vindo a público na folha oficial, letra «R» 33 500$00 (mais 13 150$00 com cinco diuturnidades), letra «S» 31 800$00 (44 850$00), letra «T» 30 300$00 (42 500$00) e a última, a «U», apenas 28 200$00. Mais 2950 escudos se tiver uma diuturnidade, 5 100$00 no caso de serem duas, 7 350$00 se forem três, 9500 se forem quatro e 12 600 escudos se forem cinco.

O vencimento mensal para cargos equiparados a director-geral subiu para 126 700$00, o do equiparado a subdirector-geral é fixado pelo diploma em 117 200$00 (mais 16 150 no caso de ter cinco diuturnidades), o director de serviços passa a receber (sem diuturnidades) 107 300$00 (mais 15 500 se tiver cinco diuturnidades), o chefe de divisão ou equiparado 100 500$00 (115 800 por cinco diuturnidades), o director delegado do Grupo III 99 100$00 (e mais se tiver diuturnidades), o chefe de serviço administrativo do Grupo III e restante 80 800$00, o chefe de contabilidade e exploração 73 300$00 e o chefe do serviço administrativo do Grupo IV, sem diuturnidades, 67 800$00. Nestes três últimos vencimentos acrescentem-se as diuturnidades, se disso for caso.

O diploma actualiza, para vigorar este ano, as remunerações-base, pensões, ajudas de custo, subsídio de refeição e prestações da ADSE dos trabalhadores da Administração Pública, os quais, pelo menos no primeiro caso, já se aperceberam disso. O aumento da remuneração-base é da ordem dos 6,5 por cento e conjuga-se com a redução da carga horária de trabalho, conforme consta das negociações levadas a cabo. As pensões também são aumentadas na mesma percentagem, ao passo que a subida das diuturnidades é da ordem dos 7,5 por cento.

O montante do subsídio de refeição é fixado em 275 escudos e a comparticipação da ADSE nas consultas em regime livre sobe para 550$00, isto é, consagra um aumento médio global de 6,5 por cento.

Quanto às ajudas de custo, igualmente assinaladas no diploma que Cavaco Silva e Miguel Cadilhe assinam, passam a ser de 5000$00 para os membros do Governo, para cinco contos nas categorias superiores à letra «D», de 4200$00 da «D» à «H» e de 3800 escudos para as outras.

CRINABEL lança peditório nacional

A CRINABEL, cooperativa de educação de crianças inadaptadas, reconhecida como Instituição de Utilidade Pública, vai efectuar nos próximos dias 2, 3 e 4 de Fevereiro um Peditório a nível nacional, destinado a angariar fundos indispensáveis para o prosseguimento dos seus fins.

Criada depois do 25 de Abril por um grupo de pais de crianças com atrasos globais no desenvolvimento, a CRINABEL não tem fins lucrativos e prossegue, desde então, uma meritória obra de reabilitação de crianças e jovens para a vida e para a sociedade, através de metodologias de ensino sistemático e de modificação de comportamento.

Dada a escassez dos subsídios estatais, que estão longe de cobrir as despesas exigidas por um ensino que requer muito pessoal especializado, a CRINABEL recorre anualmente a peditórios de âmbito nacional.

Num encontro a realizar esta tarde na Cornucópia

Pezarat Correia e Carlos Fabião estão "solidários" com Otelo

O brigadeiro Pezarat Correia, os coronéis Carlos Fabião e Baptista, o major Mário Tomé e o capitão Cuco Rosa encontram-se entre os militares que apoiam o encontro de «informação e solidariedade para com o tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho», a realizar esta tarde, entre as 14 e as 20 horas, no teatro da Cornucópia, em Lisboa.

Os promotores do encontro, em que aparecem ainda nomes, como os de Baptista-Bastos, Maria do Céu Guerra, Carlos Avilez, Alcina Bastos, Hélder Costa, Luísa Irene Dias Amado, Maria Margarida Abreu Metelo, Luís Cília, Luís Miguel Cintra, Eduardo Pires, Luís Vicente, Pompeu José e Vitorino, entre outros, afirmam entender «que há alturas, na História, em que o silêncio equivale a uma demissão, a uma cumplicidade ou a uma absurda negligência, pois esquecer, ou, pelo menos, não relembrar Otelo e a sua clausura será, porventura, uma tácita colaboração com a tendência do Poder para a instrumentalização.

Recorde-se que Otelo e mais doze réus no processo do «Caso FP-25» viram esta semana o seu pedido de «habeas corpus» ser recusado pelo Supremo Tribunal de Justiça.

CARRIS

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

SERVIÇO ALTERNATIVO DE TRANSPORTES, POR MOTIVO DE PARALISAÇÕES DA REDE DA CARRIS, EM PERÍODOS DIÁRIOS DE 4 HORAS, NO DECURSO DA SEMANA DE 1 A 5 DE FEVEREIRO

Como é do conhecimento público, estão anunciadas para a semana de 1 a 5 de Fevereiro novas paralisações do serviço da CARRIS, por períodos diários de 4 horas — diversificados ao longo da semana —, que afectarão fortemente o sistema de transportes explorado pela empresa.

No sentido de minimizar os efeitos resultantes das referidas paralisações, e tendo em conta os custos sociais da sua persistência, a Carris manterá o serviço alternativo que tem vindo a prestar ultimamente.

LINHAS ALTERNATIVAS PRESVISTAS

A – Moscavide-Praça do Comércio
B – Moscavide-Areeiro
C – Calçada de Carriche-Entrecampos
D – Pontinha-Sete Rios
E – Portas de Benfica-Sete Rios
F – Algés-Praça do Comércio
G – Alcântara-Praça do Chile
H – Algés-Rot. Cabo Ruivo
I – Sete Rios-Entrecampos
J – Galinheiras-P. Alvalade
L – Calvário-Areeiro

HORÁRIOS

O serviço alternativo será assegurado nos seguintes períodos de paralisação de serviço:

1/2/88 (2.ª feira) .... das 05.00H às 09.00H
2/2/88 (3.ª feira) .... das 16.00H às 20.00H
3/2/88 (4.ª feira) .... das 05.00H às 09.00H
4/2/88 (5.ª feira) .... das 10.00H às 14.00H
5/2/88 (6.ª feira) .... das 16.00H às 20.00H

Espera-se garantir um intervalo máximo de 10 minutos.

PARAGENS

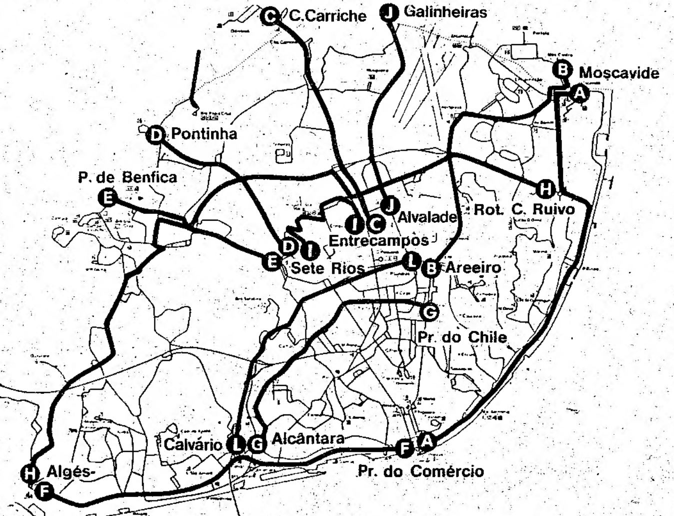
As paragens serão as habituais das carreiras da CARRIS nos mesmos percursos.

TÍTULOS DE TRANSPORTE

Serão aceites os títulos de transporte habituais da CARRIS (passes e bilhetes pré-comprados), mas não haverá venda de bilhetes nos veículos.

IDENTIFICAÇÃO DOS VEÍCULOS

Os veículos serão identificados por letreiros bem visíveis, com indicação de «AO SERVIÇO DA CARRIS» e da linha em que operam.



COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

Exposição de Salgado Zenha ao Provedor de Justiça

Continuação da pág. 3

Supremo Tribunal de Justiça ou cortaram-lhes o recurso para o Supremo, limitando-o à Relação noutros casos.

E tudo isto fazendo-o depender do momento em que fôr proferida a decisão recorrida!!!

10. É, de facto, um retrocesso profundo em relação à própria prática legislativa vigente no tempo do dr. Salazar em que a matéria das alçadas era sempre regulada pela lei em vigor ao tempo da propositura da acção (veja-se, entre outros, o disposto no art. 3, n.° 2, do Decreto-Lei N.° 29 950, de 30 de Setembro de 1939). Ou seja, as novas leis restritivas dos direitos ao recurso não se aplicavam aos processos já pendentes na altura da sua entrada em vigor.

Era a única doutrina consentânea com a justiça, a lealdade e a equidade processual.

11. Doutrina essa que sempre foi mantida como uma ilha de liberdade no tempo da Ditadura, como se pode ver do art. 49 do Estatuto Judiciário de 1944 (Decreto-Lei N.° 33 457 de 23 de Fevereiro de 1944), que dispunha:

«A matéria de alçadas é regulada pela lei em vigor ao tempo da propositura da acção, o mesmo se observando quando a forma de processo for função da alçada.»

12. E o mesmo se preceituava no Estatuto Judiciário anterior, aparecido em plena Ditadura Militar (vid. seu art. 77, parágrafo 2.° e dr. José Alberto dos Reis, Comentário ao Código do Processo Civil, vol. 1.°, a pags. 5).

13. O mesmo procedimento respeitador da equidade processual foi mantido pela Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais de 1977 (Lei 82/77, de 8 de Dezembro) que no seu art. 90 prescreve que as disposições inovatórias sobre alçadas não se aplicam aos processos pendentes à data da entrada em vigor da lei.

14. Como é possível então esta reviravolta agora num «Estado de Direito Democrático», como o refere o art. 2 da Constituição?

Poderá aventar-se que esta disposição se destina a desembaraçar os tribunais de recurso de um afluxo de trabalho excessivo. Mas situações análogas se verificaram outrora e não se pensou então em sacrificar a justiça à utilidade.

O que separa em determinados aspectos a Ditadura de uma Democracia é que na primeira prevalece o princípio da utilidade sobre o princípio da justiça, na segunda prevalece o princípio da justiça sobre o princípio da utilidade.

De lamentar é que, nestes tempos de Democracia se tenha de apontar como o recto caminho aquele que nem no tempo da Ditadura se ousou violar, mas que é sacrificado agora.

15. Acresce que, nos termos do art. 16, n.° 2, da Constituição:

«Os preceitos constitucionais e legais relativos aos direitos fundamentais devem ser interpretados e integrados de harmonia com a Declaração Universal dos Direitos do Homem.»

16. Ora, o art. 10 da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que na tradução do dr. Jorge Miranda, nos aparece com a epígrafe «Garantias da função jurisdicional», determina que:

«Toda a pessoa tem o direito, em plena igualdade, a que a sua causa seja **equitativa** e publicamente julgada por um tribunal independente e imparcial que decida dos seus direitos e obrigações ou das razões de qualquer acusação em matéria penal que contra ela seja deduzida.»

Ou como se diz na versão francesa:

«Toute persone a droit, en pleine égalité, à ce que sa cause soit **entendue équitablement** et publiquement par um tribunal indépendant et impartial, qui décidera soit de ses droits et obligations, soit du bien-fondé de toute accusation en matiére pénale dirigée contre elle.»

17. Significa isto que os preceitos constitucionais atinentes a esta matéria, como os arts. 2, 3, n.° 2, 17, 18, 20, 206, 207 e 211 da Constituição, devem ser interpretados de harmonia com o art. 10 da D.U.D.H. que assegura aos cidadãos o direito a um processo civil **equitativo,** o qual ganha assim o valor de um princípio geral de direito consagrado constitucionalmente.

18. Aliás, do mesmo modo preceitua o art. 6, n.° 1, da Constituição Europeia dos Direitos do Homem, que também tem valor constitucional, por força do art. 8 da Constituição.

19. Daqui resulta que os preceitos acima citados da Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais violam de forma frontal o princípio geral do direito das pessoas (físicas ou colectivas — por força do art. 12, n.° 2 da Constituição»?) a um processo civil equitativo, consagrado constitucionalmente.

20. Demos um simples exemplo:

É da praxe atribuir-se às acções que versem interesses ideais ou não económicos o valor da alçada da Relação mais um escudo para assegurar o direito de recursos até ao Supremo, ou seja 400 001$00, no domínio da legislação vigente até ao fim do ano passado:

Ora, por força dos iníquos e inequitativos preceitos da L.O.T.J. acima citados, verifica-se o seguinte:

Se numa dessas acções, mesmo que proposta há 2 ou 3 anos, ainda não tiver sido proferida decisão pela 1.ª Instância, a causa passará a ser irrecorrível.

Se tiver sido proferida decisão pela 1.ª Instância, ela passará a admitir recurso apenas para a Relação.

Apenas no caso de já ter sido proferida decisão pela Relação, se manterá o regime de recursos vigente no momento da propositura da acção.

21. Isto significa que, para além do exposto, tais iníquos preceitos violam também o princípio da igualdade perante a lei, consagrado no art. 13 da Constituição, pois que, perante comportamentos iguais dos utentes da justiça, eles são tratados diferentemente por razões a que são alheios.

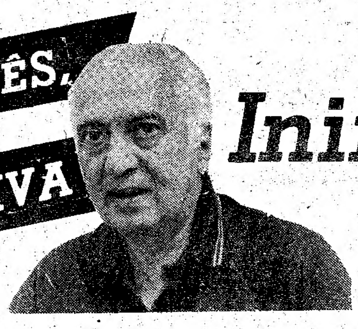
22. E, nomeadamente, quando os utentes da justiça movem acções contra o Estado ou funcionários públicos sujeitos aos comandos hierárquicos, então a iniquidade aparece em toda a sua repelência.

23. Em suma, é inconstitucional que se privem os utentes da justiça civil do direito aos recursos existentes no momento da propositura da acção, o que significa uma restrição de direitos, liberdades e garantias com efeito retroactivo, como resulta, inter alia, dos arts. 2, 16, 17 e 18 da Constituição e do art. 10 da D.U.D.H., pelo que nem sequer será necessário invocar o princípio constitucional e democrático de «in dubio pro libertate» (vid., drs. Gomes Canotilho e Vital Moreira, ob. cit. 1.°, pgs. 241).

24. V. Exa. é um estrénuo defensor dos direitos do homem e da dignidade da justiça. A ninguém melhor do que V. Exa. poderíamos dirigir esta petição.

25. Em face do exposto, ousamos impetrar a V. Exa. que se digne, nos termos do art. 281, al. a), da Constituição, requerer ao Tribunal Constitucional a declaração da inconstitucionalidade do art. 106 e do art. 108, n.° 5 (na parte em que manda entrar imediatamente em vigor o art. 20, n.° 1), todos da Lei n.° 38/87, de 23 de Dezembro (Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais).

PORTUGUÊS, LÍNGUA VIVA



Inimputabilidade

Carmo Vaz

Com papas e bolos se enganam os tolos. Com longas palavras para ideias curtas se comem as papas na cabeça do povo.

Mas esta **inimputabilidade** encheu-me as medidas. Assim de repente, descobri que inimputabilidade não há. É só uma palavra, **flatus vocis,** como diziam os romanos, mero significante, sem significado nem referente, como se diz em linguística moderna.

Ora, a melhor forma de apurar do conteúdo semântico (significado) de uma palavra, desde que não haja alteração sócio-histórica do mesmo, é decompô-la e acompanhá-la da raiz original até à sua última forma, porque a mais rica formação de palavras em português se processa dilatando-a dos dois lados, processo tão vivo que qualquer português pode usá-lo livremente. Usar mas não abusar.

Começaremos, portanto, pelo verbo latino **puto - putas - putare - putavi - putatum (não se aflija, não é asneira, imagine que Puta, ae** era a deusa romana que presidia à poda das árvores), que quer dizer **calcular,** contar, julgar, pensar, e também podar árvores. Daqui nasce **imputare** que significa imputar, pôr em conta, atribuir, em suma, pensar ou imaginar qualquer coisa acerca de alguém, como **imputare alicui initium belli,** imputar a alguém o princípio da guerra, ou **imputare alicui natum,** atribuir a alguém a paternidade de um filho. De onde o nosso imputável (lat. **imputabilis,** que não vi no meu Benoist-Goelzer), i.e. aquilo que se pode imputar a alguém, o que é susceptível de ser imputado. Ora, repare agora o leitor que sendo a imaginação livre e o pensamento acerca dos outros geralmente nada lisongeiro, o leitor **pode** imputar seja o que for e seja a quem for. Portanto, não há **inimputável,** i.e., o que não pode ser imputado a alguém. A imputabilidade, i.e., a qualidade abstracta do que se pode imputar, é tão óbvia que quase não tem sentido. O leitor dirá que um elefante é inimputável da prática de maledicência. Certo, mas são situações **tecnicamente** impossíveis ou absurdas, por isso, não contam. Logo, a qualidade ou a abstracção de não se poder imputar qualquer coisa a qualquer pessoa, não há. E **inimputabilidade não quer dizer coisa nenhuma.** Repare-se que **irresponsabilidade** já tem sentido, e com o que vai por aí, cada vez mais forte.

Então o que queriam dizer os psiquiatras e os advogados e não sei quem mais com inimputabilidade do septicida do Osso da Baleia, o famigerado Vítor Jorge. De facto, não queriam dizer nada. Cada um estaria no seu papel, a ganhar o seu dinheirito e, com mil diabos, como se há-de conduzir a defesa de um assassino com premeditação, bicho selvático que se movia numa mini-sociedade de alcoólicos, drogados, dissolutos e promíscuos? Não consegui ler uma linha na Imprensa sobre esta mini-sociedade composta, sem dúvida, de muito mais gente além do assassino e dos assassinados, não direi um estudo sociológico, mas, pelo menos, uma reportagem, definindo objectivamente o «meio ambiente sociocultural» onde se movia este septicida (assassino de sete), cujos bons propósitos em expiar os crimes hediondos cometidos ainda se não concretizaram. Em vez disso, ele proclama, com soberbo eco na Imprensa, que o julgamento foi uma **palhaçada** etc.

A nossa RTP sempre sobre o acontecimento, embora raramente consiga **ver** o acontecimento ou o **local** do acontecimento ou o **ambiente** do acontecimento, mas quase sempre o **comentador** do acontecimento mais o seu **comentário,** comentador convidado por ser presidente, secretário ou coisa parecida da área profissional do acontecimento, provando assim à saciedade que os locutores e/ou entrevistadores se abstêm, para que os convidados despejem as suas **opiniões** para amolação dos telespectadores.

A **inimputabilidade** obrigou o locutor a um esforço acrescido, mas no telejornal das 24 h. de 4.ª-feira dia 20 de Janeiro, após as imagens bem pobres, lá surgiu o comentador, desta vez comentadora, advogada, dr.ª D. Isabel Duarte, para se pronunciar sobre o acontecimento, bordar o seu comentário. E, quando se esperava que se limitasse a pronunciar «Fez-se justiça! Que quer o senhor que eu mais lhe diga?», a ilustre senhora, que até me pareceu pessoa educada e de consideração, pronuncia alto e bom som aos meus ouvidos assarapantados:

— Psicopatas somos nós todos!

Ó minha senhora, peço-lhe imensa desculpa, mas não posso acompanhá-la, não tanto por preferir psicopata a psicópata, mas porque não sou nada disso, nem minha mulher é, nem os meus filhos, nem os meus parentes, nem os meus amigos, nem sequer os seus conhecidos. Confessa-se V. Ex.ª psicópata e talvez se refira aos seus amigos e círculo de relações? Permito-me duvidar, para mais tratando-se de uma profissional do foro. Presumo que tenha sido traída pela palavra e quisesse dizer «de médico e louco todos temos um pouco». Confesso que não sei o que lhe teria dado. Mas esta é do Osso da Baleia, se não for do suco da barbatana.

Associação de Cegos

«LUIZ BRAILLE»

LISTA DOS PRÉMIOS DO SORTEIO REALIZADO EM 23/12/87

1.°	PRÉMIO	— Um automóvel OPEL KADETT	N.° 995 643
2.°	»	— Um automóvel OPEL KADETT	» 308 520
3.°	»	— Um automóvel OPEL KADETT	» 491 545
4.°	»	— Uma televisão GRUNDIG MONOLETH, stéreo, c/ telecomando, e um Videogravador GRUNDIG stéreo, c/ telecomando	» 686 963
5.°	»	— Um Combinado Candy e uma Máquina de Lavar Roupa CANDY e uma Máquina de Lavar Louça CANDY	» 130 270
6.°	»	— Uma Máquina de Lavar Roupa CANDY e uma Máquina de Lavar Louça CANDY e um Frigorífico CANDY	» 495 459
7.°	»	— Uma Máquina de Lavar Louça CANDY e uma Máquina de Lavar Louça CANDY	» 053 055
8.°	»	— Um Videogravador VHS, GRUNDIG, c/ telecomando	» 106 104
9.°	»	— Um Combinado CANDY 380 L	» 305 352
10.°	»	— Uma Máquina de Lavar e Secar Roupa CANDY	» 254 587
11.°	»	— Um Forno Micro-Ondas MAGIC, monofásico, cores: Castanho/Branco	» 942 503
12.°	»	— Uma Máquina de Lavar Louça CANDY	» 461 116
13.°	»	— Uma Máquina de Lavar Roupa CANDY	» 947 851
14.°	»	— Uma Máquina de Lavar Louça CANDY	» 655 219

LISTA GRÁTIS

QUALQUER DONATIVO, POR FAVOR SÓ NA SEDE

Todos os números, cujos 5 algarismos finais sejam iguais aos dos 14 prémios, serão contemplados com um irradiador a óleo, LUXOR

"Atitude aparentemente irresponsável"

CADILHE CRITICA CDS POR TER PEDIDO INQUÉRITO PARLAMENTAR

O ministro das Finanças criticou a iniciativa do CDS em requerer um inquérito parlamentar às OPV's da Sonae, por se tratar de uma «atitude aparentemente irresponsável» e com motivações «exclusivamente partidárias».

Miguel Cadilhe, que falava na posse do novo presidente do Banco Totta e Açores, Alípio Dias, garantiu que a conclusão do inquérito será «divulgada publicamente» e o Governo «será consequente se for caso disso».

Classificando-a como a «última manifestação das fortíssimas e inconfessáveis pressões» sobre o Governo, Miguel Cadilhe defendeu que a posição tomada pelo deputado Nogueira de Brito «põe em causa regras mínimas de relacionamento institucional» e a «independência e competência das entidades que têm as inspecções em curso».

Entre elas, lembrou, estão o Banco de Portugal, a Inspecção-Geral de Finanças, Direcção-Geral de Contribuições e Impostos, auditor-geral do mercado de títulos e revisores oficiais de contas.

Explicando as razões que levaram o Governo a considerar que «tudo estava bem» quanto à eventual conclusão do processo, Miguel Cadilhe sublinhou que «até prova em contrário, ninguém é culpado seja do que for».

Para o ministro das Finanças, esta posição explicou-se pelos «indícios de um aproveitamento sensacionalista do facto, com efeitos perversos de alarmismo e desestabilização do mercado».

Na sua intervenção, o responsável pela pasta das Finanças, que se definiu como um homem que pode «ser de quebrar, mas não de torcer», considerou que esta atitude do CDS «vai contra o clima de confiança», demonstrando um «sentido de irresponsabilidade».

Na cerimónia, o novo presidente do Totta e Açores, Alípio Dias, referiu-se à necessidade de aplicação de medidas adequadas entre a política monetária não expansionista do Governo e o sistema bancário português.

Alípio Dias defendeu que «os efeitos perversos» sobre a rentabilidade da actividade bancária, decorrente da política dos limites de crédito e do seu impacte sobre a margem financeira, devem ser compensados pelas autoridades monetárias.

Face à actual política monetária, «impõe-se que as autoridades monetárias assegurem uma remuneração adequada para a liquidez primária potencial», acrescentou.

O ex-vice-governador do Banco de Portugal falou ainda da liberalização do mercado de capitais, afirmando tratar-se de uma matéria de «grande delicadeza», sobretudo num país como Portugal, caracterizado por uma extensa liquidez primária potencial.

Sobre a modernização do sistema financeiro, Alípio Dias mostrou-se confiante na sua concretização, «quer por força dos seus agentes económicos internos quer de um contexto internacional em mudança».

Nogueira de Brito responde a Cadilhe

"Ministro está a pessoalizar o assunto"

«O senhor ministro dá ideia de que está a pessoalizar a questão». Nogueira de Brito comentava assim para o «DL» o discurso do ministro das Finanças a propósito do inquérito às OPV's da Sonae que aquele deputado centrista propôs na Assembleia da República.

De acordo com este parlamentar, a «intervenção do CDS foi feita na defesa da dignidade e prestígio das instituições». «Não pusemos em causa, como se pode verificar do texto da nossa declaração e do nosso pedido, a isenção, objectividade e competência das entidades e órgãos encarregados de averiguar este caso».

E acrescentou: «Quem, ao contrário, as pôs em causa foi a própria declaração do senhor ministro, a única a estar na origem deste caso».

Nogueira de Brito foi ainda peremptório na rejeição das acusações de Cadilhe quanto às motivações partidárias que moveriam a atitude do CDS. «De modo nenhum, isto não é uma questão partidária. E a prová-lo está a reacção de todos os partidos na Assembleia da República, incluindo o PSD».

DL | ECONOMIA

Bolsa do Porto: poucas transacções e muitas descidas

A Bolsa de Valores do Porto registou nas quatro sessões desta semana um fraco volume de transacções, associado a importantes descidas das cotações de inúmeros papéis.

Durante a semana foram negociados na praça nortenha 64 500 títulos que envolveram pouco mais de 288 mil contos.

O maior movimento foi para o mercado de acções onde esta semana mudaram de mãos apenas 34 mil títulos no valor de 240 mil contos.

No mercado de obrigações foram negociados 26 mil títulos no valor de 38 mil contos.

A Bolsa transaccionou, ainda nos últimos dias, 4500 títulos de participação no valor de 10 mil contos.

O fraco volume de transacções, um dos mais baixos dos últimos tempos, é sobretudo justificado pela forte retracção da procura de acções e ainda pela persistência de ordens de compra mas a valores bastante inferiores às ordens de venda existentes.

Este facto tem contribuído para que em todas as sessões de Bolsa a maioria dos títulos registe ordens de compra (em alguns casos de grande quantidade de acções, de acordo com informações do mercado) e de venda, sem que se chegue a transaccionar uma única acção.

Este grande desfasamento, entre as ordens de compra e de venda, tem contribuído para que dos cerca de 150 títulos cotados na Bolsa de Valores do Porto apenas cerca de 40 cheguem a transaccionar diariamente.

Para os operadores do mercado, o novo limite de 15 por cento para variação máxima das cotações poderá atenuar esta disparidade de valores e aumentar o volume de transacções.

Mas a grande aposta da Bolsa do Porto é a realização da segunda cotação diária que deverá entrar em funcionamento em breve.

Espera-se nos meios bolsistas que a realização de uma mini-sessão onde 20 títulos possam efectuar uma segunda cotação diária venha permitir um reajustamento das ordens de compra e de venda, o que aumentará a liquidez dos títulos.

Mas se esta semana foi fraca em volume de transacções, o mesmo se poderá dizer quanto à evolução das cotações que mais uma vez se apresentaram em baixa.

Esta nova quebra das cotações atingiu a quase generalidade dos papéis considerados líderes do mercado. Foi o que se passou com os títulos da Celulose do Caima que passaram de 34 000 para 32 150, SONAE de 17 000 para 15 500, Marconi portador de 21 600 para 20 000, BPI portador de 19 000 para 17 000, BPI nominativas de 12 600 para 12 000, Sofinloc de 28 000 para 27 500, Manufactures Hanover de 9000 para 8600 e ESSI de 13 500 para 12 700.

Mas muitos outros papéis tiveram maus comportamentos durante esta semana, registando importantes desvalorizações: Efacec, Soja de Portugal, Allo, Arborfil, Siaf, Barbosa e Almeida, D. Pedro, J. Soares Correia, entre muitos outros. Também no sector da construção, as descidas foram generalizadas.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	54$00	60$00
ALEMANHA FED. (marco)	80$85	82$05
ÁUSTRIA (xelim)	11$50	11$70
BÉLGICA (franco)	3$670	3$920
BRASIL (cruzado)	$882	1$482
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	105$60	108$10
(notas de 5 a 1000)	106$10	108$60
DINAMARCA (coroa)	21$10	21$50
ESPANHA (peseta)	1$161	1$281
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	134$95	138$43
(notas de 5 a 1000)	135$45	138$95
FINLÂNDIA (marka)	33$25	33$85
FRANÇA (franco)	23$95	24$65
HOLANDA (florim)	71$95	73$05
IRLANDA (libra)	215$95	219$95
ITÁLIA (lira)	1$000	$115
JAPÃO (iene)	1$020	1$075
NORUEGA (coroa)	21$25	21$75
REINO UNIDO (libra)	241$05	245$55
SUÉCIA (coroa)	22$45	22$95
SUÍÇA (franco)	99$35	100$85
VENEZUELA (bolívar)	4$676	5$676

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Segundo Belmiro de Azevedo

"A era do BPA já acabou para a Sonae"

«A era do BPA já acabou para a Sonae», afirmou Belmiro de Azevedo, empresário que lidera aquele grupo empresarial em entrevista hoje publicada no «Semanário».

Na mesma edição daquele jornal, onde é publicada também uma breve entrevista ao presidente do BPA, João Oliveira, é afirmado que este, noutra ocasião, tinha declarado que «Belmiro de Azevedo não deveria ser accionista do Banco, no caso da sua reprivatização».

Para o responsável pelas entrevistas, Álvaro de Mendonça, «consuma-se, desta forma, a separação entre o maior grupo empresarial português e o maior Banco público, após alguns anos de estreita colaboração que movimentou cerca de 30 milhões de contos».

As perguntas a Belmiro de Azevedo e a João Oliveira, segundo o «Semanário», «visavam alguns pontos nebulosos nas relações do alegado triângulo de negócios em que o terceiro vértice seria o próprio ministro das Finanças, Miguel Cadilhe».

Cadilhe mandou instaurar recentemente um inquérito às sete ofertas públicas de venda (OPV) de acções, a preço fixo, de empresas do grupo Sonae, realizadas em 21 de Dezembro último.

O inquérito envolve também o Banco de Portugal, as comissões directivas das Bolsas e os Bancos envolvidos nas operações entre os quais está o BPA.

Sobre as previsões de resultados anunciados pelas empresas do grupo que efectuaram as referidas OPV's Belmiro de Azevedo disse «não ter dúvidas que os mesmos serão cumpridos, em média, a mais de 100 por cento».

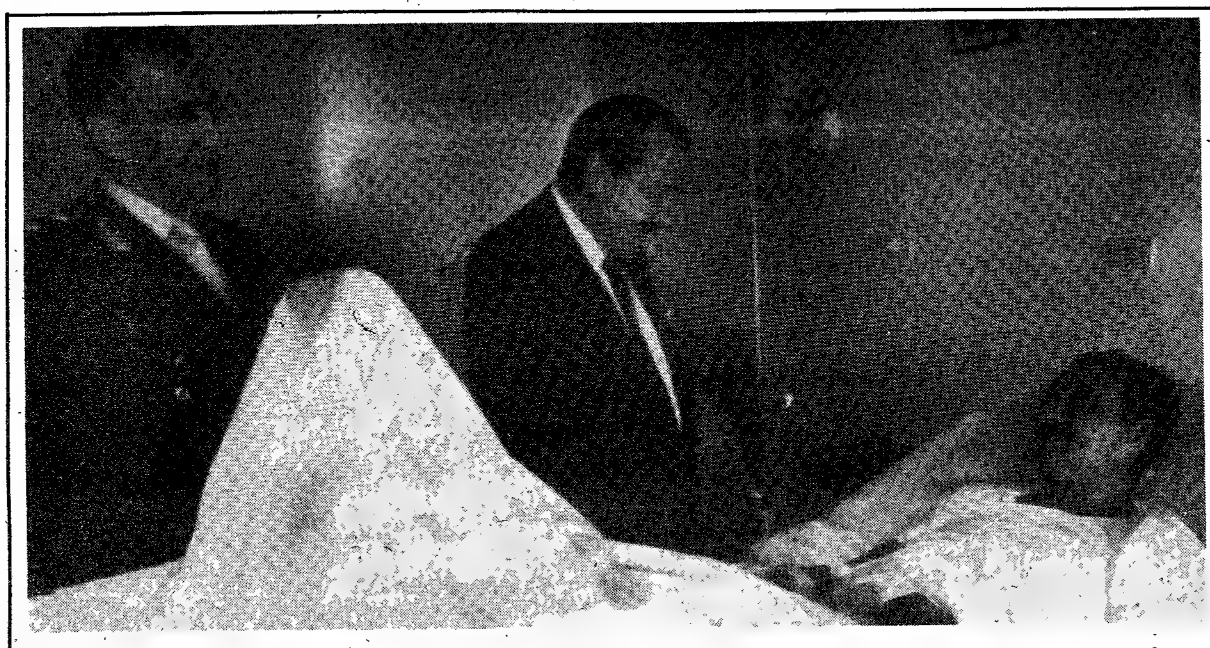
Por seu turno, João Oliveira garante que em todas as operações realizadas se respeitou a legislação em vigor, nomeadamente ao que se refere à intervenção do auditor-geral para o mercado de capitais.

«Assim, o preço das OPV's da Viacentro, Ibersol, Continente, Publimeios, Robótica e Selfrio, foi fixado pelo auditor conforme estipula a lei», acrescentou.

Belmiro de Azevedo é ainda interrogado sobre o seu eventual interesse em adquirir partes do capital do BPA e sobre a sua presença na comissão directiva da Bolsa do Porto.

Quanto à primeira questão, disse apenas «achar curioso que o tema (aquisição de acções do BPA) seja eleito vedeta, visto que se o Estado for vender acções necessariamente deverá estar interessado em que haja compradores».

Sobre a segunda, explicou que teve uma conversa com o ministro das Finanças e que ambos concluíram «não haver incompatibilidade entre cargos de director da Bolsa e de líder da Sonae».



O Presidente argentino, Raul Alfonsin, durante a visita a um dos militares feridos na tentativa de golpe de Estado há duas semanas em Monte Caseros. Segundo Alfonsin, em entrevista à agên cia espanhola Efe, os golpistas, liderados pelo tenente coronel Aldo Rico, não excluíam o seu as sassinato, bem como o do chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Ernesto Crespo.

O Governo italiano aprovou um pacote de ajuda económica de emergência com vista a neutralizar a nova vaga de violência perpetrada pela Mafia, foi anunciado oficialmente em Roma. O Governo refere em comunicado que a verba, cujo montante não especificou, será aplicada em obras públicas, na melhoria da administração local e melhoramentos em Palermo, capital da Sicília, e Catânia, locais onde a influência da Mafia é muito forte. O comunicado governamental diz que a ajuda económica é uma primeira resposta a pedidos nesse sentido formulados por líderes políticos sicilianos, para lutar contra o ressurgimento do crime organizado. O Governo aprovou ainda o aumento dos efectivos policiais onde o crime organizado é particularmente activo. A ofensiva surgiu depois do julgamento de quase 340 indivíduos ligados à Mafia.

O agricultor Michael Maier sorri depois de um tri... julgado a seu favor uma acção que pôs contra a cons tru... de processamento de desperdícios nucleares.

Washington apoia conferência de paz sobre o Médio Oriente

O secretário norte-americano de Estado afirmou que os Estados Unidos farão todos os possíveis para possibilitar negociações directas entre árabes e israelitas, incluindo a realização de uma conferência internacional de paz sobre o Médio Oriente. A afirmação foi feita no final do encontro entre George Shultz e o presidente egípcio Hosni Mubarak, em visita oficial aos Estados Unidos. «Perseguiremos todos os caminhos que conduzam à paz no Médio Oriente, incluindo uma conferência internacional de paz», disse. Mubarak, que terminou uma visita de três dias aos Estados Unidos, abriu as portas a uma viagem de Shultz ao Médio Oriente. A convocação de uma conferência de paz sobre a região foi defendida por Mubarak durante a estada em Washington, mas é em Israel um tema controverso, que divide os partidos do governo.

Reformas na Bulgária

Delegados à conferência nacional do Partido Comunista búlgaro aprovaram por unanimidade um pacote de reformas de estilo soviético que poderá limitar a duração dos cargos dos funcionários do partido. O líder búlgaro, Todor Zhivkov, proferiu um discurso final de 15 minutos em que avisou que o processo de implementação de reformas não será fácil. «Sabemos que haverá muitas dificuldades para resolver», disse. Antes, o membro do politburo Chudomir Alexandrov apelou para uma «mudança qualitativa» no estilo do trabalho do partido e defendeu a expulsão dos membros do partido que não contribuem para a reforma. «Cada comunista, cada cidadão, deve empenhar-se pessoalmente na reestruturação: é isso que precisamos», disse Alexandrov.

Lojas especiais vão acabar na União Soviética

As «beriozkas», lojas que vendiam principalmente bens importados aos cidadãos soviéticos com acesso a moeda forte, vão ser encerradas, a partir de 1 de Julho, no âmbito de uma campanha contra a corrupção — noticiou a agência TASS, de Moscovo. A decisão de encerrar as «beriozkas» foi tomada pelo conselho de ministros da União Soviética, o principal órgão administrativo do governo. «A resolução estipula que, a partir de 1 de Julho, já não será permitido trocar moeda estrangeira por cupões «vneshposyltorg» e que a venda de bens com aqueles cupões em lojas especiais será proibida» — informou a TASS. Mas as lojas especiais para estrangeiros que aceitam moeda forte não serão, pelo menos inicialmente, abrangidas pela ordem de encerramento.

Coreia do Sul e a "democracia"

O presidente sul-coreano, Chun Doo-Hwan, afirmou que a democracia tinha sido estabelecida no país durante o seu governo e que tinha a certeza de que os militares nunca mais se apoderariam do poder. Chun acrescentou que a sua saída do governo em finais de Fevereiro asseguraria o futuro da democracia, dado ser a primeira transferência de poder pacífica na história da Coreia do Sul. O chefe de Estado salientou que o país atravessou durante a sua liderança, além do desenvolvimento democrático, o crescimento económico e uma forte segurança nacional. Chun tem sido fortemente criticado ao longo dos anos pelo seu autoritarismo. Maciços protestos em Junho passado obrigaram-no a concordar com as primeiras eleições presidenciais democráticas em 16 anos.

Governo espanhol reage a proposta dos separatistas bascos

FIM DE ATENTADOS É CONDIÇÃO ESSENCIAL PARA MADRID CONTACTAR COM A ETA

O Governo espanhol reafirmou que só voltará a estabelecer contactos com a Eta Militar quando esta organização separatista deixar de praticar atentados, informou o porta-voz do executivo, Javier Solana. Embora o Governo não tenha divulgado qualquer declaração oficial, Solana disse que aquela condição era indispensável, frisando que ainda ontem a Polícia desactivou um explosivo «colocado para matar» e que na na quinta-feira foram descobertos «dois automóveis armadilhados, preparados também para matar».

Solana sublinhou que «é preciso ser-se extremamente cauteloso, ater-se à realidade e não se deixar levar por propagandas» e acrescentou que terá de se deixar passar uns tempos sem que ocorram atentados e que o Governo espanhol «tomará as suas decisões quando vir determinação em abandonar a violência terrorista».

Entretanto, numa primeira reacção ao comunicado difundido ontem pela Eta no País Basco, propondo o retomar de conversações com o executivo, a Argélia manifestou a sua disponibilidade para continuar a actuar como intermediária.

Em Argel, fontes autorizadas confirmaram a uma agência noticiosa espanhola que as autoridades argelinas «sempre manifestaram o seu desejo de apoiar um começo de diálogo entre o Governo espanhol e os representantes do movimento basco».

Sobre o papel mediador deste país norte-africano, que tem recebido os mais destacados dirigentes da Eta Militar condenados e expulsos de Espanha, Solana referiu que «a cooperação internacional foi um dos instrumentos básicos da luta antiterrorista».

Por outro lado, as autoridades francesas - que durante os últimos dois anos têm colaborado com o Governo espanhol na luta antiterrorista, repatriando todos os bascos detidos no seu território e suspeitos de militarem na Eta - guardam um mutismo total acerca da proposta de negociação apresentada por esta orgnização separatista armada.

Um representante do Ministério francês do Interior, instado pelos jornalistas, limitou-se a sublinhar que se trata de um assunto interno da política espanhola.

A mesma fonte relembrou que a França tem uma série de acordos com a Espanha destinado a lutar contra o terrorismo, acrescentando que aquele país continuará a agir de acordo com esta linha de actuação enquanto não houver qualquer contacto em sentido contrário.

A confirmar esta atitude, a Polícia gaulesa entregou ontem à sua congénere espanhola o basco José Ignacio Larranaga Ziasetea, detido de manhã em San Juan de Luiz, no País Basco francês, juntamente com o presumível membro da Eta Militar, José Oleaga Ojeda.

Um marco importante

Em todo o caso, a iniciativa da Eta Militar constitui um marco importante num processo que foi tema de polémica nos últimos anos em Espanha e que já conheceu vários tipos de contactos com vista a encontrar uma solução para acabar com o terrorismo basco.

A I...
de a r...
naqu...
vezes...
tos e...
e diri...
tícias...
men...
Agos...
Cultu...
J...
confe...
tinha...
que...
com...
O...
mo»...
nas...
repr...
País...
Her...
cont...
a act...
ao r...
vind...
vida...
me...
esta...

Angola deseja que Pretória se junte às negociações com os Estados Unidos

O desejo das autoridades angolanas é que a África do Sul se junte às negociações com os Estados Unidos sobre a independência da Namíbia, retirada dos cubanos e cessação das agressões sul-africanas, disseram fontes governamentais em Luanda.

As mesmas fontes asseveraram que os esforços do Governo angolano são inteiramente apoiados por Cuba, que não deseja prolongar a sua presença militar em Angola.

Falando no segundo dia das conversações em Luanda entre delegações de Angola e dos Estados Unidos, as fontes governamentais disseram que Angola espera que os Estados Unidos consigam persuadir a África do Sul a negociar.

«O nosso objectivo é sentar a uma mesa de negociações todas as partes interessadas», disse umna fonte governamental, para acrescentar que as partes interessadas são a África do Sul, Angola, Cuba e Swapo, o movimento de libertação da Namíbia.

A fonte governamental excluiu a Unita, que luta contra o Governo angolano com apoio dos Estados Unidos e auxílio militar directo da África do Sul.

O secretário de Estado-adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, iniciou na quinta-feira conversações com uma delegação angolana chefiada pelo ministro das relações exteriores, Afonso Van-Dunem «Mbinda».

Entretanto, um porta-voz da ONU disse que Angola é um dos seis países que o secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, visitará durante uma viagem de dez dias a África, com início em 8 de Fevereiro.

Cimeira franco-britân...

Desentendimento quanto a... agrícola europeia

Os líderes da Grã-Bretanha e Fra...
tensificar os laços militares, incluind...
marinos nucleares e mais manobra...
Mas Margaret Thatcher e Franç...
garam a acordo em questão de po...
assunto que será abordado na pró...
las, de 11 e 12 de Fevereiro.
«Persistem divergências e ainda n...
ses para um possível acordo...as dis...
ser duras», salientou o presidente fr...
Imprensa conjunta concedida após...
das de conversações com a primei...
O ministro da Defesa britânico, ...
tou todavia que os dois países che...
a submarinos nucleares frances e ...
pectivos portos, numa crescente ap...
ças armadas.
Neste encontro, Thatcher reitero...
bre os possíveis efeitos do estreitam...
fensiva franco-alemã.

...e um tri bunal de Munique ter ...ons trução da primeira fábrica

A Imprensa espanhola, des - de a res tauração da democracia naquele país, referiu-se várias vezes à existência de contac - tos entre o Governo de Madrid e dirigentes da Eta, mas as no - tícias foram sempre oficial - mente desmentidas. Mas em Agosto de 1987 o ministro da Cultura e porta-voz do Gover - no, Javier Solana, revelou em conferência de Imprensa que se tinha estabelecido o diálogo e que prosseguiam contactos com a Eta.

O «Pacto contra o Trroris - mo», assinado há três sema - nas por todos os partidos com representação parlamentar no País Basco (à excepção do Herri Batasuna) poderá ter contribuído grandemente para a actual atitude da Eta–Militar, ao retirar-lhe o direito de rei - vindicar qualquer representati - vidade para negociar, em no - me do povo basco, o futuro estatuto político da região.

...ritânica

...anto à política

...a e França concordaram em in...
...incluindo visitas mútuas de sub...
...anobras conjuntas.
...e François Mitterrand não che...
...o de política agrícola europeia,
...na próxima Cimeira de Bruxe...
...o.
...ainda não vislumbramos as ba...
...as discussões de Bruxelas vão
...dente francês em conferência de
...da após um almoço e duas ron...
...primeiro-ministro britânico.
...tânico, George Younger, adian...
...íses chegaram a acordo quanto
...nce...e ingleses visitarem os res...
...ente aproximação das duas for...

...reiterou a sua preocupação so...
...streitamento da cooperação de...

Com apoio governamental

Organização de prostitutas prepara baile de gala em Bona

Jorge Gillies
IPS/Lusa

O «Baile das Prostitutas» que vai realizar-se no próximo dia 6 de Fevereiro em Berlim Ocidental não será o que parece à primeira vista: trata-se da primeira festa de gala organizada pela Associação que agrupa as prostitutas de Berlim e contará com a participação de autoridades e personalidades públicas. «Hydra», como se denomina a organização de auto-ajuda que agrupa as prostitutas de Berlim Ocidental, tem no seu historial uma luta contínua pelo reconhecimento oficial da actividade que desenvolve.

A festa, que se realizará no Palácio dos Congressos da antiga capital alemã, representa o culminar dos esforços desenvolvidos pela organização ao longo de mais de sete anos de existência.

A ministra alemã-federal da Saúde, Rita Suessmuth, recusou-se a assistir ao baile, mas enviou uma mensagem de solidariedade à organização das prostitutas de Berlim Ocidental, instando-as a manter e a desenvolver o seu grupo.

A «apresentação à sociedade» das profissionais do sexo de Berlim Ocidental —como foi classificada a festa nos meios de Comunicação — foi possível graças à tenacidade da própria organização e ao apoio dado ao grupo pelo ministro dos Assuntos Sociais do governo estadual, Ulf Fink.

Fink, um democrata-cristão e um dos convidados de honra do baile, caracterizou-se pelas suas iniciativas audazes no tratamento com minorias e grupos marginalizados da sociedade de Berlim Ocidental, o que lhe valeu o reconhecimento dos sectores «alternativos» da cidade.

Fink foi o primeiro representante de um governo estadual-alemão federal a financiar com dinheiros públicos um projecto de uma organização de prostitutas.

O Senado de Berlim concedeu 146 000 marcos a um programa de reintegração na vida laboral de mulheres interessadas em abandonar a prostituição, sobretudo em virtude da ameaça que representa o Síndroma de Imunodeficiência Adquirida (SIDA).

O programa inclui medidas de assessoria para a procura de novos empregos, bem assim como o financiamento de cursos técnico-profissionais para as prostitutas interessadas em aprender um novo ofício.

Prevenção contra a SIDA

Dado que a SIDA se transmite através de relações sexuais, as prostitutas são um dos grupos potencialmente ameaçados pela enfermidade.

O facto de até agora se terem registado poucos casos de SIDA entre as prostitutas de Berlim Ocidental é atribuído pelas representantes da «Hydra» aos seus próprios esforços na matéria.

Desde há três anos, a organização vem defendendo entre os seus aproximadamente 1600 membros o uso de preservativos nas relações sexuais tendo em vista a protegerem-se tanto a elas como aos clientes de uma infecção de SIDA.

Tanto as mulheres membros da «Hydra» como Fink consideram que estas medidas de prevenção — que incluem acções de distribuição de preservativos nas ruas — são mais eficazes para conter a propagação da SIDA que a «linha dura» adoptada nesta matéria pelas autoridades da Baviera.

Contudo, os objectivos da «Hydra» não se limitam à prevenção da SIDA: desde há vários anos, as prostitutas de Berlim Ocidental vêm reclamando o reconhecimento pleno do seu ofício como actividade laboral, o que deveria incluir o pagamento de contribuições sociais e seguro de doença.

Até agora, referiu a dirigente da «Hydra», Pieke Biermann, à publicação médica «Aerztezeitung», à organização apenas se depararam dificuldades nos ministérios e repartições públicas, mas espera que a festa de 6 de Fevereiro contribua para pôr termo aos preconceitos existentes entre os funcionários e autoridades sanitárias.

Especialistas são de opinião que o reconhecimento da prostituição como actividade laboral debilitaria o exercício ilegal e não controlado da prostituição e contribuiria para evitar a propagação de doenças venéreas e da SIDA.

Para Pieke Biermann, um reconhecimento desta natureza significa em primeiro lugar «que a sociedade nos aceite como mulheres e trabalhadoras» e o fim do que a organização classifica de «dupla moral» na matéria.

A dirigente apelou às prostitutas de outras cidades e regiões alemãs a seguirem o exemplo de Berlim Ocidental e a organizarem grupos de auto-ajuda.

Papa apoia plano de paz para a América Central

Diálogo entre "contras" e sandinistas continua em Fevereiro na Guatemala

Os dois dias de negociações directas entre o governo sandinista e a oposição terminaram ontem na capital costarriquense, sem que se chegasse a acordo, mas as duas delegações concordaram em marcar novo encontro para Fevereiro.

«A reunião foi muito positiva e a vontade de obter um cessar-fogo na Nicarágua é comum a ambas as partes», declarou no final desta ronda de conversações o bispo Bosco Vivas, que, na ausência do cardeal Obando Bravo, tem servido de medianeiro no diálogo entre «contras» e sandinistas.

A mesma fonte disse que os rebeldes e os elementos do governo nicaraguense concordaram em encontrar-se entre 10 e 12 do próximo mês, na cidade da Guatemala.

Esta decisão está agora pendente da confirmação de Obando Bravo, que deverá voltar ao seu papel de medianeiro, apenas interrompido para poder acompanhar o presidente Daniel Ortega numa visita ao Vaticano.

Na sua proposta, os «contras» da «Resistência Nicaraguense» (RN) condicionam um acordo à suspensão simultânea de hostilidades e democratização do país, nomeadamente o reconhecimento das reivindicações da oposição interna.

Entre estas reivindicações figuram 17 reformas constitucionais, incluindo a não reeleição presidencial, a objecção de consciência ao serviço militar obrigatório e a separação dos poderes do Estado.

O plano apresentado pela delegação do governo de Nanágua limita-se a enumerar aspectos puramente técnicos que permitam o cessar-fogo a partir de 15 de Março, e durante um mês, período que poderia ser alargado mediante um acordo mútuo.

Ortega no Vaticano

Ontem o Papa João Paulo II apoiou o plano de paz para a América Central, mas recebeu o presidente nicaraguense Daniel Ortega com invulgar frieza, falando-lhe na necessidade de democracia no país.

O Papa recebeu Ortega em privado durante 30 minutos no seu gabinete particular e discutiu as perspectivas de paz na América Central.

Este foi o seu terceiro encontro desde 4 de Março de 1983, quando adeptos dos sandinistas no poder ultrajaram o Papa ao gritarem palavras de ordem políticas durante uma missa em Manágua.

O encontro de ontem no Vaticano seguiu-se a anos de tensão entre a Santa Sé e a Nicarágua.

A SEMANA

Segunda-feira, 25

Sanções contra Coreia do Norte - O Governo japonês impôs sanções contra a Coreia do Norte, depois de acusar este país de responsável pelo atentado que destruiu um avião das linhas aéreas sul-coreanas. As sanções incluem restrições aos contactos com diplomatas da Coreia do Norte, proibição de todos os voos entre os dois países e restrições à navegação e pesca. No entanto, Pyongyang tem desmentido qualquer envolvimento no atentado, tendo anunciado as suas próprias medidas de retaliação contra os Estados Unidos, que consistem em suspender os já limitados contactos diplomáticos.

Terça-feira, 26

Situação em Cuito Cuanavale - O Ministério angolano da Defesa desmentiu categoricamente a ocupação de Cuito Cuanavale, anunciada em Lisboa pela Unita. O porta-voz do Ministério, major Carlos dias, disse que as Forças Armadas angolanas continuavam a controlar a cidade e a resistir aos contínuos ataques sul-africanos. E acrescentou que as tropas de Pretória estavam a lançar os seus ataques a partir de bases a 30 quilómetros a Ocidente de Cuito Cuanavale, na província de Cuando Cubango, cerca de 300 quilómetros a Norte da fronteira entre Angola e a Namíbia.

Quarta-feira, 27

A visita de Ortega a Espanha - O Presidente do Governo espanhol, Felipe Gonzalez, anunciou que o seu país participará na comissão de verificação do acordo de paz na Nicarágua, a pedido do Presidente nicaraguense Daniel Ortega. No entanto, Gonzalez frisou que essa participação só se concretizará se forem cumpridas duas condições: um cessar-fogo prévio e a aceitação da sua missão pelos países da América Central. Na recepção oferecida a Ortega em Madrid, Felipe Gonzalez condenou a atribuição de uma ajuda suplementar aos «contras» nicaraguenses pelo Presidente Ronald Reagan.

Quinta-feira, 28

A paz no Médio Oriente - O Presidente Reagan prometeu o total apoio dos Estados Unidos aos esforços empreendidos pelo seu homólogo egípcio, Hosni Mubarak, para conseguir que se iniciem conversações de paz sobre o Médio Oriente, segundo oficiais em Washington. Mubarak, que tem vindo a reforçar a sua influência política no mundo árabe desde que oito países da região restabeleceram relações diplomáticas com o Cairo, viu a sua proposta também apoiada pelos Governos da Alemanha Federal e da Grã-Bretanha, países que visitou anteriormente. Mubarak pretende o cessar dos conflitos entre as duas partes e que Israel aceite a ideia de uma conferência internacional de paz.

Sexta-feira, 29

Eta propõe cessar-fogo - A organização separatista basca Eta propôs um cessar-fogo de 60 dias em troca de negociações com o Governo espanhol, mas na semana passada Felipe Gonzalez havia afirmado que não negociaria com aquela organização enquanto continuasse a lançar ataques sangrentos. A Eta abateu cerca de 600 pessoas na guerra travada desde há 20 anos pela proclamação de um Estado basco independente. Só no ano passado os mortos foram 50.

ROSA SANTOS: UMA ESCOLHA VIRADA PARA A EUROPA

Quando se prognosticavam os nomes de Carlos Valente ou de Alder Dante (Veiga Trigo em 3.ª escolha) para dirigir o grande embate da Luz, e isto porque, partindo-se do pressuposto de que iria ser eleito um internacional e que Francisco Silva teve problemas no Guimarães-Benfica, Vítor Correia por ser de Lisboa e José Guedes do Porto estavam, por essa razão, excluídos e ainda dada a circunstância de Rosa Santos ter dirigido o Varzim-Benfica no passado domingo, eis que o Conselho de Arbitragem opta pela «reprise» deste credenciado juiz para a coordenação do confronto entre «águias» e «dragões» que irá levar mais de cem mil pessoas à plateia do grandioso Estádio do SLB.

Trata-se de um caso singular (o mesmo árbitro a dirigir, em rondas consecutivas, um jogo com o mesmo interveniente) mas que se aceita em consequência da elevada «estatura» do eleito e porque importa a Rosa Santos começar a sua «rodagem» para o Europa de Julho na RFA.

Os restantes jogos, terão os seguintes árbitros:

Vitória de Guimarães - Boavista, Vítor Correia (Lisboa); Belenenses - Varzim, Francisco Caroço (Portalegre); Académica - Sporting da Covilhã, José Garcia (Setúbal); Farense - Vitória de Setúbal, Veiga Trigo (Beja); Sporting de Espinho - Portimonense, António Marçal (Beja); Rio Ave - Marítimo, José Pratas (Évora); Penafiel - Sporting, Alder Dante (Santarém); Salgueiros - «O Elvas», Miranda Dias (Coimbra); e Chaves-Sporting de Braga, Joaquim Gonçalves (Porto).

II Divisão

Zona Norte: Gil Vicente - Tirsense, Bento Marques (Évora); Famalicão - Vianense, Isidro Oliveira (Porto); Lourosa - Lixa, Cunha Antunes (Braga); Macedo de Cavaleiros - Marco, Evaristo Carvalho (Viana do Castelo); Ermesinde - Freamunde, Gonçalo Silva (Braga); Paços de Ferreira - Leixões, Fortunato Azevedo (Braga); Aves - Bragança, José Silvano (Vila Real); Trofense - União de Lamas, Evaristo Faustino (Leiria); Felgueiras - Vizela, Carlos Valente (Setúbal); e Moreirense - Fafe, Francisco Silva (Faro).

Zona Centro: Caldas - Marinhense, Manuel Dória (Funchal); Almeirim - Mangualde, Fernando Rodolfo (Lisboa); Mirense - Estrela de Portalegre, Azevedo Duarte (Braga); Torriense - Águeda, Agnelo Alexandre (Santarém); Feirense - Estarreja, Miranda de Sousa (Porto); Beira-Mar - Vilafranquense, Américo Santos (Porto); Guarda - União de Coimbra, Pereira da Silva (Braga); Oliveira do Bairro - Marialvas, João Simãozinho (Leiria); Académico de Viseu - União de Santarém, Carlos Carvalho (Porto); e União de Leiria - Peniche, Jorge Coroado (Lisboa).

Zona Sul: Oriental - Lusitânia, Xavier Oliveira (Porto); Samora Correia - Santiago do Cacém, Mário Leal (Aveiro); Nacional - Cova da Piedade, Donato Ramos (Viseu); Silves - Olhanense, Fernando Costa (Lisboa); Esperança de Lagos - Louletano, Pinto Correia (Lisboa); Montijo - Estoril, Vitorino Filipe (Faro); Pescadores - Estrela da Amadora, Manuel Nogueira (Porto); Amora - Atlético, Júlio Dinis (Leiria); e Barreirense - Sacavenense, Raul Ribeiro (Aveiro).

III Divisão

Série A: Merelinense - Valpaços, Vítor Miranda (Porto); Amares - Vieira, Batista Rodrigues (Bragança); Delães - Murça, Albino Nogueira (Porto); Oliveirense - Ponte da Barca, Ângelo Santos (Aveiro); Vinhais - Monção, Ramiro Viana (Braga); Valenciano - Mirandela, Abel Lobo (Porto); Valdevez - Celoricense, Celso Pinto (Aveiro); Mirandês - Joane, Fernando Ilídio (Porto); Neves - Limianos, Augusto Santos (Bragança); e Santa Maria - Esposende, Aníbal Pereira (Porto).

Série B: Lamego - Vila Real, José Costa Valente (Viana do Castelo); Pedrouços - Maia, Agostinho Santos (Leiria); Paivense - Leça, Monteiro Silva (Braga); Cesarense - São Martinho, Sérgio Miranda (Viana do Castelo); Grijó - Paredes, Amílcar Moreira (Coimbra); Amarante - Sandinenses, Lopes Fernandes (Braga); Infesta - Ribeirão, José Guimaro (Coimbra); Lousada - Esmoriz, Jorge Rodrigues (Braga); Valonguense - Cinfães, Santos Rocha (Braga); e Oliveira do Douro - Régua, Veiga Rodrigues (Viana do Castelo).

Série C: Santacombadense - Belmonte, Armando Malheiro (Porto); Tabuense - Viseu e Benfica, Ruivo Coelho (Leiria); Seia - Anadia, Manuel Brás (Vila Real); Vilanovenses - Vilar Formoso, Guilherme Tavares (Vila Real); Luso - Oliveirinha, João Gonçalves (Viana do Castelo); Ovarense - Mealhada, Adão Mendes (Braga); Oliveirense - Alba, Jesus Almeida (Porto); Cariense - Gouveia, Júlio Miranda (Portalegre); Poiares - Oliveira do Hospital, Miguel Mendonça (Viseu); e Pessegueirense - Tondela, Soares Dias (Porto).

Série D: Ferrel - Marrazes, Carlos Sales (Lisboa); Beneditense - Losanense, Costa e Silva (Lisboa); Naval - Sourense, Santos Ruivo (Santarém); Nazarenos - Nisa e Benfica, Bogia Ribeiro (Setúbal); Gavionense - Alcains, Vítor Reis (Lisboa); Benfica Castelo Branco - Guiense, José Leitão (Santarém); Mirandense - Paroquial de Fátima, Castelo Parreira (Leiria); Portalegrense - Usseira, Gil Rosa (Setúbal); Fundão - Alcobaça, Rodrigues Silva (Guarda); e Vieirense - Alcanenense, João Morais (Lisboa).

Série E: Olivais e Moscavide - Quimigal, Serafim Alvito (Évora); Campomaiorense - Cartaxo, Vítor Batista (Lisboa); Bombarralense - Santa Iria, Álvaro Gonçalves (Funchal); Eléctrico - Sintrense, António Gonçalves (Setúbal); Alverca - Estrela de Vendas Novas, Lourenço Ferreira (Leiria); Malveira - Cacém, Marques Silva (Funchal); Odivelas - Marinhais, José Serra (Évora); Vialonga - Futebol Benfica, António Rola (Santarém); Fronteirense - Vitória de Lisboa, Jacinto Roque (Setúbal); e Praiense - Lisboa e Olivais, Marcolino Batista (Beja).

Série F: Moura - Torralta, Cruz Lopes (Setúbal); Juventude de Évora - Seixal, Fernando Correia (Lisboa); Sesimbra - Serpa, Manuel Varandas (Évora); Imortal - Pinhalnovense, Pires Alves (Lisboa); Campinense - Leões de Tavira, Fernando Baltasar (Faro); Alvorense - Quarteirense, Cesário Evaristo (Faro); Palmelense - Lusitano de Vila Real, Francisco Goulart (Angra do Heroísmo); Montemor - Reguengos de Monsaraz, José Miranda (Portalegre); Vasco da Gama - Lusitano de Évora, Carlos Oliveira (Lisboa); e Aljustrelense - Piense, Andrelino Pena (Faro).

12.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua de S. Julião, 62 2.º — Telefone 87 72 31

NOTÁRIO

LIC. LÍDIA RODRIGUES MAIA DEVESA

O signatário Ajudante do Décimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa

CERTIFICA:

PRIMEIRO: Que a fotocópia apensa a esta certidão, está conforme o original.

SEGUNDO: Que foi extraída neste Cartório da escritura exarada de folhas catorze verso a dezassete verso do livro de notas para escrituras diversas número cento e noventa-E.

TERCEIRO: Que ocupa sete folhas, as quais têm aposto o selo branco deste Cartório; e estão todas elas numeradas e por ele, ajudante rubricadas.

Lisboa, vinte e oito de Janeiro de mil novecentos e oitenta e oito.

O 3.º Ajudante
Assinatura ilegível

Constituição da sociedade comercial por quotas BETAR — CONSULTORES, LIMITADA

No dia vinte e seis de Janeiro de mil novecentos e oitenta e oito, em Lisboa e no Décimo Segundo Cartório Notarial, perante mim, LICENCIADA LÍDIA RODRIGUES MAIA DEVESA, Notária deste Cartório, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO: ANTÓNIO LEITÃO DA ROCHA CABRAL, contribuinte fiscal n.º 101963025, natural da freguesia de Loriga, concelho de Seia, casado sob o regime da comunhão geral com Maria Manuela dos Santos Lopes da Rocha Cabral, portador do bilhete de identidade n.º 0436489, emitido em Lisboa em 1 de Junho de 1981, residente na Rua Cidade da Beira, n.º 46-9.º B, em Lisboa, que outorga POR SI e também na qualidade de SÓCIO GERENTE E EM REPRESENTAÇÃO da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada BETAR — ESTUDOS E PROJECTOS DE ESTABILIDADE, LIMITADA, com sede em Lisboa, na Avenidade Elias Garcia, número cinquenta e três, terceiro andar, esquerdo, titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 500045283, válido até 3 de Dezembro de 1989, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número quarenta e cinco mil trezentos e sessenta e quatro, a folhas trinta e quatro verso do livro-C — cento e treze, com o capital social de um milhão de escudos, qualidade que comprovou com uma fotocópia extraída da acta número vinte e três, da reunião da assembleia geral realizada em vinte e oito de Dezembro do ano findo e com uma certidão emitida pela citada Conservatória, documentos que me apresentou;

SEGUNDO: — CELESTE DA CONCEIÇÃO DOS SANTOS NOBRE MENESES, contribuinte fiscal n.º 116536667, natural de Lisboa, freguesia de São Sebastião da Pedreira, casada com o quinto outorgante Jorge Manuel Gil Nunes Meneses, sob o regime de comunhão de adquiridos, residente na Quinta de Terrugem, Lote 8-1.º andar esquerdo, em Paço de Arcos, concelho de Oeiras, portadora do bilhete de identidade n.º 4585111, emitido em Lisboa em 9 de Março de 1987;

TERCEIRO: — JOSÉ TIAGO DE PINA PATRÍCIO DE MENDONÇA, contribuinte fiscal n.º 101962827, natural de Lisboa, freguesia de Nossa Senhora de Fátima, casado sob o regime de separação de bens com Maria Filipa de Sousa da Câmara Horta Osório, residente em Lisboa na Rua Correia Teles, n.º 91, rés-do-chão, direito, portador do bilhete de identidade n.º 6038924, emitido em Lisboa em 30 de Dezembro de 1987;

QUARTO: — JOSÉ JAIME SIMÕES DE MENDONÇA, contribuinte fiscal n.º 158785584, divorciado, natural da freguesia e concelho de Castelo Branco, residente na Casa Azul, Rua das Padarias, Praia das Maçãs, concelho de Sintra, portador do bilhete de identidade n.º 548964, emitido em Lisboa em 20 de Agosto de 1987;

QUINTO: — JORGE MANUEL GIL NUNES MENESES, contribuinte fiscal n.º 111934877, natural de Lisboa, freguesia de São Sebastião da Pedreira, casado com a segunda outorgante Celeste da Conceição dos Santos Nobre Meneses sob o indicado regime e com ela residente, portador do bilhete de identidade n.º 4571386, emitido em Lisboa em 22 de Setembro de 1987, e;

SEXTO: — MANUEL EDUARDO DA COSTA E ALMEIDA VASQUES, contribuinte fiscal n.º 129945625, natural da freguesia e concelho de Peso da Régua, casado sob o regime de comunhão de adquiridos com Maria Helena de Carvalho Vaz Pinto Almeida Vasques, residente na Rua Manuel Ferreira de Andrade, n.º 12-7.º andar, direito, em Lisboa, portador do bilhete de identidade n.º 3875917, emitido em Lisboa em 5 de Agosto de 1985.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição dos mencionados bilhetes de identidade.

OS OUTORGANTES DISSERAM: — Que pela presente escritura e nas qualidades em que outorgam, estipulam um contrato de sociedade que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

UM. — A sociedade é constituída sob a forma de sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada e adopta a denominação de BETAR — CONSULTORES, LIMITADA.

DOIS. — A sua sede é em Lisboa, na Avenida Elias Garcia, número cinquenta e três, segundo andar, esquerdo, freguesia de Nossa Senhora de Fátima, podendo instalar filiais ou sucursais onde e quando a sociedade decidir.

SEGUNDO

— A sociedade tem por objecto a elaboração de projectos, estudos e consultoria nos domínios da engenharia e economia.

TERCEIRO

O capital social integralmente realizado em dinheiro é de UM MILHÃO DE ESCUDOS e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de quatrocentos e sessenta mil escudos pertencente à sócia Betar — Estudos e Projectos da Estabilidade, Limitada; e seis de noventa mil escudos, cada, pertencentes uma a cada um dos sócios: António Leitão da Rocha Cabral, Celeste da Conceição dos Santos Nobre Meneses; José Tiago de Pina Patrício de Mendonça; José Jaime Simões de Mendonça; Jorge Manuel Gil Nunes Meneses e Manuel Eduardo da Costa e Almeida Vasques.

QUARTO

Podem ser exigidas aos sócios prestações suplementares de capital até cinco milhões de escudos, por acordo de todos os sócios

QUINTO

A cessão de quotas depende sempre do consentimento da sociedade, quando feita a estranhos.

SEXTO

UM. — A gerência e ADMINISTRAÇÃO DA SOCIEDADE e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo dos sócios António Leitão da Rocha Cabral, José Jaime Simões de Mendonça e Jorge Manuel Gil Nunes Meneses, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, que desde já ficam nomeados gerentes.

DOIS. — Para que a sociedade fique validamente obrigada, é necessária e bastante a intervenção ou assinatura de um gerente.

TRÊS. — A sociedade não pode ser obrigada em avales, fianças, abonações, letras de favor ou em quaisquer outros actos e contratos estranhos ao objecto social.

QUATRO. — A sociedade pode constituir mandatários, nos termos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

SÉTIMO

UM. — Anualmente será dado um balanço geral, que será encerrado com data de trinta e um de Dezembro, devendo os lucros nele apurados, depois de deduzidos cinco por cento para o Fundo de Reserva Legal, ser divididos pelos sócios na proporção das suas quotas.

DOIS. — Dos lucros poderá ser reservada, por deliberação da Assembleia Geral, todo ou uma parte para constituição de fundos de reserva não obrigatória por lei.

OITAVO

As assembleias gerais serão convocadas, quando a lei não exigir outras formalidades especiais, por cartas registadas com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de quinze dias.

NONO

A sociedade não se dissolverá por morte ou interdição de qualquer dos sócios, continuando com os sobrevivos ou capazes e, caso a sociedade não use da faculdade contida na alínea d) do artigo décimo-primeiro deste contrato, com os herdeiros ou representantes dos falecidos ou interditos, devendo estes nomear um que a todos represente enquanto a respectiva quota estiver indivisa.

DÉCIMO

Dissolvida a sociedade por acordo dos sócios e nos demais casos legais, todos os sócios serão liquidatários e à liquidação e partilha procederão como para elas concordarem; na falta de acordo, e se alguns sócios o pretenderem, será o activo social licitado em globo, com a obrigatoriedade do pagamento do passivo da sociedade e adjudicação ao sócio que melhor preço oferecer em igualdade de condições.

DÉCIMO PRIMEIRO

UM. — A sociedade poderá amortizar quotas nos seguintes casos:

a) — Por acordo;

b) — A quota do sócio que deixe de cumprir as suas obrigações sociais ou prejudicar a sociedade no seu crédito ou interesses;

c) — A quota que for arrestada, penhorada, arrolada, dada em penhor ou, por qualquer outra forma sujeita a apreensão ou venda judicial;

d) — Por morte ou interdição dos sócios.

DOIS. — Nos casos previstos nas alíneas b), c) e d) do presente artigo, o preço da amortização será o valor que, em balanço especialmente dado para o efeito, for atribuído à quota a amortizar, acrescido da quota-parte nos fundos de reserva legal ou especial.

ASSIM O OUTORGARAM

Adverti os outorgantes de que esta escritura tem que ser apresentada a registo, na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, no prazo de noventa dias a contar desta data.

Foramme exibidos os seguintes documentos:

a) — Certificado de admissibilidade da denominação adoptada pela sociedade ora constituída, emitido pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas em 28 de Dezembro do ano findo, e;

b) — O duplicado da guia de depósito da totalidade do capital social, efectuado na Caixa Geral de Depósitos — Agência da Avenida da República, em conta aberta em nome da sociedade ora constituída com o n.º 021240-630, em 20 de Janeiro corrente.

Ficam arquivadas no maço de documentos relativo a este livro: as mencionadas fotocópia de acta e certidão.

Esta escritura foi lida e o seu conteúdo explicado em voz alta, aos outorgantes, na presença simultânea de todos eles.

Assinaturas ilegíveis

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE MÁQUINAS DA MARINHA MERCANTE DE PORTUGAL

Largo do Calvário, 30-r/c, Dt.º — Telefones 637770/639088 — 1300 LISBOA

Sedes Regionais:
Av. 5 de Outubro, 92-1.º — Telefone 72407 — 8700 OLHÃO
Rua Roberto Ivens, 257 — Telefone 930308 — 4450 MATOSINHOS
Rua Dr. António Joaquim Granjo, 72-1.º — Telefone 24453 — 2900 SETUBAL

CONVOCATÓRIA
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
RELATÓRIO E CONTAS ANO 1987

Nos termos do Art.º 62.º dos Estatutos do SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE MÁQUINAS DA MARINHA MERCANTE DE PORTUGAL convoco a ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA para o próximo dia 12 d e Fevereiro às 18 horas.

Com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1.º Discussão e eventual aprovação do Relatório e Contas, referente ao exercício do ano de 1987.
2.º Informações.

Lisboa, 28 de Janeiro de 1988.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Fernando Piedade Gomes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo ecreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/14, arquivo 9-C, para o estabelecimento na freguesia de Alverca, concelho de Vila Franca de Xira, uma modificação da linha aérea a 30 KV, n.º 107, com diminuição de 19 metros de comprimento (616 metros), e origem no apoio n.º 88 da linha n.º 107.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 19 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS
(Assinatura ilegível)

"DRAGÕES": SERÃO TRINTA MIL NO ASSALTO AO NINHO DAS ÁGUIAS

Manuel Neto

Calcula-se em cerca de 30 mil os adeptos e simpatizantes do Futebol Clube do Porto que amanhã estarão no Estádio da Luz para testemunhar o encontro com o Benfica. A procura de bilhetes na capital nortenha foi intensa — um responsável pela organização de jogos nas Antas revelou ao «DL» que «há muito não via uma coisa igual» — especialmente a partir de anteontem, quando os serviços meteorológicos anunciaram uma melhoria substancial do tempo para o fim-de-semana.

Os indecisos aceleraram o passo, mas já era tarde. Os 13 mil bilhetes requisitados pelo Futebol Clube do Porto tinham «voado» há muito. Por isso, algumas agências de viagens, por nós contactadas, disseram que optaram por ir comprar directamente às bilheteiras da Luz, pois, de contrário, ver-se-iam impedidas de satisfazer os inúmeros pedidos que surgiram à última hora. Numa ronda telefónica, apurámos (números redondos) que, entre hoje e o alvorecer de amanhã), farão a ligação entre o Porto e Lisboa, nada mais, nada menos, do que 180 autocarros, mais dois comboios especiais (com cerca de 800 passageiros cada), organizados pela Comissão Pró-Sede do Futebol Clube do Porto. Há que contar, no entanto, com os milhares que farão a viagem de automóvel, umas quantas centenas que viajarão de avião e, ainda, os que residem no Sul do País e que, naturalmente, não vão perder, também, a oportunidade de ver o seu clube de peito.

Que surpresa nos reserva Ivic?

Para o encontro de amanhã, o técnico portista, Tomislav Ivic, deve ter reservado qualquer surpresa. Esta convicção resulta não só do modo como o treinador portista ensaiou os seus pupilos nos últimos dias — congeminando alguns esquemas tácticos diferentes dos habituais — mas também dos jogadores escolhidos para o grande encontro, onde ressalta a presença de quatro «centrais» e de Juary e Jorge Plácido, em simultâneo. Mas vejamos quem foram os 17 eleitos: os guarda-redes Mlynarczyk e Zé Beto; os defesas João Pinto, Geraldão, Celso, Eduardo Luís, Lima Pereira e Inácio; os médios André, Sousa, Jaime Pacheco, Semedo e Jaime Magalhães, e os avançados Jorge Plácido, Juary, Gomes e Rui Barros.

Muitas opções, por conseguinte, na mão do técnico «azul e branco» que esta manhã, antes da partida para Lisboa (os portistas optaram pelo comboio que saiu de Campanhã pouco depois das 11 horas e que farão a viagem de regresso também de comboio, saindo de Santa Apolónia amanhã, cerca das 20.30 horas), nos dizia estar muito satisfeito porque — disse — «posso contar com todos os jogadores». Instado sobre a possibilidade de fazer um «bonito» na Luz, o técnico jugoslavo abriu um largo sorriso e, em jeito de quem faz uma confidência, disse baixinho: «Estivemos a trabalhar para isso... esperemos que resulte». O moral das «tropas», pelo que nos pudemos aperceber, também é elevado, independentemente de ser notório que os «dragões» baixaram um pouco de rendimento nos dois últimos jogos, facto este, aliás previsível, que os responsáveis técnicos têm procurado colmatar com outros estratagemas, como nos disse o professor José Neto: «Agora, rematamos menos, mas somos mais eficazes. A defesa, por sua vez, também consegue recuperar mais bolas ao adversário, reforçando, assim, a sua estratégia do meio-campo que visa, naturalmente, a neutralização do adversário na zona intermediária».

Pinto da Costa deve recandidatar-se

Paralelamente com os vaticínios sobre o encontro de amanhã, os adeptos portistas continuam a interrogar-se sobre quem será o sucessor de Jorge Nuno Pinto da Costa, na presidência do FC Porto. Como se sabe, Pinto da Costa anunciou publicamente a sua intenção de não se recandidatar às próximas eleições, mas desde logo se desenhou também um movimento tendente a fazê-lo mudar de idéias, movimento esse liderado por alguns dos vice-presidentes que o acompanharam nos sucessivos mandatos. Entre eles conta-se o dr. Pôncio Monteiro que ontem mesmo se mostrava absolutamente convicto de que Pinto da Costa vai continuar a gerir os destinos do FC Porto, dizendo mesmo: **Não tenho dúvidas, a Jorge Nuno sucederá... Pinto da Costa.** E explicou porquê: **Embora tenha ultrapassado largamente as metas que tinha traçado no início dos mandatos, Pinto da Costa, através do seu dinamismo e do seu inconformismo, criou novas responsabilidades com os projectos que idealizou já na parte final deste mandato. Ora, como ele não é homem de desistir a meio de uma tarefa, acredito que irá levar até ao fim o seu desejo de engrandecimento patrimonial do F.C. Porto, recandidatando-se.**

Em sintonia com o mesmo movimento, alguns sócios e dirigentes mais próximos do actual presidente portista estão a preparar-lhe uma homenagem, a qual visa perpetuar a sua obra no FC Porto. A exemplo, aliás, do que sucedeu com anteriores presidentes do clube, como o dr. Cesário Bonito e o banqueiro Afonso Pinto de Magalhães.

Esta é a «equipa-base» dos «dragões» que amanhã estará a vigiar o esvoaçar da águia

Shéu assiste, Jesualdo Ferreira observa, enquanto Chiquinho, Magnusson e Álvaro trabalham

Benfica: Padinha entre os convocados

Toni convocou 18 jogadores, incluindo Padinha, avançado que nos jogos de reservas se tem evidenciado pelo número de golos marcados.

Depois dos pontos cedidos em casa e da «chicotada psicológica», que levou Toni ao comando da equipa técnica, o Benfica regressou às razoáveis actuações e os sócios do clube da Luz voltaram a acreditar na possibilidade da conquista do título.

Sete pontos separam o Porto do Benfica, desvantagem que leva o actual técnico a dispensar especial atenção ao jogo de amanhã, que pode «significar uma volta no campeonato». **Neste jogo o Benfica vai defender o título. O Benfica é agora uma equipa mais confiante, mais tranquila e, fisicamente, tem mais capacidade de resposta,** refere Toni.

O treinador do Benfica refere ainda que **é necessário continuar a trabalhar com entusiasmo para que os resultados apareçam,** mostrando-se convicto da possibilidade de a maior capacidade física do plantel ser traduzida em termos de exibição e de resultado.

Os 18 jogadores são os seguintes: Silvino, Bento, Álvaro, Carlos Pereira, Dito, Edmundo, Mozer, Veloso, Tueba, Shéu, Elzo, Chiquinho, Diamantino, Vando, Pacheco, Padinha, Rui Águas e Magnusson.

Policiamento: seis centenas

Procurando prevenir qualquer incidente, as forças da PSP vão estar fortemente representadas dentro e fora do Estádio do SLB, contando-se que estejam cerca de 400 dentro do recinto, uma centena na ordenação e disciplina do tráfego e ainda outra centena (do Corpo de Intervenção) de «prevenção» para acorrer a qualquer (indesejável) chamado.

Espionagem belga

O «manager» e o treinador da equipa do Anderlecht (próximo opositor do Benfica na Taça dos Campeões Europeus) estarão presentes na Luz para recolherem os dados julgados convenientes com vista aos embates de 2 e 16 de Março próximo.

Que tempo irá fazer?

Segundo refere o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, o estado do tempo para amanhã será este: céu muito nublado, vento moderado, mas com rajadas fortes, e muita chuva. Oxalá haja equívoco na previsão, mas, à cautela, o bom será preparar o guarda-chuva.

Valdo com um pé no avião?

Conforme noticiámos na nossa edição de ontem, o presidente do Benfica deslocou-se ao Brasil (e o argumento de que teria feito a viagem apenas por razões de ordem particular, não colhe) e ao que nos asseguram os seus contactos, com os dirigentes do Grémio de Porto Alegre no sentido de desbloquear o processo de transferência de Valdo, terão resultado positivos esperando-se que Valdo esteja na Luz durante a próxima semana.

Mais "petardos" na "guerra do fisco"

«A legislação portuguesa consagra princípios mais generosos do que qualquer outro país da Europa» — disse o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, Oliveira e Costa, ao programa 24.ª Hora da Rádio Comercial.

Multas de 5 mil a 50 mil contos para clubes que viciem a escrita ou se recusem a apresentá-la. Há clubes que consideram as sanções elevadas, lembrando que são instituições de Utilidade Pública. Mas, Oliveira e Costa estranha: **«Quem se preocupa tanto com o nível das multas previstas é porque tem intenção de não cumprir...»**

Sobre a contabilidade organizada exigida aos clubes, o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais frisou: **«Os pequenos clubes não terão de fazer uma escrita especial. Terão apenas de registar os fluxos monetários. Isso não é problema. E não se venha dizer que isso constitui, mesmo para os grandes clubes, um problema especial, porque não é admissível que clubes que movimentam centenas de milhares de contos, não tenham uma contabilidade. E nós sabemos que a têm. Até a têm computadorizada. Isso não é um problema real. E um problema posto para escamotear não sei bem o quê.»**

Oliveira e Costa reconhece o papel dos clubes como instituições de Utilidade Pública, porque **«o desporto é algo que importa ao País, e, atingindo-se bons padrões de realização desportiva, também há a projecção da colectividade como um todo...»**

Mas o governante lembrou: **«Uma coisa é o desporto, e se os agentes desportivos pretenderem mais apoio da parte do Governo é uma coisa. O problema da tributação é outro.»**

•

Entretanto, sabemos que a reunião, dos clubes afectos Associação e à Confederação Nacional de Clubes, marcada para o dia 8 de Fevereiro, será alargada a todas as «forças vivas» do desporto profissional, e nesse dia saberemos qual a «resposta» a dar ao fracasso da recente reunião dos dirigentes desportivos com o ministro Miguel Cadilhe que resolveu recusar-se ao diálogo mandando cumprir o decreto sobre a fiscalidade.

UEFA castiga Guimarães

A União Europeia de Futebol impôs ao Vitória de Guimarães uma multa de 5000 francos suíços (cerca de 500 contos) por **comportamento incorrecto** do público no jogo com o Vitkovice, da Checoslováquia.

A multa imposta pela UEFA refere-se ao jogo da primeira «mão» da 3.ª eliminatória da Taça UEFA, disputado em 9 de Dezembro, em Guimarães.

Recorde vale Mercedes

Os organizadores do «meeting» de Estugarda em pista coberta oferecem um automóvel Mercedes ao atleta que bater amanhã o recorde mundial do salto com vara, que pertence ao soviético Sergei Bubka, com 5,97 metros.

Bubka, que o ano passado melhorou pela sexta vez o recorde mundial ao ar livre, ao transpor a fasquia colocada a 6,03 metros, será uma das principais atracções do torneio.

O campeão do Mundo irá encontrar forte oposição do seu irmão Vassili, medalha de prata nos «europeus» de 1986, e do francês Thierry Vigneron, vice-campeão do Mundo e antigo recordista mundial.

O «meeting» de Estugarda irá também contar com a presença do norte-americano Carl Lewis, que raramente compete na Europa em provas em recinto coberto.

"Jogos Desportivos da Cidade": hoje (atletismo) e amanhã (natação)

Organizados pelo pelouro de Desporto da CML (liderado pelo dr. Victor Gonçalves) continuam a decorrer os II Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, que, na fase inicial (Torneio de Freguesias), são participados por cerca de 8000 jovens atletas em representação de centenas de colectividades da maioria das juntas de freguesia do concelho.

Exceptuando a natação e atletismo (que não têm fase de eliminatórias e apuramento) as demais modalidades (andebol, basquetebol, futebol de salão e ténis de mesa) terão hoje e amanhã a derradeira jornada da primeira fase, pelo que, dentro de dias, serão conhecidas as equipas participantes no «Torneio da Cidade» que decorrerá desde Fevereiro até ao dia 13 de Junho, culminando com a grande «Festa do Desporto» com palco montado no Terreiro do Paço.

●

Entretanto, a partir das 15 horas de hoje, decorrerá a 2.ª prova de atletismo, com partida e chegada junto à Torre de Belém, com passagem dos concorrentes no Forte do Bom Sucesso, Quartel da Marinha, Mercado do Povo, Espelho de Água e Padrão dos Descobrimentos. Quanto ao número de inscritos dos três escalões etários, entre os 9 e os 16 anos, ultrapassa as seis centenas.

Recorde-se o nome dos vencedores da primeira prova realizada na Charneca do Lumiar, em masculinos: Nuno Borges (Escalão A), Armando Silva (B) e Luís Condesso (C); femininos: Sílvia Rodrigues (A), Patrícia Correia (B) e Ana Santos (C).

Amanhã, a partir das 9 horas, teremos mais de 400 nadadores na Piscina dos Olivais, disputando, igualmente, a 2.ª prova dos «Jogos». A jornada inaugural registou os seguintes vencedores, em masculinos: Gonçalo Martins (A), Nuno Laurentino (B) e André Morgado (C); femininos: Marina Santos (A), Teresa dos Santos (B) e Rita Gomes (C).

Violência chegou ao andebol?

ÁRBITRO DENUNCIA ACTOS DE VANDALISMO

Infelizmente a violência está instalada nos diversos recintos destinados à prática desportiva e, semanalmente, são revelados alguns exemplos de agressões, invasões de campo e outro tipo de comportamento que deveriam preocupar os órgãos responsáveis pela disciplina desportiva e as autoridades governamentais competentes para punir, de forma exemplar, os prevaricadores. Casos no futebol são às dezenas, no basquetebol é o que se sabe e no andebol as coisas também não decorrem com o «fair play» que seria desejável. Sobre eventuais ocorrências nesta modalidade recebemos, do árbitro Vítor Manuel Paulo dos Santos, uma carta do seguinte teor:

«Sendo eu árbitro de andebol há 13 anos, presentemente com a categoria de Nacional 'B', venho pela presente informar V. de alguns dos problemas que afligem a modalidade e que talvez não seja do vosso conhecimento, tais como passo a mencionar:

1.º — No espaço de um mês, verificaram-se cinco tentativas de agressão a árbitro sendo, pelo menos, duas delas concretizadas.

Uma foi comigo, em 19/12/87 às 16.30, no jogo do Campeonato Regional de Juniores Masculinos, da Associação de Andebol de Lisboa, entre as equipas do Almada Atlético Clube e do Clube Desportivo dos Olivais e Moscavide, por parte do treinador e do dirigente do Almada.

A outra, de que tenho conhecimento, no dia 16/1/88, no jogo do Campeonato Regional de Seniores Masculinos, 2.ª Divisão, da Associação de Andebol de Lisboa, entre as equipas do Clube Desportivo dos Olivais e Moscavide e do Clube Recreativo do Bairro de Janeiro 'B', por parte de um jogador do Olivais e Moscavide.

O primeiro jogo foi em Almada e o outro no Pavilhão Fernando Pessoa, em Lisboa.

2.º — Esta situação de instabilidade e insegurança, até quando se irá manter?

3.º — Cada vez há mais pressões aos árbitros, de dentro e de fora dos campos e estas situações são o pão nosso de cada dia.

4.º — Tudo isto se vai agravando e até outras situações se têm ultimamente verificado, tais como: desorganização dos dirigentes; falta de protecção aos árbitros, pelos agentes da PSP; erros consecutivos dos atletas; erros dos treinadores, que cometem falhas técnicas que depois, não as sabendo remediar, não têm capacidade nem personalidade de se assumirem perante o seu público e dirigentes dos clubes, fazendo recair sobre os árbitros todas as responsabilidades pelas derrotas, chamando-lhes tudo, menos boas pessoas...

5.º — Mas esses senhores andam lá a ludibriar os seus dirigentes que todos os meses lhes pagam, até que, não tendo argumentos para se justificarem, vão-se embora, ou são dispensados, com as tais chicotadas...

6.º — Mas com tudo isto, os árbitros cá andam a 'dar a cara' (e às vezes não só) defendendo única e exclusivamente a sua opção, que é a única verdade existente no aspecto desportivo.

Perante isto, gostava que V. levasse em conta esta minha chamada de atenção, realçando uma vez mais estes actos de vandalismo e mostrassem ao grande público o difícil que é ser-se árbitro, mas ao mesmo tempo, o aliciante que esta carreira nos oferece.»

«Tão pequenino e tão mentiroso»

Entretanto, a propósito desta carta do árbitro Vítor Santos, recebemos do Almada Atlético Clube a «contestação» feita nos seguintes termos:

«O nosso clube repudia veementemente as afirmações publicadas em alguns jornais e na Rádio da autoria do árbitro de andebol Vítor Santos (passe a publicidade) de que tinha sido agredido em Almada por dirigentes e treinador do nosso clube. Tão pequenino e tão mentiroso; a Polícia local é a maior testemunha da falsidade de tais afirmações, pois esteve presente no local do encontro e nada observou, será que a autoridade mente no seu relatório?

Não nos vamos alongar, pois o nosso clube com 44 anos de amadorismo na modalidade, é demasiado grande para perder tempo com indivíduos de tal estirpe.»

Na sua agenda

Hoje

AUTOMOBILISMO: Rali Internacional Sopete/Póvoa de Varzim.

BASQUETEBOL: Campeonato Nacional da I Divisão — Illiabum - Sporting, às 17.30, no pavilhão do Illiabum; FC Porto - Belenenses, às 17.30 no pavilhão das Antas; Ovarense - Benfica, às 17.00 no pavilhão do Ovarense; e Imortal - Queluz, às 21.00, no pavilhão de Albufeira.

BOXE: Torneio de Preparação, no pavilhão do Sacavenense, às 21.30 horas.

HÓQUEI EM CAMPO: Campeonato de Lisboa (seniores) — Belenenses - Carris, no Restelo, às 14.30 e Cascais - Trajouce em Cascais, às 15 horas.

HÓQUEI EM PATINS: Campeonato Nacional da I Divisão — 16.ª jornada, às 21 horas — Cucujães - Tomar, Sporting - Parede, Juv. de Viana - Barcelos, FC Porto - P. Arcos, Ferpinta - Benfica, Salesiana - Oliveirense (pav. de Cascais) e Sanjoanense - Turquel.

Amanhã

ATLETISMO; Com a participação de atletas de 9 países disputa-se amanhã em Felgueiras o I Crosse da «Westathletic» com início pelas 11.10 horas sendo transmitida pela RTP.

RÂGUEBI: jogos do grupo1: Cascais-Técnico e Direito-Benfica, às 14 horas, sendo o primeiro em Cascais e o segundo no Estádio Nacional.

VOLEIBOL: para o «nacional» teremos amanhã os seguintes confrontos; sector masculino: Espinho-Leixões (17.30); S. Mamede-Porto (18h.) e CDUP-Sporting (18h.); sector feminino: Vila Real-CDUP, Vianense-Fluvial e Boavista-Sporting, todos marcados para as 17 horas.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Castelo de Vide, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo — Centro de Portalegre, a que se refere o processo 1/9, arquivo 95-C, para o estabelecimento na freguesia de Santiago Maior e concelho de Castelo de Vide, de uma linha aérea a 30 KV, com 588 metros, do apoio n.º8 da linha para o PT CVD — 6 — Mem Soares — Castelo de Vide (modificação), ao PT n.º 1022 — Estação da CP — Castelo de Vide.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 19 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

(Assinatura ilegível)

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Portalegre, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/25, arquivo 95-C, para o estabelecimento na freguesia de Urra e concelho de Portalegre, de uma linha de alta tensão, aérea, a 30 KV, com extensão de 3942 metros, com início no apoio n.º 45 da linha para o Instituto dos Cereais e com término no posto de transformação da Herdade das Contadas, propriedade de José Fernando Mata Cáceres.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 19 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

(Assinatura ilegível)

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal de Campo Maior, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo — Centro de Portalegre, a que se refere o processo n.º 1/6, arquivo 95-C, para o estabelecimento na freguesia de S. João Batista, concelho de Campo Maior, uma linha aérea a 6 (30) KV, com 7464 metros do PST CMM/4 — Bairro Novo — Campo Maior, ao PT CMM 12 Ouguela — Campo Maior.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 19 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

(Assinatura ilegível)

Nove cidades atacadas no Vietnam do Sul pelos guerrilheiros

Foi de nove o total de cidades sul-vietnamianas — sete das quais capitais de província — atacadas a noite passada pelo Vietcong. Todas foram ocupadas. Por outro lado, quatro aeródromos americanos foram bombardeados ou atacados, tendo ficado danificados aviões e helicópteros. Esta acção causou completa surpresa em todo o país. Os americanos e os sul-vietnamianos só esperavam um ataque em Khe Sanh.

Em Da Nang, a segunda maior cidade do Vietname do Sul, combate-se de casa para casa. Em Saigão, num aviso urgente afixado nos principais clubes e hotéis, onde se encontram afixadas as tropas americanas, pode ler-se: «Unidades do Vietcong infiltraram-se na capital, com a intenção de lançarem ataques suicidas contra instalações americanas e vietnamianas».

Nem funeral nem fundos

O sr. António Marques da Costa, morador em Setúbal, na Rua General Gomes Freire, apresentou na Secção de Justiça da PSP queixa contra Mário José Vira e seu irmão Jaime Vira, moradores na Rua 26 de Setembro.

Segundo o queixoso, os irmãos Vira montaram, há quase quarenta anos, uma espécie de agência mutualista, que se encarregaria de organizar o funeral dos contribuintes que pagassem uma quota mensal, quota que o queixoso pagou pontualmente durante 24 anos, assim como a sua companheira Mariana Tavares, que pagou durante 35 anos, até ao fim do ano passado.

A agência mutualista não tinha estatutos aprovados, pois era regida pessoalmente pelos acusados, que não apresentavam contas ou balancetes para conhecimento dos contribuintes e, assim, com a maior naturalidade, estes foram notificados pelos acusados de que, por falta de fundos, a agência dava por finda a sua actividade, sem, contudo, restituir aos contribuintes, as importâncias por estes entregues.

Há mais pessoas lesadas. A queixa foi entregue ao tribunal.

Aumenta o fosso ideológico entre Moscovo e Havana

A decisão cubana de julgar um grupo pró-soviético acusado de diversas actividades, que vão até à traição, cava mais profundamente o fosso ideológico entre Havana e Moscovo, trazendo a lume alguns pormenores de dissidências.

O próximo julgamento deve ser considerado um golpe severo na União Soviética e um aviso claro de que o primeiro-ministro Fidel Castro não aceita orientações estranhas.

O grupo pró-soviético, cuja prisão foi anunciada no domingo, é acusado de tentar induzir a União Soviética a exercer pressões políticas e económicas para forçar Fidel Castro a alinhar com Moscovo.

É difícil de prever, neste momento, o efeito que terão as revelações nas relações entre Cuba, a URSS e outros países comunistas da Europa Oriental.

EFEMÉRIDES

1648 É assinada, em Munster, a paz entre a Espanha e os Países Baixos.

1788 Carlos Eduardo Stuart, jovem pretendente ao trono britânico, morre em Roma.

1875 É aprovada a Constituição da República em França.

1902 A Grã-Bretanha assina com o Japão um tratado que prevê a independência da China e da Coreia.

1933 Adolfo Hitler é nomeado chanceler da Alemanha pelo presidente Hidenburg, formando-se um governo de coligação.

1943 Forças soviéticas desbaratam o exército alemão a sudoeste de Estalinegrado, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1948 Morre, em Nova Deli, Índia, o pacifista, filósofo e obreiro da independência da Índia, Mahatma Gandhi, assassinado por um fanático hindu.

1962 A Assembleia Geral da ONU adopta uma resolução apelando a Portugal para que cesse as medidas repressivas contra Angola.

1964 O general sul-vietnamita Nguyen Khanh toma o poder através de um golpe militar em Saigão.

1972 Treze civis são mortos por pára-quedistas britânicos em Londonderry, Irlanda do Norte, no decurso de uma série de revoltas.

1975 Toma posse o Governo de transição de Angola, constituido por representantes de Portugal e dos três movimentos de libertação MPLA, UNITA e FNLA.

1978 Toma posse o segundo Governo constitucional chefiado por Mário Soares e formado por uma coligação entre o Partido Socialista e o CDS.

1979 Na Rodésia, a minoria branca aprova nova constituição que entrega, virtualmente, o controlo do país à maioria negra.

1980 O major Otelo Saraiva de Carvalho anuncia o lançamento da Força de Unidade Popular (FUP) — concorrente às eleições gerais realizadas no Outono.

— Realizam-se as primeiras eleições locais, em dez anos, nas Filipinas.

1981 Um comando sul-africano ataca uma residência do Congresso Nacional Africano (ANC), na Matola, Moçambique, matando sete pessoas.

1984 O Presidente norte-americano, Ronald Reagan, anuncia oficialmente que se recandidatará à presidência dos EUA.

1985 No termo da sua visita a Portugal, o Presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, que recebera, em Coimbra, o grau de doutor «Honoris Causa», é agraciado, pelo Presidente Ramalho Eanes, com a Grã-Cruz da Ordem de Torre e Espada.

1987 Morre o poeta catalão Josep Vicens Foix, 94 anos.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min	Prec.	Às 13 h.
Bragança	4	3	0,0	M. nub
V. Castelo	11	10	0,0	P. nub.
Vila Real	7	6	0,0	Aguac.
Porto	–	–	0,0	—
Coimbra	10	10	0;0	M. nub
C. Carvoeiro ..	14	13	0,0	P. nub.
C. Branco	9	9	0.0	P. nub.
Portalegre	7	7	0,0	P. nub.
Lisboa	12	12	0,0	P. nub.
Évora	10	10	0.0	Limpo
Beja	9	9	0.0	P. nub.
Faro	13	13	0.0	P. nub.
Sagres	14	14	0.0	P. nub
P. Delgada	16	15	0.0	M. nub.
Funchal	14	14	0.0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 16. Porto 14, Faro 17, Ponta Delgada 18. Funchal, 19.

Temperatura do ar em C • Pr...

NA EUROPA

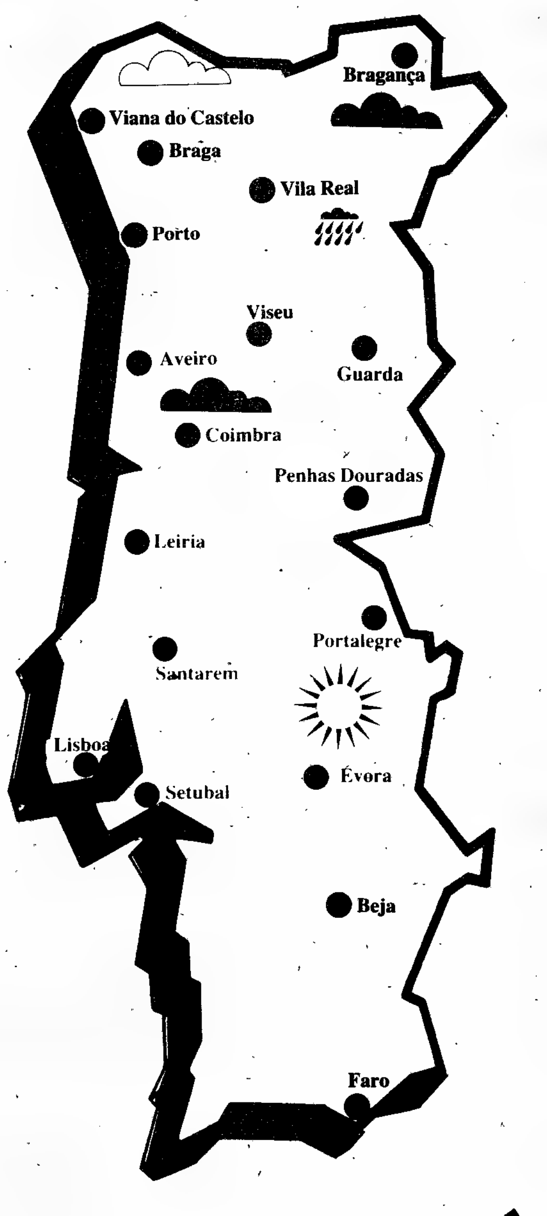
	Min.	Max	Às 13 h
Madrid	7	6	Muito nub
Londres	4	3	Pouco nub
Paris	5	4	Muito nub
Bruxelas	5	4	Chuvisco
Amesterdão. ...	5	4	Muito nub
Genebra	3	3	Aguaceiros
Roma	13	13	Muito nub.
Oslo	–2	–2	Neve
Copenhaga	1	1	Chuva e neve
Estocolmo	–	–	Nebliña
Berlim	5	4	Neblina
Viena	4	4	Chuva
Varsóvia	–2	–2	Encoberto
Atenas	10	9	Neblina
Moscovo	–20	–21	Limpo

Temperatura do ar em C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Max.	Às 13 h.
Caracas	16	24	Limpo
Joanesburgo ...	13	29	Limpo
Los Angeles	14	25	Limpo
Montreal	11	15	Neve
Nova Deli	8	23	Limpo
Nova Iorque ...	–7	–3	Limpo
R. de Janeiro ..	22	39	Limpo
S. Francisco ...	10	16	Limpo
Sao Paulo	22	32	Nublado
Toquio	2	16	Limpo

Temperatura do ar em C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Regiões do Norte — Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de Oeste e aguaceiros fracos diminuindo de frequência. Mar de pequena vaga tornando-se cavado e ondulação noroeste com quatro a cinco metros.

Regiões do Centro — Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de Oeste. Aguaceiros fracos e pouco frequentes durante a manhã. Mar encrespado ou de pequena vaga e ondulaçao noroeste com cerca de quatro metros.

Regiões do Sul — Ceu com periodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de Noroeste. Mar geralmente encrespado e ondulaçao noroeste de tres a quatro metros na costa Ocidental e ondulaçao inferior a um metro na costa Sul.

Nos Açores:

Grupo Ocidental — Ceu muito nublado. Vento moderado de sudoeste, tornando-se muito fresco a forte, a partir da manha. Periodos de chuva.

Estado do mar — Mar grosso a alteroso. Vaga de cinco metros. Ondulação de noroeste

Grupo Central — Céu muito nublado. Vento moderado a fresco de sudoeste, tornando-se forte para o fim do dia. Períodos de chuva fraca.

Estado do mar — Mar cavado a grosso, tornando-se alteroso. Vaga de quatro a cinco metros. Ondulação noroeste.

Grupo Oriental — Céu muito nublado. Vento moderado a fresco de sudoeste. Períodos de chuva fraca.

Na Madeira:

Periodos de ceu muito nublado. Vento fraco ou moderado de noroeste.

AMANHÃ

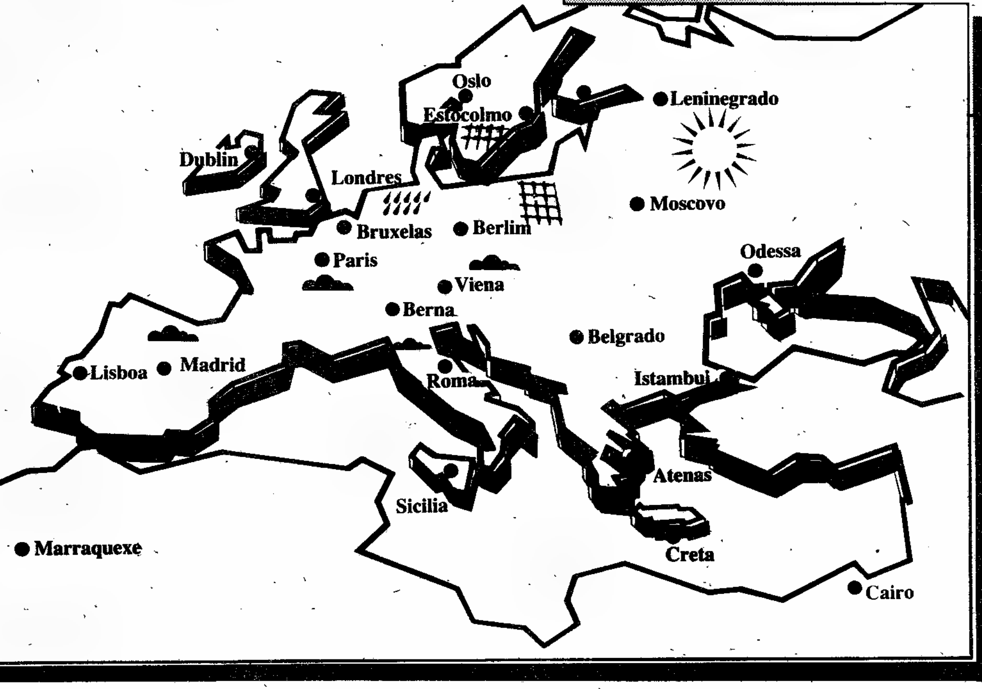
Regiões do Norte e Centro — Ceu geralmente muito nublado. Vento de Sudoeste moderado. A partir da tarde vento por vezes forte e periodos de chuva especialmente nas regiões do Norte.

Regiões do Sul — Céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

MARES

	Praia-Mar		Baixa-Mar	
Hoje	00.51	3,5 m	06.54	1,7 m
	13.20	3,4 m	18.59	1,7 m
Amanhã	01.41	3,7 m	07.38	1,5 m
	14.05	3,5 m	19.38	1,5 m

• Informacao do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica.



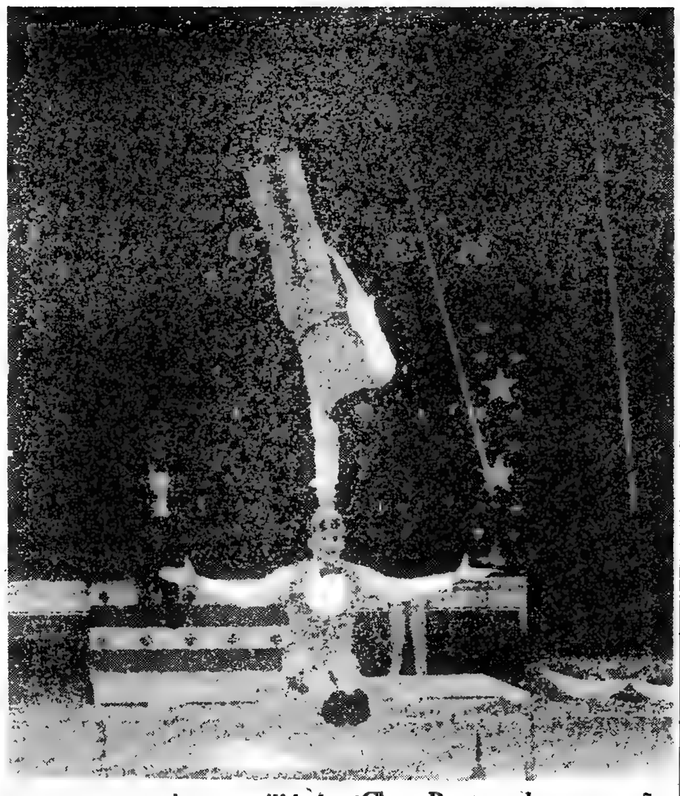
• Informação da agência Lusa

No 13.º Festival Internacional de Circo do Mónaco

OS "CHEN BROTHERS" REPRESENTAM PORTUGAL

João de Melo Alvim

AO representarem Portugal no 13.º Festival Internacional de Circo de Mónaco, que se realiza de 28 de Janeiro a 1 de Fevereiro neste principado, os «Chen Brothers» pensam vir a enriquecer esta participação, por si já priviligiante, com a conquista de mais um troféu para o nosso país.



É que o ano passado, mais ou menos por esta altura, mas então em Paris (no Festival Mondial du Cirque de Demain), estes artistas conquistaram uma medalha de ouro, entre concorrentes dos mais variados países: foi o reconhecimento, pela primeira vez e além fronteiras, de um notável trabalho desenvolvido, de há uns anos a esta parte, pelas autênticas escolas de circo nestes tempos entre nós. Trata-se das próprias famílias circenses, neste caso a consagrada Chen.

Posto isto, passo a apresentar artistas e números que, os leitores que ainda não tiveram a oportunidade de ver ao vivo, provavelmente terão essa oportunidade, novamente, na Televisão, já que o final deste certame internacional tem garantia de cobertura televisiva.

Temos então um duo formado por Miguel Chen (filho) e Augusto Laurador, encenados e dirigidos — porque, como no teatro, os números circenses também implicam encenação e direcção dos artistas —, por Miguel Chen (pai). No essencial a actuação — que se desenvolve em cima de um praticável de baixa altura —, é composta por sequências de «truques» de forças combinadas em que, depois do desenho em movimento protagonizado pelos dois artistas, o «ágil» — artista volteador —, detém-se em equilíbrios variados e, gradualmente mais complexos, suportados pelo outro actor, o «base».

À aparência, esta representação requer, antes de mais, grande destreza do «ágil», e muita força por parte do «base». Mas é só aparentemente, porque num bom número de «forças combinadas», como este é, a arte refina-se no (correcto) jogo de equilíbrios, e no saber encontrar os tempos certos, domínios estes que levaram o grande homem do teatro mundial Meyerhold, a ver na prática circense, qualidades indispensáveis ao actor dramático, como seja a agilidade corporal, a nitidêz, o virtuosismo técnico e o sentido absoluto do ritmo.

Por fim, uma chamada de atenção para a encenação que, como já se disse, é de Miguel Chen. Recorrendo a marcações simples, a aposta está, isso sim, na criação de um ambiente que, irresistivelmente, acaba por envolver público/artistas naquele milagre que a tenda multicolor do circo propaga para além do descritível.

Arte portuguesa vai a Madrid

Galeria EMI no ARCO 88

A Galeria EMI-Valentim de Carvalho estará presente no ARCO'88 — Feira Internacional de Arte Contemporânea —, que se realiza de 11 a 16 de Fevereiro próximo, em Madrid.

Nesta mostra de Arte Contemporânea esta Galeria apresentará os artistas:

Jorge Martins — com trabalhos de grande dimensões e muito representativos na sua obra. **José Pedro Croft** — mostrará uma escultura em mármore branco de 2m e 15 cm de altura, reveladora da pesquisa constante que caracteriza o seu trabalho. **Pedro Calapez** — com obras que se inserem na linha de trabalhos que este artista tem vindo a desenvolver. **Rui Sanches** — levará também uma escultura, intitulada «Marat d'aprés David», em madeira e aço, que denota o seu persistente rigor na concepção das suas obras. Para além destes artistas, a Galeria apresentará ainda trabalhos de **Ângelo de Sousa, António Sena e Joaquim Bravo.**

com este conjunto de obras, de grande qualidade, a Galeria EMI-Valentim de Carvalho marcará, sem dúvida, mais uma significativa presença da Arte Portuguesa no campo da Arte Contemporânea.

Exposição e cinema no Forum Picoas

Trezentos trabalhos de cerâmica, desenho, artes gráficas, escultura, pintura, serralharia, fotografia e ourivesaria vão integrar de 4 a 17 de Fevereiro a exposição AR.CO FSE no Forum Picoas.

Os trabalhos expostos foram executados por jovens dos 18 aos 25 anos que participaram em cursos realizados no AR.CO entre Julho e Dezembro de 1987 no âmbito do Fundo Social Europeu (FSE).

Segundo os organizadores, a exposição visa «chamar a atenção do público em geral para os resultados conseguidos (nos cursos), fruto da combinação da estrutura e experiência do AR.CO mais o apoio e perspectiva do Fundo Social Europeu».

Ainda no Forum Picoas tem início no dia 1 de Fevereiro e prolonga-se até ao final do mês um Ciclo de Cinema denominado «Selecção Columbia», que apresenta algumas películas produzidas pela homónima companhia cinematográfica norte-americana.

A abrir o ciclo será projectado, nos dias 1 e 2 de Fevereiro, o filme «O Fio da Navalha», de John Byrum, com Bill Murray e Theresa Russell nos principais papéis.

Da lista de 15 filmes programados constam «Operação Thor», de John Badham, «Starman, o Homem das Estrelas», de John Carpenter, «Tootsie», de Sidney Pollack, «Ghandhi», de Richard Attenborough, «O Sindroma da China», de James Bridges, «Silverado», de Lawrence Kasdan, «Taxi Driver», de Martin Scorsese e «Encontros Imediatos do Terceiro Grau», de Steven Spielberg.

Elba Ramalho no Estoril dia 5 de Fevereiro

Para fechar com chave de ouro a sua estadia no nosso país, a cantora brasileira Elba Ramalho, depois dos espectéculos que dará em Lisboa, actuará no Casino Estoril, para público que habitualmente acorre à sua prestigiada sala de espectáculos.

É na sexta-feira, dia 5 de Fevereiro, que o grande Salão Restaurante do Casino terá a presença talentosa e esfuziante de Elba Ramalho, para um «show» que se anuncia, de grande qualidade.

Será um verdadeiro «Pré-Carnaval» que a famosa artista nos traz, com muita da alegria e sedução da música brasileira. No Casino Estoril, Elba Ramalho interpretará temas do seu espectáculo que foi grande sucesso no Canecão do Rio de Janeiro e decerto a ouviremos em «Aconchego», canção que faz parte da banda sonora da telenovela «Roque Santeiro».

Com Elba, além da sua banda de músicos brasileiros, vem também o marido, o actor Maurício Mattar (João Ligeiro nessa novela) e o filho do casal, que ainda não completou o ano de idade!

Mulher charmosa, senhora de um tremendo magnetismo em palco e de uma bela voz, Elba Ramalho será certamente um grande êxito, no Casino Estoril... Numa noite que é já uma «antestreia» dos quatro dias de Carnaval que trarão, aqui, os nomes igualmente prestigiados de Jô Soares, Fafá de Belém e a Orquestra da Felicidade, do Brilho e da Glória, do Rio de Janeiro.

Pré-Carnaval é com Elba Ramalho. No dia 5 de Fevereiro.

Até 25 de Março aberto a jovens entre os 6 e os 18 anos

"Novos inventores, novos artistas": motivo para concurso em Setúbal

Crianças e jovens do concelho de Setúbal, com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos, podem participar até 25 de Março, num concurso promovido pela respectiva Câmara Municipal e a delegação regional do FAOJ subordinado ao tema «novos inventores, novos artistas» e que tem como objectivo desenvolver o desejo de «investigar, inventar e criar artisticamente».

Apenas destinado a estudantes, o concurso abrange, de acordo com o regulamento duas áreas completamente distintas: inventos e criação artística.

No primeiro caso, os concorrentes poderão apenas cingir-se ao tema «ambiente», dividido em duas alíneas: novos recursos de energia, tendo em conta a preservação do ambiente, e novos recipientes para depósito de lixo para jardins, praias e parques.

Quanto à criação artística subordina-se a três áreas: reconstituição de peças do século XVII, em cerâmica, ferro, cestaria, bordados e vestuário; artes decorativas e artes visuais.

No que toca à reconstituição de peças, os concorrentes têm que ter em conta o projecto que se vai realizar no Castelo de S. Filipe, em Setúbal, sob o lema «Um dia no castelo após a revolução de 1640».

Os que optarem pelas artes decorativas e visuais poderão criar livremente, no primeiro caso peças de mobiliário, cerâmica, metal, têxteis e tapeçarias de parede, por exemplo; e no segundo fotografia, pintura, desenho, escultura, banda desenhada, técnicas mistas e cartazes.

EM)Os trabalhos que, como é lógico, terão que ser inéditos, poderão ser feitos individualmente ou em grupo, mas obrigatoriamente nas aulas de desenho, educação visual, trabalhos manuais e oficinais, de electrotécnica e de mecanotécnica.

Os trabalhos que, como se disse, terão que ser entregues até 25 de Março no Museu de Setúbal, têm que estar devidamente identificados, não apenas com nome e idade, como com o ano, a turma, o número, a escola e a disciplina em que foram realizados, bem como a identificação de professor responsável.

O júri será composto por um professor de cada um dos níveis de ensino, um respresentante da Câmara Municipal de Setúbal e outro do FAOJ.

A avaliação dos trabalhos será feita de acordo com os diferentes níveis de ensino, tendo em linha de atenção o carácter inovador, a originalidade, a viabilidade prática, o sentido estético e a ausência de estereótipos.

Os prémios

Na área de inventos, os três primeiros classificados dos ensinos primário e preparatório/unificado receberão, respectivamente, uma máquina fotográfica, um curso de computadores e livros.

Quanto ao ensino complementar e 12.º ano, os três primeiros prémios são uma viagem, um curso de computadores e livros.

Para a criação artística, os concorrentes do ensino primário terão como os três primeiros prémios uma máquina fotográfica, material de pintura e livros; e os do ensino preparatório/unificado, classificados nos primeiros lugares, receberão, respectivamente, cavalete/tear manual/caixa de carpintaria, um curso de fotografia e um de teatro ou de fantoches.

Ainda dentro da área de criação artística, os autores dos três melhores trabalhos que frequentam o ensino complementar ou o 12.º ano receberão, respectivamente, uma máquina fotográfica/tear manual/caixa de carpintaria, um curso de fotografia e um de teatro ou de fantoches.

Para além dos prémios, a atribuir somente aos três primeiros classificados, todos os participantes receberão um certificado.

De referir que na área dos inventos, os trabalhos poderão ser apresentados em projecto que, posteriormente, depois de avaliada a viabilidade prática, poderá vir a ser executado e exposto com o apoio financeiro dos promotores do concurso.

ELBA RAMALHO:

duas horas de "prazer" no Coliseu

«Mexe, mexe/ Mexe de prazer/ Ao som da rumba quero ver você mexer». É um extrato de uma canção de Tadeu Mathias, incluída no álbum «Elba». Não a cantou ontem, mas mesmo assim Elba Ramalho pôs o Coliseu em peso a mexer de prazer, ao longo de duas horas de espectáculo, sem intervalo. De sorriso e corpo provocador, ela trouxe a Lisboa o ritmo nordestino — a rumba, o forró, o baião — e perante um público que pouco conhecia a música, a sua energia foi contagiante, e a excitação extravasou.

«Vocês gostam de chamegar?» Perguntou ao público, provocando-o. E o público respondeu. Primeiro a geral, sempre mais aberta, frequentada pela malta mais nova sem dinheiro para a cadeira na plateia. Mas também com mais ritmo, mais liberta, deixando a música entrar e o corpo dançar, mesmo apertados uns contra os outros. Depois, a energia da cantora nordestina contagiou todos, as letras que ninguém sabia eram acompanhadas com palmas, os refrões repetidos.

Às 22 horas em ponto, a voz de Elba Ramalho ecoou na sala do Coliseu dos Recreios, com a cortina ainda fechada. De vestido branco justo e curto, deixando ver «as pernas mais bonitas do Brasil», a cantora nordestina mostrou-se dançando e cantando um forró sobre a sua terra.

Gingando o corpo em «Ginga», enchendo o palco vazio de cenário, pulando e abanando-se, com um olhar e um sorriso entre o cúmplice e o provocador, o corpo acompanhou a voz, bonita porque diferente, com um forte sotaque nordestino. Durante meia hora o ritmo foi forte, mexido, como o S. João do Nordeste.

Depois foi a vez de fazer uma pausa, entoando «Mulher», uma canção que ela definiu como «um hino contra a violência nas mulheres, uma homenagem a mulheres que já desapareceram e a outras que estão aí»: «Sou a mãe da Praça de Maio,/o espectro da mulher assassinada em nome do amor/ a mulher abandonada pelo homem que inventou / eu sou assim, Merilyn/ a dona de casa enjaulada/ sou Jenis Joplin drogada/ sou Rita Lee/ sou a mulher da rua...».

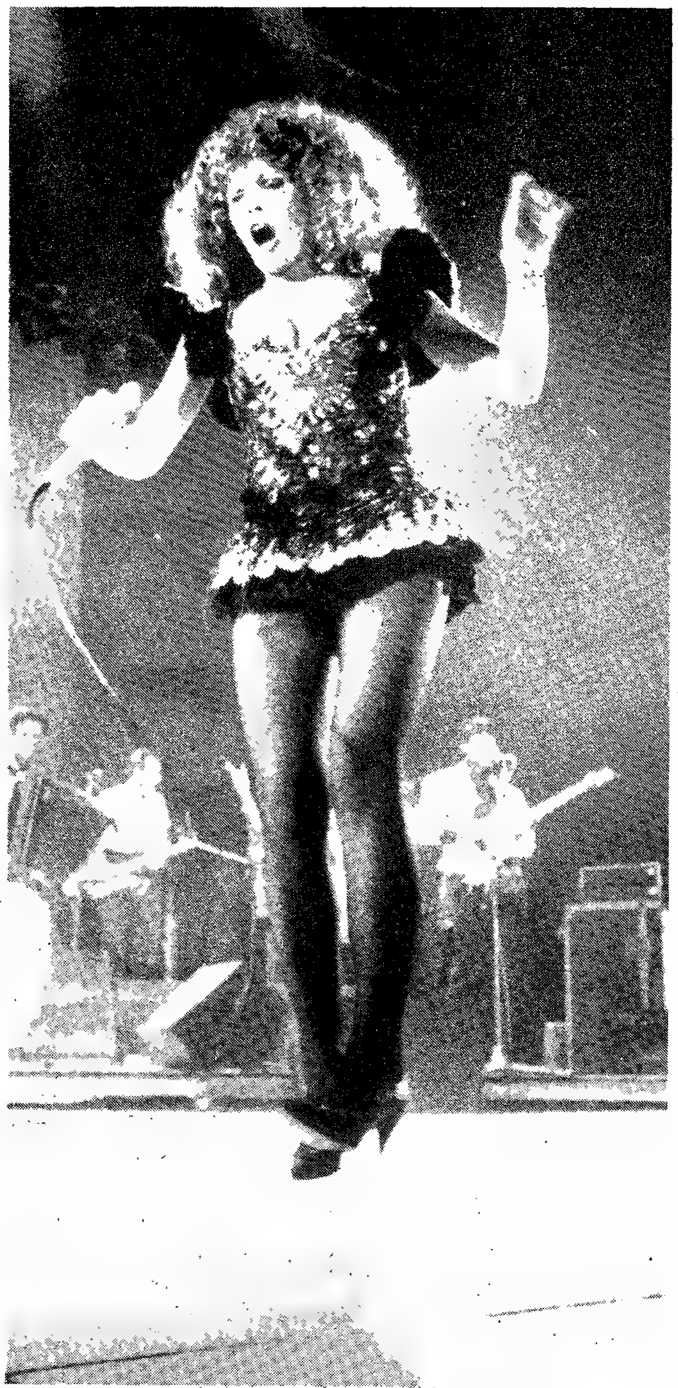
Entre êxitos antigos, como a canção que a tornou conhecida na «Ópera do Malandro», de Chico Buarque, e as canções do seu novo álbum, «Elba», que veio apresentar, a cantora electrizou a assistência.

Não esquecendo o seu rebento Luã, Elba cantou uma canção dedicada ao filho escrita pelo marido. E não esqueceu também a sua terra: «Há anos eu fiz aqui neste palco e noutros do Brasil, um discurso de 40 minutos, a plateia dormindo e acordando, e eu aqui, falando de democratização, da seca no Nordeste», afirmou a cantora para fazer a introdução à «Nordeste Independente», já conhecido do público português. E ao terminar, apenas disse: «Políticos do Brasil, não pensem que vocês nos enganam, porque o povo não é besta».

Acompanhada pela «Banda Rojão», um conjunto de dez bons músicos — José Américo (teclas), Zé Paulo (guitarra), Pin-Pin (baixo), Elbe Bebaque (bateria), Cidinho Moreira (percussão), Marcelo (sax), Paulinho (trompete), Moisés (trombone), Jussara (vocal) e o músico convidado Severo (sanfona) — Elba Ramalho teve o seu grande momento com «De Volta Pro Aconchego», a canção que interpreta na telenovela «Roque Santeiro», e que foi cantada em coro com o público por três vezes.

O público estava rendido, o gozo era dançar, pular, abanar o corpo. A cantora compreendeu bem isso, o que a levou a dizer: «Segurança, relaxa, o povo só quer dançar, não vai acontecer nada. Eu confio em vocês».

Apenas uma vez saiu do palco, e só para trocar de vestido (agora preto, mas também curto e justo). Ao longo de cerca de duas horas, com dois «encore» face à insistência do público, a cantora nordestina cumpriu o que tinha prometido: trouxe aos portugueses um espectáculo bonito.



Uma voz suportada por grande vigor físico

Assim se faz suspirar uma sala de espectáculos

4.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

P.º 4502 2.ª Secção

Por este 4.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, 2.ª Secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado, JOSÉ FERNANDO SANTOS PÃO TRIGO, residente no Lugar de Santa Cruz, Barraca, Jovim, Gondomar, para no prazo de dez dias, posterior aos dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto do bem penhorado (móvel) sobre que tenham garantia real na execução sumária que lhe move a COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP, com sede na Rua Garrett, 56, em Lisboa.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1988

O Juiz de Direito,
Fernando José Matos Pinto Monteiro

O Escrivão Adjunto,
António Graciliano Rosário Guimarães

«DL» 30/1/88 — 2.ª Pub.

VENDE-SE

Citroën DS 20

(Boca de sapo)

Tel. 32 04 26

teatro da Cornucópia

Edward Bond

GRANDE PAZ

TRILOGIA DA GUERRA
SEGUNDA PARTE

Texto admirável/um trabalho a que apetece chamar perfeito Alda Rodrigues — uma das grandes criações do teatro português dos últimos anos/o colectivo funcio na admiravelmente — **Carlos Porto — «DL»**.

Desempenho notável de Alda Rodrigues/profundo saber teatral/um espectáculo de profunda reflexão e de chamada de atenção — **E. Vasques — «Expresso»**

Imperdoável perder/um trabalho excepcionalmente interessante/um excelente naipe de actores/impressionante a interpretação de Alda Rodrigues
J. V. Lemos — «D. N.»

«Alda Rodrigues tem uma interpretação de assombro»
TITO LIVIO — «A Capital»

«um espectáculo que dignifica o teatro em Portugal e o teatro em geral/um triunfo»
RIO DE CARVALHO — «Jornal de Letras»

«um momento de elevadíssima qualidade artística/espectáculo de grande fôlego/genial interpretação de Alda Rodrigues/perfeição de conjunto/magnífica oiquestração do desespero e do amor.»
M. HELENA SERÔDIO — «O Diário»

Últimos dias **Hoje e amanhã**

DESCONTOS A JOVENS E A GRUPOS
3.ª, 4.ª e 5.ª feira, às 20.30 h
6.ª e sábado, às 21 h
Domingos e Feriados, às 16 h

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA — Tels. 66 15 15/ 66 92 05
Sub. SEC

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
DOCUMENTO SECRETO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
CAMPEÕES USA
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
O SICILIANO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
ROMANCE NO RIO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1
ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
O CAÇA POLÍCIAS — PARTE II
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
ROMANCE NO RIO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24,00 h

Amoreiras 4
DEPOIS DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5
O SICILIANO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6
TRAJE DE NOITE
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
FONTAMARA
(Int. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Ávila
— T. 539930
MICRO-HERÓI
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Berna
— T. 776098
CAMPEÕES USA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

— Cher e Dennis Quaid juntos no «triller» de Peter Yates «Sob Suspeita», em exibição no Quarteto, 7.ª Arte e Terminal.

Capitólio
— T. 372358
BONECAS SEXUAIS
(Porno)
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e 23.00 h

Castil
T. 530194
OS RAPAZES DA NOITE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cinebolso
GATUNOS SEXUAIS
Porno
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A INSACIÁVEL
Porno
(maiores 12 anos)
23.30 h

Cine Camões
T. 324194
O DRAGÃO IMPLACÁVEL
(n/acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 533253
TESTAMENTO
(n/acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
CÓDIGO DO SILÊNCIO
(maiores 16 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 9434773

Estúdio Anasha
ARIZONA JÚNIOR
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
OXALÁ SEJA MENINA!
(maiores 12 anos)
15.00, 17.15 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
GANSOS SELVAGENS - II
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Condes
— T. 322523
ALTA TRAIÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
GANSOS SELVAGENS - II
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
NO WAY OUT - ALTA TRAIÇÃO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O CAÇA POLÍCIAS - Parte II
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
O COURAÇADO POTEMKINE
(Int. men. 18 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009
MICRO-HERÓI
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1
PACTO FATAL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2
ALTA TRAIÇÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134
OS RAPAZES DA NOITE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
ALTA TRAIÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 19.00 e 21.30h

Sala 2
O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
CAMPEÕES USA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.15, 19.00 e 21.45 h

Sala 3
DOCUMENTO SECRETO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362
O PERFUME DO AMOR PROIBIDO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326293
O CAÇADOR DE MERCENÁRIOS
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309
SEXO ASIÁTICO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe
— T. 821933
CAÇADA AO HOMEM
(maiores 12 anos)
14.00 e 21.00 h

Politeama
T. 326305
DUELO DE PUNHOS
(Int. men. 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
SEM EIRA NEM BEIRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h
O LOCAL DO CRIME
(maiores 16 anos)
00.45 h

Sala 2
O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h
O ALVO
(maiores 12 anos)
00.45 h

Sala 3
AS ASAS DO DESEJO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ESTRADA DE FOGO
(maiores 12 anos)
00.45 h

Sala 4
SOB SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ANGEL, O ANJO DA VINGANÇA
(maiores 16 anos)
00.45 h

Roma
T. 889192
GANSOS SELVAGENS - II
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
COTTON CLUBE
(maiores 16 anos)
15.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
O CAÇA POLÍCIAS — PARTE II
(maiores 12 anos)
14.30, 16.40, 19.00 e 21.45 h

Sala 3
O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
14.15, 17.45 e 21.00 h

7.ª Arte
— T. 730715
SOB SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
SOB SUSPEITA
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595
ROMANCE NO RIO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480
OS RAPAZES DA NOITE
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «O Querido Lilás», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

AMADORA — Cinestúdio — «O Tubarão IV, A Vingança», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

AMADORA — Babilónia — «Atracção Fatal», às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.45 h (maiores 16 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Debaixo de Olho», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Nascido Para Matar», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Arizona Júnior», às 15.30, 18.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Tubarão IV - A Vingança», às 18.15 e 21.45 h (maiores 12 anos).

ALGÉS — Cinema 2000 — «As Minas de Salomão - parte II», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Uma Razão para Viver ou Outra para Morrer», às 15.30 e 21.30 h (Int. men. 12 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Caça Polícias II», às 15.15 e 21.30 h (maiores 18 anos).
Sala 2 — «Trinitá, Cowboy Insolente», às 15.30 e 21.45 h (maiores 6 anos)

NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «O Caça-Polícias», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «O Siliciano», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «O Caça Polícias II», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Alta Traição», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Perseguição Escaldante», às 15.30, 19.00, 21.45 e 24.00 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Debaixo de Olho», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

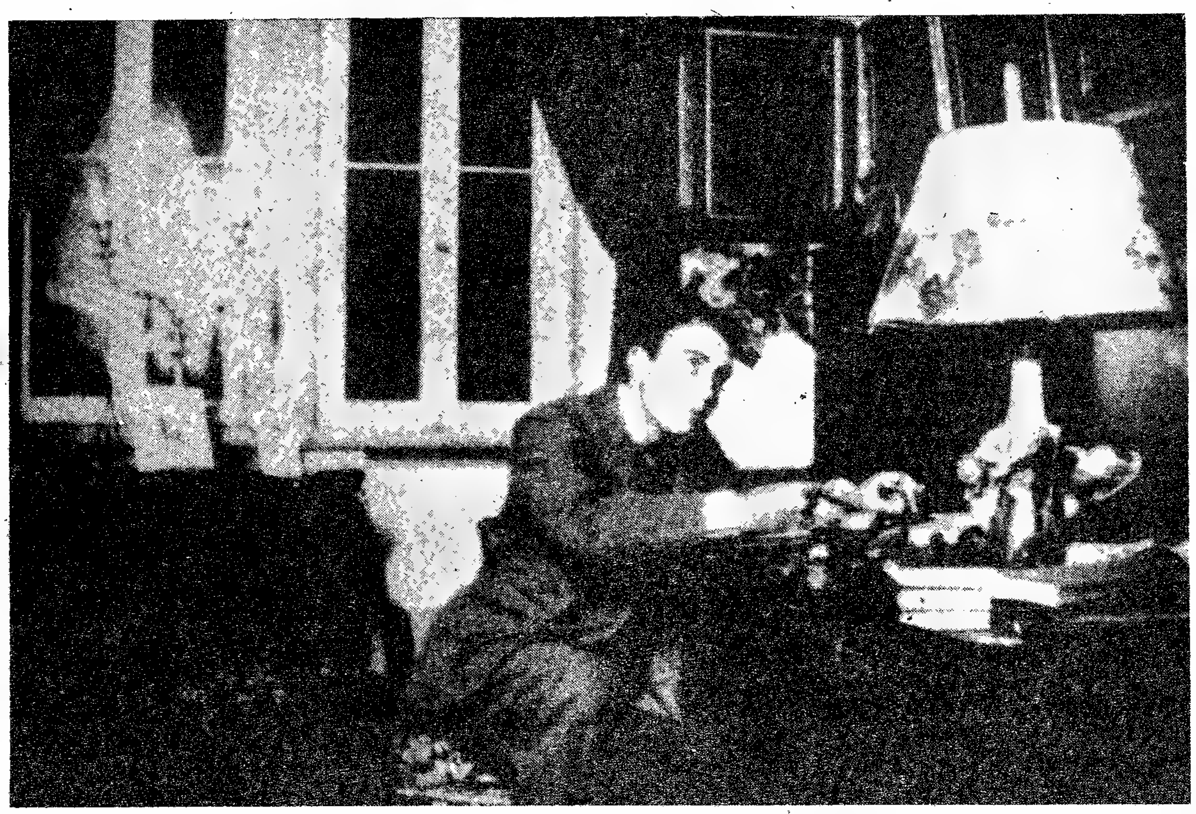
ALMADA — Cinestúdio Almada — «Cachorro Quente», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «O Sargento de Ferro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Sid & Nancy», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «Perseguição Escaldante», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos).

ROTEIRO CULTURAL

NOITES DE ANTO NA CASA DA COMÉDIA



Muito brevemente, a Casa da Comédia vai estrear «Noites de Anto», um texto de Mário Cláudio sobre a vida e obra do grande poeta português António Nobre, que valeu ao autor o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores. A encenação é, uma vez mais, da responsabilidade de Filipe La Féria.

Dada a importância cultural e o seu alto interesse pedagógico, a Fundação Gulbenkian facilita o ingresso dos estudantes, com a seguinte redução no preço dos bilhetes: 50% para estudantes individuais e 70% para grupos.

Acompanhando a representação de «Noites de Anto», elaborou a Casa da Comédia um programa que será oferecido aos alunos e que contem textos fundamentais para a compreensão da obra e personalidade de António Nobre, da autoria de autores tão diversos como Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoais, José Régio, Vitorino Nemésio, Guilherme de Castilho, Eugénio de Andrade, entre outros. Estará também patente ao público uma exposição fotográfica sobre António Nobre com o patrocínio do Museu Nacional de Literatura, Museu Nacional Soares dos Reis e Museu «Vicentes» do Funchal.

EXPOSIÇÕES

GALERIA CAPITEL (Leiria): até 8 de Fevereiro, exposição de Kira com o tema «A Nossa Terra». De segunda a sábado das 10 às 13 e das 15 às 19.

GALERIA NEUPERGAMA (Torres Novas):até 28 de Fevereiro, uma colectiva de Pintura com a participação de Álvaro Perdigão, Artur Bual, Cesariny, Eduardo Nery, Hilário Teixeira Lopes, João Hogan e Noronha da Costa. De segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e das 16 às 18, domingos das 16 às 18.

MUSEU DE SETÚBAL (Convento de Jesus): até 21 de Fevereiro, a exposição «Artistas de Setúbal» (pintura, escultura, cerâmica e outros materiais).

ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): para início de época, uma exposição com fotografias de Fernando Curado Matos e Sérgio Eloy - «Texturas». De segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.

RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): até 8 de Fevereiro, pintura de Castro Lopo, diariamente das 12 às 24.

GALERIA DO HOTEL PRESIDENTE (R. Alexandre Herculano, 13): até 25 de Fevereiro, diariamente das 14 às 24, uma exposição de Pintura de Mário Silva.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): Pintura de António Santiago, «Estação dos Encontros».

LOJA DE DESENHO (R. Academia das Ciências, 2-B): até 20 de Fevereiro, de terça a sábado das 15 às 19,30, uma exposição de Pedro Chorão.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA: até 4 de Fevereiro, Pintura de Carlos Alberto Santos.

ATLANTIS (Restaurante-Bar-Concerto, Paivas-Seixal): Pintura de Victor Ferreira.

TAPADA DA AJUDA (Pavilhão de Exposições): até 17 de Fevereiro, diariamente das 15 às 21, uma exposição de pintura e escultura «Projecto 1988» de Catarina Baleiras.

GALERIA NASONI (R. Galeria de Paris, 68-Porto): até 4 de Fevereiro, exposição de originais de Dali, Miró e Picasso; na Sala Atlântica (no nº 67 da mesma rua) e também durante o mesmo período, Pintura de Teresa Magalhães.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 15 de Abril, a exposição «Brinquedos Caboverdianos», brinquedos manufacturados pelas crianças de Cabo Verde em barro, madeira, arame e lata.

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».

GALERIA SANTA JUSTA (R. de Santa Justa, 93-2º): até 23 de Fevereiro, de segunda a sábado das 15 às 20, uma exposição de Pintura da autoria de Artur Bual. Trata-se de uma nova galeria de arte, dirigida pela pintora Helena Matta e pela escultora Isa Relvas.

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO: até 16 de Fevereiro, Design de Jorge Alves diariamente das 10 às 20.

GULBENKIAN (exposições temporárias): a exposição «Projectio» da artista brasileira Regina Silveira.

MUSEU DE AVEIRO: organizada pela Fundação Gulbenkian, a exposição itinerante «Gravuras da Colecção Gulbenkian», até 6 de Março.

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (R. Tenente Valadim, 231-Porto): até 6 de Fevereiro, de segunda a sábado das 14,30 às 18,30, a exposição de Fotografia «O Porto por Manuel Fonte».

MUSEU DE ARTE ANTIGA: exposição de Pintura «As Imagens da escrita» (Paineis de Nuno Gonçalves) de João Vieira.

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): a exposição «Fernando Lanhas 1943-1988».

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): Pintura de José Paulo Ferro até 22 de Fevereiro, de segunda a sábado das 10 às 19.

POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): até 17 de Fevereiro, a exposição da «dupla» Poli/Plástica, intitulada o «Enigma da Atlântida», dos pintores Caseirão e José Eduardo Rocha. Patente de segunda a sexta das 9 às 20 horas.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta uma exposição de Pintura de Arnaldo Metzner Serra, até 21 de Fevereiro diariamente das 9 às 19.

CASA-MUSEU ÁLVARO DE CAMPOS (Tavira): até 27 de Fevereiro, fotografias de Manuela Portelinha intitulada «À Margem», de terça a sábado das 15 às 19.

GALERIA DOS MILAGRES (Edifício Coimbra-Coimbra): até 12 de Fevereiro, uma exposição de fotografia de Artur Pedro Franco, patente de terça a domingo das 15 às 19.

GALERIA LEO (Tv. da Queimada, 48-Bairro Alto): até 6 de Fevereiro, uma exposição de escultura de Sílvia Westphalen, patente de terça a sábado das 14,30 às 19,30.

GALERIA ESCADA (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): até 20 de Fevereiro, pintura de Alfredo Luz e escultura de Pé-Curto, patentes de segunda a sexta das 14 às 20 e sábados das 10 às 14. Hoje, durante a inauguração, perfomance com os actores Fernando Gomes, Maria Vieira, Adriano Luz e António Gomes.

BARREIRO (estúdio de Augusto Cabrita na R. Dr. Eusébio Leitão, 20): Pintura Cerâmica de Antão (António Osório de Castro).

LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 13 de Fevereiro, a exposição colectiva de Pintura «Visões Latinas» com a representação de Agueda Lozano, Artur Piza, Jorge Soler, Juan Valladares, Julio Pacheco-Rivas, Júlio Pomar, Leonardo Cremonini e Yann Dugain.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 21 de Fevereiro, duas exposições: «Inflexões», pinturas de Regina Silveira e «Triluz-Holografias» de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Júlio Plaza, Moysés Baumstein e Wagner Garcia. De terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

TEATRO

TEATRO DO BAIRRO ALTO: domingo dia 31, às 16 horas, última sessão do espectáculo «Grande Paz» de Edward Bond pelo «Teatro da Cornucópia». Este será um espectáculo de solidariedade para com Otelo Saraiva de Carvalho, actualmente preso em Tomar. Já o primeiro espectáculo da «Trilogia da Guerra», de que «Grande Paz» é a última peça, estreado na passada temporada, fora dedicado pela Companhia a Otelo.

CINEMA

CINEMATECA PORTUGUESA: às 15,30 «A Morte do Cavalo Branco»/1985 de Christian Ziewer (legendado em espanhol); às 18,30 «Laputa»/ 1986 de Helma Sanders-Brahms (legendado em inglês); às 21,30 «O Rei das Rosas»/ 1986 de Werner Schroeter.

MÚSICA

SALÃO PAROQUIAL (Santo António dos Cavaleiros): hoje às 15,30, concerto coral sinfónico comemorativo do IV aniversário do Coro de Lisboa da Rádio Renescença com o Coro Paroquial de S. António dos Cavaleiros, Coro Infantil de Lisboa da R. Renescença, Coro de Lisboa da Rádio Renascença, Coro do Cir. de Cultura Musical Bombarralense e Orquestra Regional de Colares.

SALÃO PAROQUIAL (S. Jorge de Arroios-Lisboa): às 21,30, concerto de música de câmara barroca com Rui Guerreiro (violoncelo), Vasco Gouveia (flauta) e Luís Clode (violoncelo).

SETÚBAL (salão nobre dos Paços de Concelho): às 21 horas, o ciclo «II Temporada Musical/1988» com um concerto pela cantora Helena Vieira acompanhada ao piano por João Paulo Santos.

ESPECTACULAR

ESPE CTA CULAR

Sete horas da manhã. Deambulava eu pelo quadrante, pela fúria do quadrante, quando fui ter à Rádio Renascença. António Sala, pois claro. O António Sala de quem víramos, no Já Está!*, uma auto-retrato com bastante interesse. Uma adenota, era inevitável. Um papagaio que valia 20 contos. Porquê? Porque escrevia à máquina. Outro, ao lado, por 50 contos, porque também manejava o telex. Outro papagaio valia 100 contos porque, além disso, falava inglês. E ainda outro por 1500 contos, que não fazia nada. «Então não faz nada e vale tanto? Porquê?» «Porque os outros lhe chamam chefe...» Logo a seguir, outra «anedota». Sala tem com ele uma mala com 111 112$00, a ganhar por um ouvinte tirado à sorte. «A importância não é minha - dizia ele - mas, para alguns, resolveria milhentos problemas. Talvez mesmo matar a fome»... Lá a barriga de misérias, tirava-se. Veio a seguir o reverso da anedota: o drama. O repórter do «Despertar», no exterior, falava das «bichas» de doentes pobres que, desde as cinco da manhã, à chuva e ao frio, diante de um posto de saúde, aguardavam a possibilidade de uma consulta... Não agarrei o nome do repórter. Desculpe. Ele tem razão: dar testemunho é obrigação dos repórteres.*

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA
76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE (Hoje) — ALVALADE: Lí-bia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Délio**, R. dos Açores, 32-34 (T. 572388); **AVENIDAS NOVAS - JOÃO CRISÓSTOMO: Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 520592); **ZONA J DE CHELAS: Serejo**, Av. João Paulo II, 531, loja B (T. 852611); **BENFICA - BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavinha**, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **CAIS DO SODRÉ: Africana**, R. Bernardino Costa, 43-45 (T. 369120); **CALVÁRIO: Monge**, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, 5-A (T. 311216); **GALINHEIRAS - CHARNECA - LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **LAPA: Paiva da Costa**, R. da Lapa, 105-107 (T. 664414); **RATO: Cunha**, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS - QUINTA DO MENDES: Almeida**, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, lote 110; **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

PERMANENTE (Amanhã) — ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **AVENIDA DA REPÚBLICA: Cardote**, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIXA - COLISEU: Centro Framacêutico**, R. das Portas de Santo Antão, 88 (T. 321211); **BENEFICÊNCIA - SETE RIOS: Laranjeira**, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES: Urbano Freitas**, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHILE - ANJOS: Pereira Pinto**, Av. Almirante Reis, 121-B (T. 545751); **EN-CARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO - CALVÁRIO: Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (T. 7484144); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995388); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

Outra Banda — ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. da Boa Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Diogo Roque**. Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional, 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL: Ana Branco**, Quinta da Murinheira (T. 2215590). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 92 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Alice**, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Permanente; **Sália**. Permanente; **Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Permanente; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 3232039). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra.

Linha de Sintra — AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 4932210). Permanente; **Melo**, P. D. João I, 9-B (T. 4932756). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Permanente; **Albergaria**, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.° de Maio, 48-A (T. 251324). Permanente; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Permanente.

Porto — DE DIA E TODA A NOITE — CAMPOS, R. Padre Luís Cabral, 943, Foz; **HENRIQUES**, P. da Batalha, 64-A; **ORIENTAL**, R. do Bonjardim, 727; **DAS OLIVEIRAS**, R. D. Afonso Henriques, 646, Areosa; **MAFALDA**, R. do Monte Cativo, 444, ao BCG.

Coimbra — PAIVA, P. do Comércio (T. 23231); **CRUZ VIEGAS**, R. do Brasil, 154 (T. 714821).

DL TEATROS

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586
De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Betencourt
Sala Polivalente
3.ª e 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«O LAGARTO DO ÂMBAR», de Maria Estela Guedes. Encenação de Alberto Lopes. Interpretação de João Anjos, João Grosso, Maria José Camecelha e Ângela Pinto.

Teatro do Seculo

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 07
Sábados às 21.30
Domingos às 17.00

«METRO CABARET«. Espectáculo musical. Texto de Fernando Gomes. Música de Zé Carraza. Com Fernando Gomes, Maria Vieira e Adriano Luz.

Laura Alves

R. da Palma, 253 — Tel. 86 47 56

De 3.ª a domingo, às 21.30; sábado, domingo e feriados, às 16.00 e 21.30; sábado, domingo e véspera de feriado, às 21.30 e 23.30.

«O NOSSO AMOR É LISBOA», de Paco Gonzalez. Interpretação de Paco Gonzalez, Mário Rainho, Ermelinda Lopes, entre outros. Atracção do fado, Maria Portugal.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

Terça a quinta, às 20.30; sexta e sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«GRANDE PAZ», de Edward Bond. Cenários de Luís Miguel Cintra. Interpretação de Alda Rodrigues, Maria Breia, Raquel Maria, Laurinda Ferreira e Miguel Guilherme.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37
Às 20.30 e 23.00

«FESTA NO PARQUE«, texto e melodias de José Viana. Intérpretes: Dulce Guimarães, Camacho Costa, Carlos Areia, Dora Leal e José Viana e ainda a cantora de jazz Maria Viana.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31
Sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 17.00

«LENDAS DE AMOR E MORTE», de Yukio Mishima. Encenação de Blanco Xil. Cenários de Francisco Ferreira de Almeida. Figurinos de António Filipe. Interpretação de Adelaide João, António Filipe, Francisco Soromenho, Maria José Baião, Teresa Corte-Real, Artur Mendonça, Ana Rita e António Liza.

T. Trindade

R. Nova da Trindade. tel. 323200

De 3.ª a 6.ª, às 21.30; sábado, às 16.00 e 21.30; domingo, às 16.00

«FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL», de Marcos Rey.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18
Av. Calouste Gulbenkian
(Tel. 2760818) — Sáb. e dom. às 16.00
«A VIAGEM»
Pelo Grupo de Teatro «O BANDO».

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 29 130
Quinta e sexta, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30

«O MÉDICO À FORÇA», de Molière. Pelo TAS. Encenação: Carlos César/Asdrúbal Teles. Intérpretes: Carlos Rodrigues, João Vítor, Maria Clementina, Nuno Mello, Rui Serra, etc.

Cascais — Espaço TEC

Junto ao Pão de Açúcar
De 4.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«O BALCÃO«, de Jean Genet. Com encenação de Carlos Avilez.

Teatro da Cantina Velha

Cidade universitária, junto à reitoria

De 3.ª a Sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30

«A ESPUMA DOS DIAS», de Boris Vian. Pelo Ibis — Teatro Universitário. Encenação de Paulo Filipe. Interpretação de Alberto Gomes, Élio Correia, Isabel Carlos, Jorge Ferraz, Mário Carneiro e Sílvia Brito.

Porto — Auditório Carlos Alberto

R. das Oliveiras — Tel. 28 65 95

Dias 27, 28 e 29, às 21.30; dias 20 e 31, às 16.00 e 21.30

«A DAMA DO MAXIM'S», de Georges Feydeau. Pelo Novo Grupo. Encenação de João Lourenço. Interpretação de Amílcar Botica, Canto e Castro, Irene Cruz, Francisco Pestana, Melim Teixeira, Teresa Sobral, Virgílio Castelo e Fernanda Montemor.

Porto — Casa do Infante

«O MARINHEIRO», de Fernando Pessoa. Pelo Grupo de Teatro da Caixa de Pandora. Encenação de Fernando Costa. Interpretação de La Salette Álvaro, Odete Correia e Rosária Rocha.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 2 25 50

De 3.ª a 5.ª, às 21.30; 6.ª e sábado, às 20.30; domingo, às 16.00 e 21.30.

Preço: de 250$00 a 1200$00

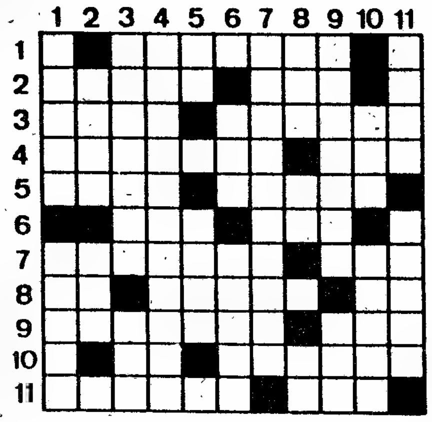
«TOMA LÁ REVISTA», de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Delfina Cruz, Carlos Cunha, Marina Mota, Fernando Mendes e Leonor Edwiges.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.° 17246

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Punição.
2 Unidade monetária da Alemanha. Palavra chinesa que significa Sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos.
3 Título dos descendentes de Mafoma. Espécie de ministro da Justiça entre os mouros.
4 O mesmo que gameleiros. Sadio.
5 Soberano afegão que saqueou Deli (1761). Árvore da Índia, de boa madeira.
6 Terceiro. Rio da Escócia.
7 Cuidara. Pequeno símio do Brasil.
8 Nesse lugar. Parte da medicina dos hindus que trata dos antídotos. Mililitro.
9 Barulhento. Matemática.
10 Verso. Queimada.
11 Velhas. Passada.



VERTICAIS:

1 Letra grega. Demora.
2 Estimam. Escarneceu.
3 Península da URSS (Ucrânia). Escritor brasileiro que recebeu o Prémio Walmap em 1973 com o romance «Ninho de Cobras».
4 Que têm crédito.
5 Livro de poemas de António Nobre. Personagem do «Otelo» de Shakespeare.
6 Conjunção. Nivelas.
7 Esquisitos.
8 Galicismo (abrev.). Apelido. Nota musical.
9 Rico armador grego que casou com a viúva de Kennedy. Madeira (abrev.).
10 Reusa. Querida.
11 Cidade da Argélia. Culpa.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 17245

HORIZONTAIS:

1 Império. A.
2 Gao. ER. Soam.
3 Impar. Nua.
4 Sais. SS.
5 Ria. Piela.
6 Ardiam. Cl.
7 Nio. Doa. Há.
8 Cá. Corroera.
9 Ira. Romeiro.
10 AAA. Asa. Rã.
11 Usas. Asa.

VERTICAIS:

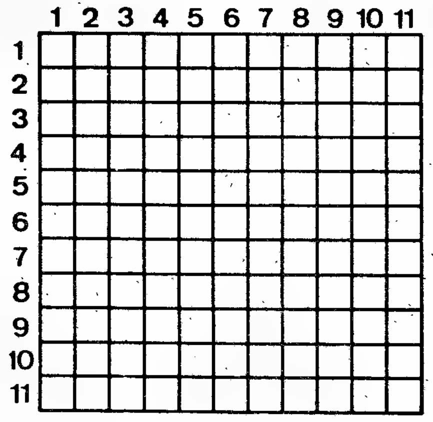
1 IGNORÂNCIA.
2 Má. Iriaras.
3 Poisado. Aa.
4 É. MÁ.
5 Repisadoras.
6 Irás. Morosa.
7 Armas.
8 Sic. Oe.
9 CONSELHEIRA.
10 Au. Arras.
11 Amarão. Ao.

PROVÉRBIO: A ignorância é má conselheira.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.° 16 071

HORIZONTAIS:

1 Post scriptum. Cidade da China.
2 O sono das crianças. Prenderia.
3 Rénio (s.q.). Arara. Ecoe.
4 O mesmo que três. Apelido. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.
5 O mesmo que uma (ant. e pop.). Inércia.
6 Patas. Bolsa.
7 Gritos. Cubro.
8 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Cidade de Espanha. Morada.
9 Vender a crédito. Punhal usado pelos antigos romanos.
10 Concedias. Preposição e artigo (pl.).
11 Planta do pé. Volto a coser.



VERTICAIS:

1 Natural de Portugal.
2 Costumara. Lantânio (s.q.). Cobalto (s.q.).
3 Rio de Itália. Bílis.
4 Neste momento. Revestida.
5 Prendes. Interjeição da ilha das Flores, o mesmo que ah! oh!
6 Invulgares. Safar.
7 Istmo montanhoso que liga a Indochina à península de Malaca. Ósmio (s.q.). Catedral.
8 Nesse lugar. Cobres de nata.
9 Em as. Oportunidade.
10 Alternativa. Escudos.
11 Deseja ardentemente. Poente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 16 070

HORIZONTAIS:

1 Dallas. Edea.
2 Içais. Anota.
3 Au. Pró. Ar.
4 Nas. Sic.
5 Ar. Dio. Erro.
6 Ador. Alão.
7 Or. Avis.
8 Anis. Cm.
9 Mana. Ua. Crê.
10 Amar. Sois.
11 Sósias. Arão.

VERTICAIS:

1 Diana. Damas.
2 Acuara. Amo.
3 La. Domas.
4 Lis. Dor. Ari.
5 Ás. Sir.
6 Pio. Anui.
7 Arc. Avia.
8 Eno. Elis. Sá.
9 Dó. Trás. Cor.
10 Eta. Ro. Cria.
11 Aarão. Émeso.

Rádio

Antena Um

16.00: Vivósábado; **19.00**: Actual; **20.00**: Sábado suave; **23.00**: Música portuguesa; **23.30**: Tempo de teatro. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.40: Compositores portugueses; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Uma hora, com Peter Tchaikovsky; **18.00**: Música tradicional; **18.30**: O violoncelo, obras e intérpretes; **19.17**: «Rara», de Bussotti; **19.30**: Música sinfónica, de Anton Bruckner; **20.40**: Solos de piano, de Franz Liszt; **21.00**: Ângulos e reflexos; **22.00**: Música e músicos portugueses; **22.30**: Música no século XX; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.40**: «Carmen», suite, de Bizet; **00.50**: Concerto nocturno; **01.50**: Último andamento. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de-semana; **19.00**: Quando o telefone toca; **20.00**: Genérico; **21.00**: Fim-de-semana; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Música portuguesa; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Lança-chamas; **18.00**: Top do TNT; **19.00**: Música da América; **20.00**: Luso-clube; **22.00**: Regresso ao futuro; **00.00**: Um toque de classe; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

14.00: Frente desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: A hora dos clássicos; **20.00**: Amanhã é domingo; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Vozes na música; **22.00**: Encontros; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

14.00: Fábrica de música; **17.00**: Figuras de estilo; **19.00**: Colar de pérolas; **21.00**: Ideias luminosas; **22.00**: Os amigos de Alex.

Voz do Alentejo

15.00: Largo da Sé; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Terra a terra; **19.30**: Especial.

Voz do Alto do Tâmega

12.00: Varandas transmontanas; **19.00**: Sintonia vesperal.

Voz do Minho

15.00: Tarde desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Pedras vivas.

Voz de Lisboa

15.00: Clube fim-de-semana; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sombra/sol; **19.00**: Bric-à-brac; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Eurocanções; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Jazz.

Voz de Viseu

15.00: Tarde desportiva; **18.00**: Desporto regional; **19.00**: Igreja diocesana. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

14.00 - Parlamento
14.30 - Sobe e Desce
15.30 - Sessão da Tarde

«Romance no Expresso do Oriente»

17.15 - Toque de Classe
18.00 - Saber Saúde
18.15 - Vivamúsica
19.15 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.00 - Boletim Meteorológico
21.15 - Cobardias

2º Episódio

22.15 - Espectáculo Deixem Passar a Música «Ana»

23.05 - Cinema da Meia-Noite

«Klute»: Tom Gruneman, cientista de uma empresa da Pensilvânia, desaparece de sua casa. A única pitsa deixada é uma carta obscena que este homem casado e respeitado terá escrito a Bree Daniely, uma «call girl» de Nova Iorque. Depois de seis meses de buscas infrutíferas, John Klute, um polícia amigo dos Gruneman agora ao serviço da sua empresa, tenta interrogar Bree. Sem êxito. Aluga, então, um quarto no seu prédio e começa a vigiá-la.

No 1º canal às 21.15, o 2º episódio da série «Cobardias»

Interpretes: Jane Fonda, Donald Sutherland, Charles Cioffi, Roy Scheider, Dorothy Tristan. Realizador: Alan J. Pakula

RTP 2

15.30 - Desenhos Animados
16.00 - Troféu

Râguebi: Inglaterra - País de Gales

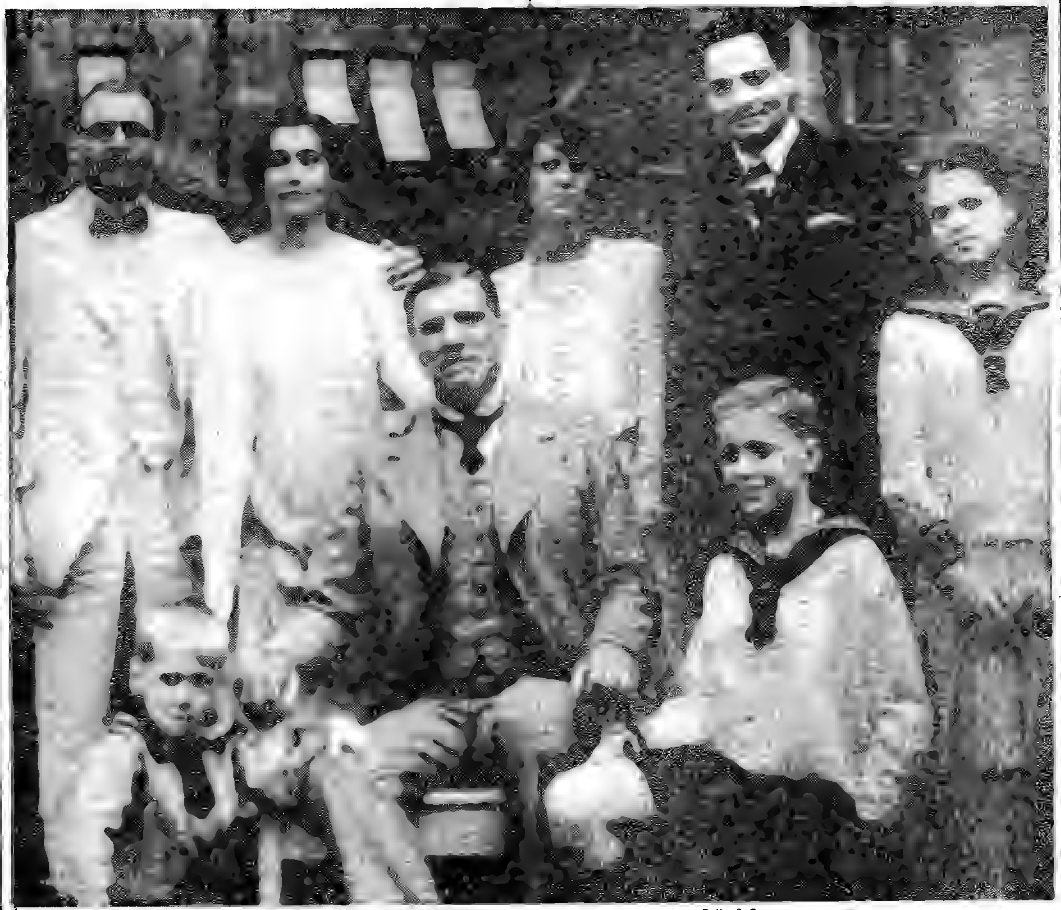
20.05 - Música na América

A segunda parte do concerto do «Decateto» de Mário Laginha, integrado no festival «Jazz em Agosto/1987».

21.00 - Collette

3º Episódio

22.00 - Concordo... Ou Talvez Não



Amanhã o 1º episódio da série «Pais e Filhos», no 1º canal às 21.30

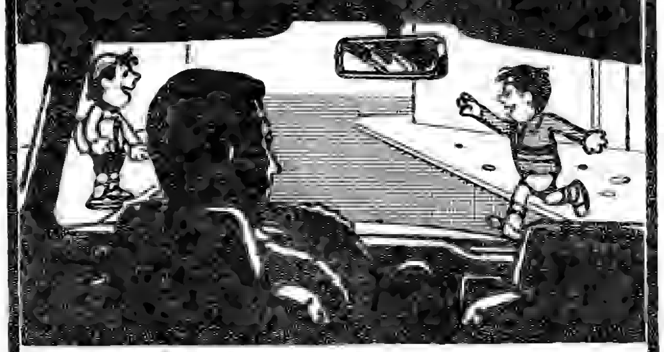
AMANHÃ

RTP-1

09.01 - Juventude e Família
11.15 - Eucaristia Dominical
12.05 - 70 X 7
12.35 - TV Rural
13.00 - Jornal de Domingo
13.10 - Ritmos da Cidade
13.40 - Casa de Irene
14.00 - A Década da Destruição
15.05 - Desenhos Animados
15.20 - Primeira Matinée
«A Estrela»
16.55 - Clube Amigos Disney
19.05 - Um Anjo na Terra
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - Boletim Meteorologico
20.40 - Eu Show Nico
21.30 - Pais e Filhos
22.45 - Domingo Desportivo

RTP-2

09.01 - Music Box
10.00 - Troféu
12.30 - A Infância antes dos 5 Anos
13.00 - Caminhos
13.30 - Novos Orizontes
13.50 - Music Box
15.00 - Troféu
17.00 - Festival de Bali
18.00 - 5ª Dimensão
18.50 - Piano Bar
20.00 - Quem Sai aos Seus...
20.25 - Artes e Letras
21.30 - Cine-Clube
«Debandada»



AOS CONDUTORES

"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

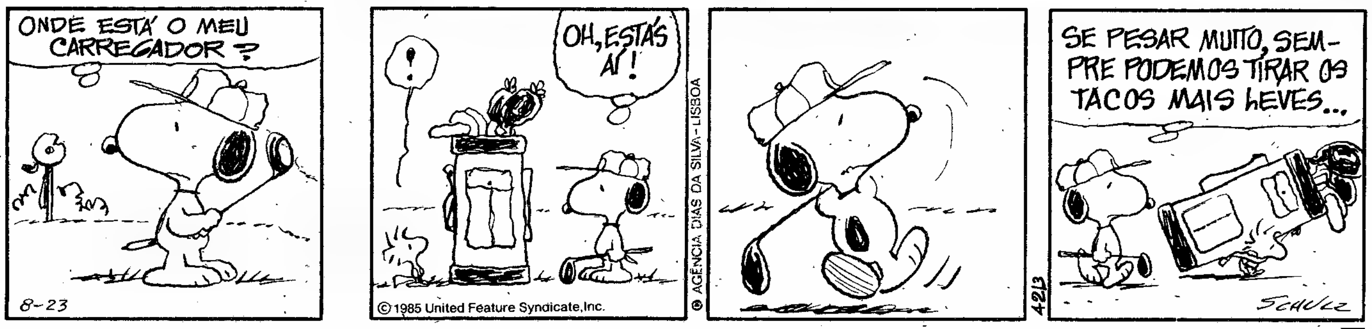
RTP 1 Cinema da Meia-Noite

RTP 2 Concordo ou Talvez Não

«Romance no Expresso Oriente»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça 17
Cruz Quebrada 1495 LISBOA
Telef. 4197570

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso
Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54/ 5 — 32 02 71/ 2/ 3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/ 2/ 3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



ÚLTIMA HORA

Um antigo comandante dos rebeldes «contras» anti-sandinistas regressou ontem à noite a Manágua para se juntar à oposição política. Fernando «el negro» Chamorro, 52 anos, é o mais destacado líder rebelde que regressa ao seu país ao abrigo de um programa de amnistia instituído em 1985 para os rebeldes que queiram depor as armas. «Decidi desistir da espingarda para agarrar na arma da democracia e da paz», disse Chamorro no Aeroporto de Manágua, quando regressava de San Jose da Costa Rica.

NO SEIO DA MODERNIDADE

RIBEIRO DA SILVA

UM POSSÍVEL YUPPIE

É um jovem técnico, candidato a uma carreira triunfante, faz bastante por isso, embora seja um nadinha autoritário, o que resulta inconveniente. Com a via do charme e da persuasão chega-se lá mais depressa. Poderíamos defini-lo como um **yuppie**, dentro do contexto português, visto que o seu perfil e estilo de actuação apontam para aí. De 33 anos, natural do Porto, este engenheiro electrotécnico formou-se, em 15 de Julho de 1977, começando a trabalhar dois dias depois. Entre o arrecadar do diploma e o ter emprego houve o intervalo de um fim-de-semana. «**Foi por conhecimentos**», diz. Ruivo, sardento, pele branca, destoa dos pais que são morenos, em consonância com o tipo físico nacional mais comum. O metro e oitenta de estatura também o lança para fora da **média**, bem como as altas classificações que constam do seu currículo universitário.

Em contrapartida provém, e mantém-se, no estatuto social da classe média. Casado, mora num apartamento amplo e confortável, numa zona residencial da Boavista, muito classe média; tem um carro descapotável e uma cadela «**grand danois**», passa normalmente férias em **Ibiza** e prática duas vezes, por semana, ginástica de manutenção. De acordo com o padrão deveria possuir uma segunda casa no Algarve, hipótese que não o atrai, «seria interessante tê-la em Paris ou em Londres». Acalenta ambições mas, como portuense, levando em linha de conta a psicologia do meio, retrai-se nas aparências. «No Porto, cidade recatada, as pessoas procuram viver sem ostentação, reproduzindo talvez o modelo comportamental da colónia inglesa. De certo modo o exibicionismo do dinheiro cai mal. Para nós ainda vale aquela máxima: «Em Coimbra estuda-se, no Porto trabalha-se e em Lisboa diverte-se.»

Os estudos no colégio alemão imprimiram à personalidade de Ribeiro da Silva uma certa rigidez, perceptível ao contacto, dando impressão de estar sempre à defesa. «Sou duro e frio, não me adapto facilmente às situações, tenho até um feitio um tanto retorcido. Daí que o qualificativo de *yuppie* com que me brindou não se coadune comigo:... o *yuppie* é extrovertido e afável. Considero-me, de facto, influenciado pela cultura alemão, basta dizer que raramente leio livros em português, a não ser os de História...» Todavia, apesar do internacionalismo linguístico confessa-se nacionalista a cem por cento.

Apreciador de arte, já dispõe de uma colecção razoável, onde predomina o «**não convencional**». É especialmente sensível às correntes do expressionismo e do hiper-realismo. Nas paredes da sua casa há obras de Júlio Rezende, de Armando Alves, de Vítor Costa, de José de Gimarães, de José Rodrigues, de Sobral Centeno e de Areal. «Comecei por serigrafias, agora estou na maré dos originais, operação lenta porque a arte está caríssima. Julgo que a tendência, paralelamente ao que sucedeu com a Bolsa, é para a queda de preços.»

O declínio bolsista não o espantou, era previsível o desastre. De euforia ao descrédito total, o que o Governo não tentou evitar, como lhe competia. «Evidentemente que se impunha uma intervenção na fase eufórica, isto serviu apenas para salvar algumas empresas. Depois, os portugueses aproveitam-se da melhor maneira de ganhar dinheiro sem trabalhar... os eternos espertinhos. O que aconteceu aqui se fosse nos Estados Unidos estavam as cadeias repletas. Suponho que o momento actual propicia um investimento na Bolsa com cabeça, tronco e membros, desde que se estabeleçam as regras. Claro que o ano de 88 vai ser mau para a economia mundial. A Europa tem de se unir mesmo com a União Soviética que aparece, agora, com outra face. Há que impedir a reunificação das duas Alemanhas, seria funesto para nós todos, europeus. Os Estados Unidos só cuidam dos seus interesses, protegeram-nos durante 40 anos e acham que é tempo de pagarmos a factura. Desconfio que eles provocaram a recessão porque estavam a viver acima das suas capacidades. Em resumo: a economia europeia centra-se na Alemanha Federal, a França vai a reboque e a Inglaterra continua na sua 'splendid isolation'. Relativamente a África, a que ninguém liga, espera-se ainda mais tristeza, mais fome, mais desgraça.»

Ribeiro da Silva, em política, assume-se de direita. Concretamente: de uma direita liberal com laivos conservadores. «Votei em Cavaco Silva por não haver mais alternativas, foi unicamente por uma questão pragmática.» Também não o apaixona o jogo político, não tem paciência para habilidades de bastidores. «Sim, porque corto o direito, defino os meus objectivos e avanço, sem me preocupar se os meios são legítimos para atingir os fins. Só me importam os resultados, não me prendo com preconceitos de ordem moral. Ambiciono o poder, nada de confusões com o poder político que é insignificante...»

Marquei um ponto, afinal o rótulo de **yuppie** não será assim tão descabido. Mas ele, tenaz, atira-me de novo para o tapete, com a lógica dos seus argumentos: «o mobiliário da minha casa é de estilo antigo, não gasto muito dinheiro em roupa porque sou incrivelmente avarento, embora goste de acompanhar a moda, e saio pouco à noite». Provavelmente senta-se no sofá da sala, envolvido num fundo de música clássica, a ler o **Financial Times**. Quase que «acertou, com efeito assino essa publicação, mas prefiro jazz e rock, por estranho que pareça, do 'heavy metal'.»

Bem... o sujeito é, no mínimo, desconcertante. Nunca o imaginava «fan» deste género musical, independentemente do fato e gravata, haverá talvez nele um grãozinho perturbador. «Tenho um espírito ligeiramente anárquico, por vezes sinto prazer em abanar o sistema.» Esquerda portuguesa? «Retrógada. Os actuais dirigentes do Partido Comunista são caducos e mais estalinistas do que a própria Rússia, onde se verifica um desanuviamento. Os socialistas, que poderiam funcionar como alternativa à direita, têm à frente um Victor Constâncio cuja cara põe logo as pessoas mal dispostas. Excluindo o mau feitio, Mário Soares é o único homem de Estado que existe em Portugal.»

Futebol? Como espectáculo odeia, nunca viu um jogo ao vivo, mas torce pelo Futebol Clube do Porto, o que indica pulsões regionalistas. «Defendo o Porto contra a hegemonia de Lisboa.» Cinema? Adora filmes de ficção científica e de aventura, sobretudo os de Spielberg e de Lucas. Na lista das suas aversões cinéfilas sobressaem Woody Allen, «**realizador pretencioso, de mentalidade nova-iorquina e judaica, produto típico da Costa Este**», Fassbinder, Godart e os franceses em geral.

Ribeira da Silva na vida profissional é secretário-geral da **Portex**.

Lourdes Féria

Mário Soares visitou Moura e a UCP "Esquerda Vencerá"

Mário Soares visitou esta tarde a unidade colectiva de produção «Esquerda Vencerá» e Aldeia Nova de S. Bento, no concelho de Serpa, cumprindo assim o programa da sua recente estadia no distrito de Beja.

O PR, que adiara uma segunda vez a visita(e também por motivo de gripe), pernoitou ontem na pousada de S. Gens e foi esta manhã recebido nos paços de concelho de Moura, em sessão solene. Moura, vila de bom mel e azeite, deve o seu nome à alcaidessa àrabe Saluquia, que abriu as portas do castelo aos invasores cristãos disfarçados com os trajes dos acompanhantes do seu noivo(que tinham acabado de matar numa emboscada). Num gesto desesperado, Saluquia suicidou-se, atirando-se de uma torre da fortaleza. A povoação ficou a ser conhecida por Terra da Moura Saluquia, ou simplesmente da Terra de Moura e hoje apenas Moura.

Serpa, terra do conde de Ficalho(a igreja matriz, o aqueduto e o palácio condal são monumentos históricos), é uma das zonas mais férteis e produtivas do Baixo Alentejo.

Na biblioteca da Universidade Católica

Ontem, Soares visitou a biblioteca e o centro universitário João Paulo II, da Universidade Católica de Lisboa. Foi recebido pelo reitor, Bacelar de Oliveira, cumprimentou todos os professores da instituição, entre os quais o seu ex-ministro das Finanças, Hernani Lopes, e recebeu uma medalha comemorativa das etapas mais salientes da Universidade Católica, desde a sua fundação.

A biblioteca, financiada por entidades privadas, nacionais e estrangeiras, custou 600 mil contos, possui capacidade para 520 mil volumes e instalações de leitura simultânia para mil pessoas. Está prevista ainda a criação de uma base de dados a que o público poderá ter acesso.

Ontem ainda, o PR recebeu uma delegação da Associação de Municípios do Oeste que lhe deu conta dos seus próximos projectos, nomeadamente de desenvolvimento agrário e turístico e de uma conferência sobre o novo aeroporto internacional, previsto para a OTA.

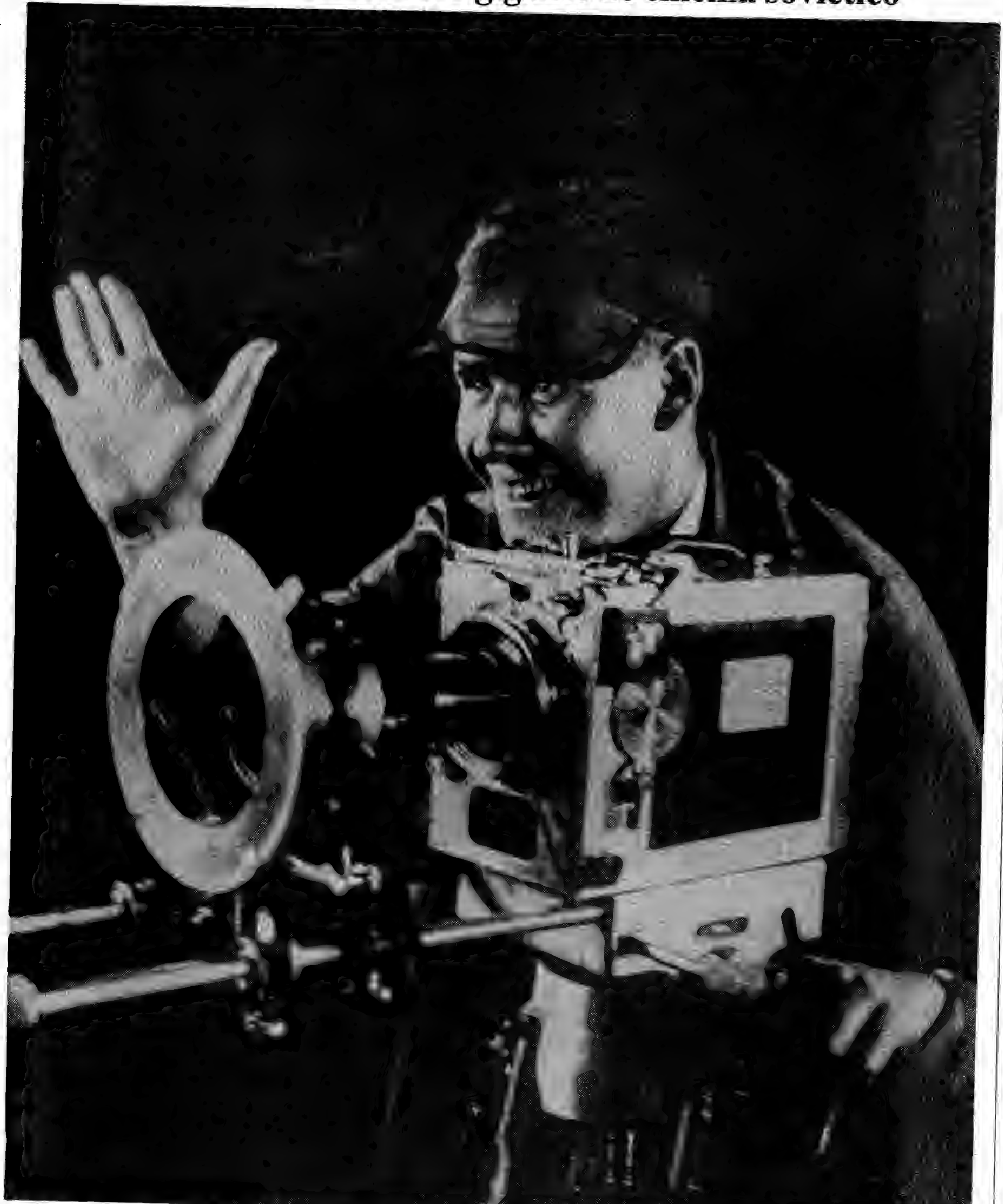
SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

SERGEI EISENSTEIN

Há 40 anos morria o gigante do cinema soviético

Vários filmes de média e até de longa metragem de Charlie Chaplin deviam em princípio fazer parte de uma simples série de «sketches» cómicos, sem nenhuma pretensão. Golpe de teatro, tiveram tal êxito que, saídos do contexto inicial, foram considerados imediatamente obras-primas e considerados desde então pelos críticos e pelo grande público, como tais.



A instrução judicial sobre a «caça aos demónios» de Faíté — seis mortos entre 31 de Agosto e 3 de Setembro — progrediu sensívelmente nas últimas semanas. O juiz Max Gatti dirigiu-se, com efeito, a esse atoll do arquipélago dos Tuamotu, a uns seiscentos quilómetros de Taiti, na companhia dos acusados (vinte e duas pessoas, dezasseis das quais presas) e de um número equivalente de agentes da polícia. Depois de três dias de reconstituição, partiram todos para o Taiti a bordo de um barco militar.

Reconstituição de uma «caça aos demónios» na Polinésia francesa

A fogueira de Faíté

Meu Deus, como fica longe! No fim do mundo, claro, e mais ainda. Não em Taiti, o que já é qualquer coisa, mas em Faté, menos do que uma ilha, um ponto e vírgula largado no Pacífico Sul. Duzentos habitantes, entre os quais sessenta e cinco crianças dos cinco e aos treze anos, uma igreja, uma câmara municipal, algumas **Fare** — as habitações locais, — uma escola. E é tudo. Enfim, quase tudo, porque em volta, inocente, mau, invasor, obsessivo, está o oceano.

O capitão Louis-Antoine de Bougainville, a bordo da fragata do rei **La Bourdeuse**, teve ocasião de o constatar em 1767. Essas ilhas minúsculas não prometem obrigatoriamente a felicidade:

Ele pergunta na sua **Viagem à volta do mundo: «Como será povoada? Os seus habitantes pareceram-nos altos e bem proporcionados. Admiro a sua coragem, se vivem sem inquietação nestes bancos de areia que um furação pode, de um momento para o outro, cobrir com as águas.»**

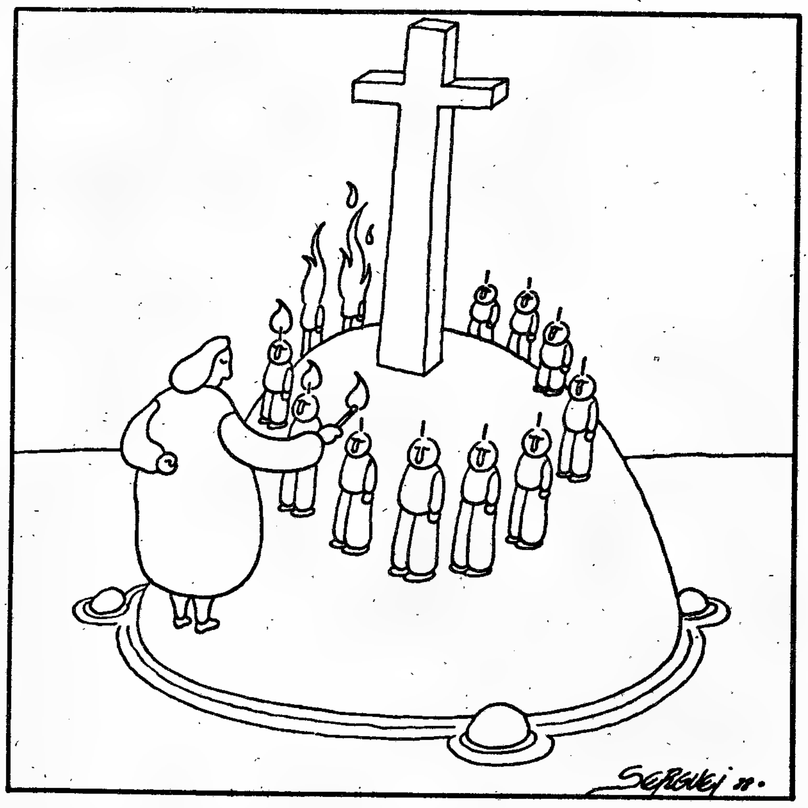
Bougainville via bem as coisas. A inquietação está presente e não é apagada pelos coqueiros, nem pelo sol, demasiado violento, nem pelas cassettes vídeo entregues mensalmente pela escuna de um chinês, juntamente com o arroz, a farinha, o vinho e o correio. É preciso rezar para viver em Faíté.

Rezar e rezar muito. Deus ou a Natureza, mas rezar quando a ondulação faz mover o atoll, como o céu parece firme e amigo e a terra frágil e cobarde! Os garotos de Faíté, entre dois mergulhos na laguna, vão tomando o biberão do catecismo. Duas vezes por semana, à sombra de um alpendre, ouvem às 13 e às 17 horas a palavra de Deus ensinada por um leigo. E ao domingo toda a Faíté se encontra na pequena igreja que domina o campo de voleibol.

Rezar, pois. Mas como? No dia 4 de Agosto de 1987 três mulhreres vindas do Taiti desembarcaram. Sílvia, cinquenta anos imperiosos, megera falsamente adoçada pela religião, acompanhada de Rahera e Nina, organiza imediatamente sessões de oração no modelo das reuniões Tupperware. **«Fui enviada pela Renovação carismática«**, diz ela. **«É um roubo de identidade«**, protesta hoje o padre Hubert Coppenrath, responsável pela oficial Renovação carismática católica na Polinésia francesa.

«Arrependam-se, arrependam-se! prossegue Sílvia. A pobre gente de Faíté arrepende-se. Alguns protestam: Arrependerem-se de quê? «Dissimulados! grita ela. Quem o sabe melhor do que vocês?»

Há, conforme os dias, dois ou três ofícios religiosos em casa do morador que tem que armar um altar. Em quinze dias Faíté está hipnotizada. De regresso de Taiti, a 17 de Agosto, a jovem professora Anna Shigatemi procura Sílvia. «Passado um momento, diz-nos ela, Sílvia caiu no chão como se sentisse todos os nossos pecados. Gritou e cuspiu sangue».



Com as suas rezas Sílvia — a protectora — promete afastar o ciclone do atol. Segundo diz, é um ciclone ameaçador. Soberana, lança frases enigmáticas, depois previne gentilmente a assistência: «Maria está entre nós. Ela está a dar uma rosa a Jòsé». No dia seguinte Sílvia anuncia: «Jesus está aqui. Tu, sim, Ele cura a tua ferida na perna». Faíté aplaude. Sílvia insiste: «Dou-te por companheiro o teu avô que morreu». Faíté saboreia a boa nova.

Há oito anos que os habitantes aderem na sua maioria à renovação carismática, na maior das calmas. Com Sílvia isso acabou. Acabaram as orações em grupo, a devoção ao Espírito Santo, o abandono do conformismo no diálogo com Deus, o regresso à língua origial, introduzidos na Polinésia Francesa pelo padre Hubert Coppenrath, responsável pela formação dos diáconos e dos catequistas, em 1978.

Sílvia, a quem a Igreja já chamara seriamente a atenção um ano antes pelos seus desvios, acaba por confundir Faíté. Os fiéis em breve misturam tudo: profecias pagãs e admosteações cristãs, o demónio e os espíritos maus. Em breve «pessoas emocionadas, como nos diria um padre, vão ultrapassar os limites do conveniente».

Os jovens e os adolescentes adulam essa matrona, sacerdotiza e pitoniza. Senhora de uma corte, ela toca nas feridas ou faz feitiços, salva os que concordam e dana os reticentes. No dia 26 de Agosto acha que é tempo de se ir embora. Faz as malas, tal como as suas companheiras Rehara e Nina e são seguidas por dez dos seus fiéis até Fakarava, uma ilha próxima. Aí, grande dama preocupada com a saúde espiritual dos habitantes de Faíté, transmite os seus poderes e dons aos jovens eleitos, que regressam, iluminados, para o seu atol.

Chegados a Faíté os fiéis de Sílvia querem a sua parte de milagres. Dois deles ordenam a um paralítico que ande. Desobedecidos, zanngam-se. Um deles berra: «Sou Lázaro, levanta-te e caminha!» A aldeia aprova. E tudo se transtorna velozmente.

A 31 de Agosto todos concordam que os demónios invadiram a pequena ilha. Os jovens convidam a população a purificar-se na laguna. No dia seguinte, um homem de trinta e cinco anos, Ioane Harris, adjunto do presidente da câmara, é acusado de estar possesso pelo demónio. A aldeia decide espancá-lo «para o libertar dos espíritos malignos». Os jovens batem-lhe, ajudados por outros, inquietos, convictos de que um exorcismo é mais que necessário.

Ioane não sobrevive ao tratamento, e morre no dia 1 de Setembro. O seu corpo é imediatamente lançado a uma fogueira, diante da pequena igreja, no meio do campo de voleibol.

As «forças da noite»

Mas por que falhou o exorcismo? Por culpa de Tantu Tokorangi, grande sacerdote por desejo de Sílvia, acham muitos habitantes. De resto, Tantu, de quarenta e sete anos, põe-se a correr pela aldeia perseguindo cães e gatos e gritando: **«Eu sou Cristo! Sou eu!»**

No dia 2 de Setembro, Tantu é apanhado, amarrado, regado com gasolina e lançado ao fogo. O sol mal teve tempo de desaparecer na laguna e de aparecer do outro lado, quando um homem decide que a mãe está possessa. Cheio de medo, tenta purificá-la no oceano, mantendo-a debaixo de água, depois, em desespero de causa lança-a sobre a fogueira fumegante.

O padre Hubert Coppenrath, o primeiro a chegar, com o comandante da esquadra, ao 'atoll', explica: **«Entre os habitantes houve reticências quando os corpos foram queimados. Mas a aldeia estava intimamente persuadida de que as vítimas estavam possessas.» «São as forças da noite**, resume Raymond Teriierooiterai--Graffe, etnólogo e partidário de um regresso à religião polinésica. **Não é tão simples como isso. É um regresso à tradição dos antepassados, mas eles não eram lúcidos e não controlaram a situação».**

Sem dormir e sem comer, cheio de álcool de arroz e até de **paka lolo** (canabis), uma comunidade entra loucamente e com segurança no pesadelo. Ainda no dia 2 de Setembro, duas irmãs do presidente da Câmara — que se encontra em Papecte — são imoladas. Alguns habitantes de Faíté, persuadidos de que os demónios estão entre eles, mas ao mesmo tempo horrorizados com o que se passa, decidem timidamente pedir socorro a Tahiti. Num primeiro apelo por radiotelefone, falam com o padre Coppenrath: **«Estamos numa situação difícil»**. Um apelo banal que, pensa-se na «capital», não vale uma partida para uma viagem de uma semana.

Mas, no dia 3 de Dezembro, as cerimónias cruéis da véspera repetem-se. Uma quinta vítima é capturada e amarrada a uma árvore. O catequista-ajudante lança outro apelo por radiotelefone: **«O Hatea está amarrado. Devo soltá-lo?»** O padre Hubert Coppenrath conta-nos: **«Claro que é preciso libertá-lo se ele não é perigoso. Não sabia que ao lado havia uma fogueira!»**

Faíté acha que Hvatea é perigoso... Em breve será a vez de uma sexta vítima. Finalmente é lançado um terceiro apelo: **«Venham depressa!»**

Sem mais comentários mas num tom suplicante. Faíté recusa confessar por radiotelefone o que está a acontecer-lhe, porque todas as outras ilhas da região, que ficam na mesma linha de rádio, ficariam a saber que a aldeia se debate com um problema de demónios. Mas Faíté lança, em todo o caso, um tardio SOS antes que todos os habitantes se matem uns aos outros.

Quer então o acaso que médico chegue a bordo de um «speed bot», e, embora sem descobrir a amplidão do drama, nota que se passa algo de pouco banal. Distribui então tranquilizantes a uma população exausta e em parte aterrorizada. No dia 4 de Setembro a igreja e a esquadra de polícia fretam um avião, depois um barco, e compreendem a verdadeira dimensão do sucedido quando abordam a ilha.

De súbito, é toda a Polinésia francesa que se emociona, e as mais altas autoridades do governo territorial e da República Francesa, dirigem-se à cabeceira desse ilhéu do fim do mundo. De regresso de uma longa viagem ao Vanuatu, o arcebispo de Papeete vai a Faíté e fica lá quinze dias. **«Fui a todas as casas e falei a todas as famílias»**, diz ele, deplorando que a Igreja não possa fazer mais, em tempo normal, do que mandar lá um padre uma vez por ano. **«Para esta região tão vasta como metade da Europa, só temos um padre que faz «tournées»**, explica o padre Hubert Coppenrath.

Em suma, essa Terra religiosa e inculta implodiu, vítima das mensagens de um Deus muito cristão e de uma religião dos antepassados ainda forte. **«O que é que a Igreja fez ou não fez neste 'atoll'?»**, pergunta em voz alta Jacques Jhorai, presidente da Igreja Evangélica, para depois concluir: **«O testemunho da Igreja foi, em Faìte, um drama, um fracasso».**

Dez órfãos são hoje testemunha disso. E dezasseis habitantes da pequena ilha, tranferidos para Taiti e detidos na cadeia de Nuutania. Sílvia, guardada à vista, interrogada, acabou por ser posta em liberdade. **«Estou-me nas tintas para o mal que dizem de mim», disse-nos simplesmente e com sobriedade.**

Um relatório da Amnesty International

O martírio de milhares de crianças detidas, torturadas ou assassinadas

A Amnesty International lançou, no dia 5 de Janeiro, um apelo a favor das **dezenas de milhares de crianças cujos direitos mais fundamentais são violados.** *Trata-se de crianças espancadas, torturadas, condenadas à morte ou assassinadas em numerosos países.*

Os relatórios da Amnesty raramente são agradáveis. Neste museu dos horrores, recenseados com mil dificuldades e relatados com grande cuidado por escrivães da história imediata, esperamos sempre o pior. E temos, infelizmente, razão. Embora menos volumoso do que os outros, este relatório consagrado às crianças é, sem dúvida, o mais pungente.

A ideia de que uma criança sofre já é difícil de suportar. Quando esse sofrimento lhe é voluntariamente infligido por pais violentos, sentimo-nos transtornados. Mas quando a violência se exerce contra ela, friamente, calculadamente, por representantes de Estado que se diz de direito, faltam as palavras para exprimir o horror e a indignação.

É longa a lista dos países que têm o triste privilégio de figurar neste relatório da Amnesty. Entre eles — e é talvez o mais perturbador — democracias por vezes exemplares. Os Estados Unidos, por exemplo, onde mais de trinta jovens estão actualmente condenados à morte por factos cometidos antes da maioridade. Um delinquente menor foi assim executado em 1985, dois em 1986. Lembremos ainda que a legislação do Montana e do Mississipi autoriza a execução de crianças de doze ou treze anos.

Israel também é visado. A Amnesty International sublinha que jovens estudantes, por vezes com doze anos, foram presos e maltratados em Gaza e na margem ocidental do Jordão. **Muitos deles teriam sido agredidos a murro, a pontapé e com pauladas em todo o corpo, ferindo-os por vezes gravemente.**

Na Turquia os métodos são mais brutais. Em Abril de 1987, polícias teriam torturado quatro rapazes **com choques eléctricos nas suas bocas que sangravam.** Ao que parece, a África do Sul não tem nada a aprender neste domínio: **aos socos, aos pontapés, à chicotada** e à tortura com choques eléctricos por vezes infligidos com a ajuda de geradores manuais nos carros de polícia, juntar-se-iam tentativas de estrangulamento.

Para «fazer falar» ou «fazer calar»

Outro facto ocorrido no fim de 1985 na cidade de Sulaimaniya (Norte de Iraque): depois da prisão de trezentos jovens e crianças **vinte e nove detidos, pelo menos, teriam sido executados em segredo.** Horror: **a alguns foram arrancados os olhos.**

Porque se torturam crianças (ou por que são forçadas a assistir à tortura dos pais)? Para **fazer falar** uns ou outros, dizem geralmente os carrascos, quando a maior parte das vezes se trata de fazer calar ou, simplesmente, de fazer mal por prazer.

O relatório da Amnesty cita casos de numerosas crianças «desaparecidas». Na Argentina, por exemplo, mais de cem, na segunda metade dos anos 70. A maior parte tinham nascido nos campos de detenção secretos e haviam sido separadas à força da mãe logo que nasciam. Palavras do general Ramon Camps, antigo chefe da Polícia de Buenos Aires: **Os pais subversivos ensinam os filhos a tornarem-se também subversivos. Isto tem de acabar.**

Presos do mesmo tempo que os pais, algumas crianças crescem — e envelhecem — atrás das grades. Caso incrível assinalado na Birmânia: a pequena Noor Jahan tinha um ano quando foi presa. Tem hoje trinta e um anos e continua detida.

Este relatório da Amnesty deve ser posto em paralelo com outro documento, mais desenvolvido, publicado no fim de Dezembro pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). Por ele sabia-se que catorze milhões de crianças de menos de cinco anos morrem todos os anos de doenças que são, na sua maioria, evitáveis. Muitas delas podem, com efeito, ser salvas por meios bastante simples. As vítimas eram 25 milhões em 1950, quando o planeta tinha muito menos habitantes do que hoje.

Uma pessoa em três que morre no mundo é uma criança de menos de cinco anos. Essa mortalidade insere-se na mal nutrição mas também na miséria agravada, porque as crianças do Terceiro Mundo são as vítimas directas da recessão.

A UNICEF reclama **uma grande aliança** internacional para salvar essas crianças, já que as **medidas técnicas** são insuficientes. Com efeito é preciso situar esse drama num contexto mais geral: o dos **direitos da criança.** Um conceito que se afirma cada vez mais e deveria incluir, entre outros, o direito de cada criança de casal divorciado ficar em contacto com o pai e com a mãe.

A declaração dos direitos da criança adoptada em 1959 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, foi um primeiro passo, de princípio. Numerosos organismos e associações reclamam, com insistência, uma convenção. Só ela obrigaria os estados a respeitar algumas regras elementares e tomaria em conta problemas novos — ou só agora descobertos — como a prisão de crianças.

SERGEI EISENSTEIN

Do mesmo modo, o **«Couraçado Potemkine»**, de Serguei Eisenstein, era simplesmente destinado, antes, durante, e mesmo após a sua filmagem, a satisfazer a encomenda que o Comité Central do Partido Comunista da URSS fez em 1925, de uma série de filmes para a comemoração do vigésimo aniversário da Revolução de Outubro de 1905.

A série devia comportar, para além desse primeiro tema: a revolta dos marinheiros do couraçado Potemkine, o 9 de Janeiro, os anos difíceis, etc. Em suma, um afresco dos primeiros tempos da URSS.

«Epopeia revolucionária»

Doze dias depois, Serguei M. Eisenstein e o operador Eduardo Tisse deram a primeira volta de manivela do **«Couraçado Potemkine»**, que hoje, com um recuo de... sessenta e três anos e independentemente de toda e qualquer consideração política, é considerado, e com razão, uma das mais autênticas obras-primas que o cinema mudo e sonoro produziram até hoje.

No dia 25 de Dezembro do mesmo ano, durante uma estreia oficial no Teatro Bolchoi de Moscovo, sempre na comemoração do vigésimo aniversário da Revolta esmagada de 1905, foi apresentado o filme, oficialmente dito, **epopeia revolucionária em cinco partes»**, com argumento de Eisenstein e N. Agadovna-choutko.

Fazer carreira nas pontes e calçadas

Como distribuição figuram no genérico à falta de vedetas: a equipagem da Frota Vermelha, a população de Odessa, que na verdade tivera um papel considerável no acontecimento, alguns actores de Proletkult — e o próprio Eisenstein, que faz o papel de um «pope».

O filme teve imediatamente um grande êxito, confirmado pelas suas primeiras representações públicas, a partir de 18 de Janeiro de 1926, tanto em Moscovo como em várias grandes cidades soviéticas.

O realizador dessa obra revolucionária, também no sentido cinematográfico, visto ter rompido com todas as técnicas praticadas até então, era um homem de 27 anos, nascido em Riga, Países Bálticos, então já sob o domínio soviético, a 10 de Janeiro de 1898, numa família judia. Não se destinava de modo algum ao cinema e, em 1916, entrou para o Instituto de Engenheiros Civis de São Petersburgo, na esperança de fazer carreira nas pontes e calçadas. Estava bem longe do cinema e da epopeia do Potemkine.

Arquitectura, pintura, curso de psicologia?

Estudou, em todo o caso, ao mesmo tempo, arquitectura e pintura, seguindo também cursos de psicologia experimental no Instituto do célebre Pavlov.

Em 1918 alistou-se como voluntário no Exército Vermelho, onde, como futuro engenheiro, foi encarregado dos trabalhos de fortificações. No entanto, como o princípio do leninismo era que a cultura devia estar presente em toda a parte, mesmo na frente de batalha, ele construía ao mesmo tempo cenários para uma companhia teatral destinada a dar espectáculos para militares.

Foi provavelmente aqui que a sua vocação de realizador se revelou, tão espontaneamente que, praticamente sem experiência, começou, desde o início, a montar vários espectáculos.

Discípulo de Meyerhold

Resultado: desmobilizado, não continuou os seus estudos de engenheiro e entrou para a Academia Teatral de Moscovo.

Aí foi aluno, depois assistente do célebre encenador Meyerhold, o homem cujas ideias eram contrárias às do grande Stanislavsky, defendendo ao mesmo tempo o realismo estilizado e o colectivismo. O intérprete devia ser somente um peão quase anónimo, num tabuleiro soberanamente dirigido pelo encenador.

A sua primeira encenação, de uma peça adaptada de Jack London, provocou ao mesmo tempo entusiasmo e críticas acerbas. As suas «audácias» de suprimir o palco, fazendo com que os intérpretes falassem no meio dos espectadores — hoje correntes e até banais — não agradavam a toda a gente e foram qualificadas de «antiteatrais«» por numerosos críticos... entre os mais retrógrados.

Encarregado de uma tarefa oficial

Antiteatral ou não, era sobretudo o teatro em movimento. Já, cinema.

Cinema que, de resto, abordou com a sua primeira longa metragem, *«A Greve»*, em 1924, com 26 anos, realizando já então um episódio dos acontecimentos insurreccionais de 1905.

O filme foi apresentado e recebeu um prémio na Exposição das Artes Decorativas de Paris, em 1925. Poucos críticos e poucos espectadores se davam, no entanto, conta de que o realizador desse filme iria tornar-se o novo Papa do cinema.

Foi o êxito da *«Greve»* que designou Eisenstein para uma tarefa oficial, uma obra que comemoraria o vigésimo aniversário do sangrento levantamento de Odessa.

«Emoções-choque»

Sabe-se que os factos, o tema de *«Potemkine»* são autênticos, simplesmente estilizados, «montados» com uma técnica inovadora, depois muitas vezes imitada, destinada a provocar as famosas «emoções-choque» que depois seriam processos clássicos.

Foi Eisenstein (assim como o americano Griffitz), quem suscitou pela primeira vez aquilo a que se chamaria depois «ideias reflexas», não mostrando quase nunca a causa de um acontecimento ou de um facto, contentando-se em sugeri-la.

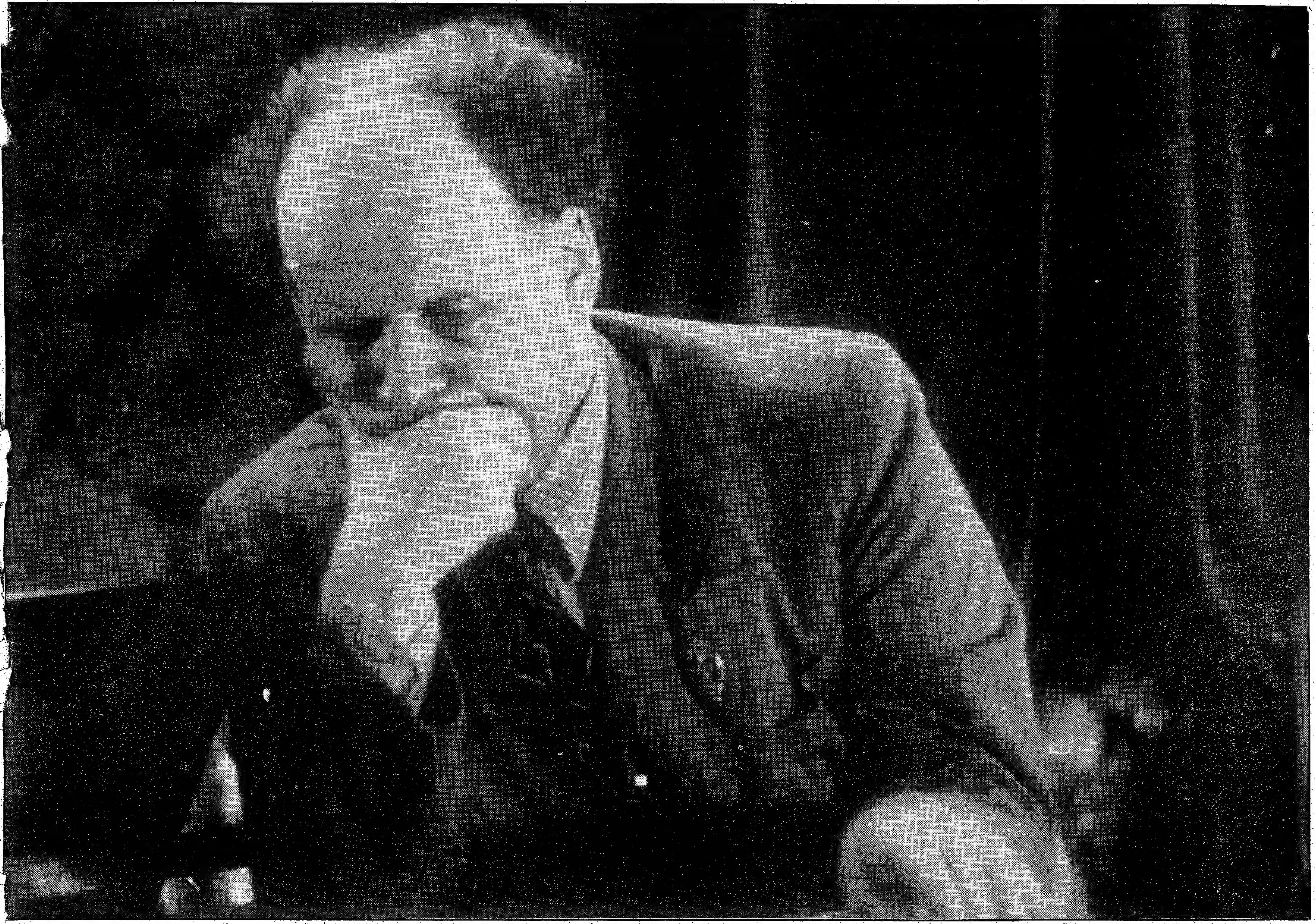
Um soldado levantou o braço armado com um sabre para matar — filmada a cena cortou-se a segunda parte, ligando a primeira com o plano seguinte.

Processos que hoje são ensinados em todas as escolas (de cinema) e que o último dos assistentes de encenação conhece, mas que então eram novos e inesperados, sendo para mais, aplicados com uma arte e um génio provavelmente únicos.

Impacte de propaganda

Embora *«O Couraçado Potemkine»* fosse uma obra-prima, ele tinha sobretudo um extraordinário impacte de propaganda ideológica e política sobre os espectadores. Viu-se pela primeira vez como podia ser grande a força persuasiva do cine-

Há 40 anos, no dia 11 de Fevereiro de 1948, morreu o gigante do cinema soviético, realizador do «Couraçado Potemkine»



ma. E mais tarde, aumentada ainda, da televisão.

Não é de espantar que a maior parte dos países do mundo tenha proibido a projecção de *«Potemkine»*, só apresentado, e nem sempre, nos cineclubes.

De resto, suprema homenagem à sua audácia, ao seu não conformismo, em 1988, sessenta e alguns anos mais tarde, ainda há Estados onde — incrível, mas verdadeiro — *«O Couraçado Potemkine»* não pode ser projectado.

«A Linha Geral»

Depois dessa autêntica obra-prima cujo valor cinematográfico e artístico foi reconhecido mesmo por aqueles que não aprovavam o seu conteúdo político, os rivais e detractores de Eisenstein ficaram, claro está, à espera do seu... segundo filme. As filmagens começaram em Janeiro de 1926. Chamava-se *«A Linha Geral»*, mas Eisenstein interrompeu-o no ano seguinte para realizar uma encomenda urgente: *«Outubro»*, ou *«Os dez dias que abalaram o mundo»*, para o décimo aniversário da Revolução de Outubro.

Foi só em 1929 que *«A Linha Geral»* foi apresentado. Embora sem atingir a classe de *«Potemkine»*, era uma obra de grande valor. O filme dera, para mais, a Eisenstein, a ideia inesperada, para não dizer insólita, de adaptar ao ecrã *«O Capital»*, de Karl Marx. Projecto dificilmente concebível e que, com efeito, nunca foi realizado.

A reputação do jovem realizador que tinha somente trinta e um anos, há muito que passara para além das fronteiras soviéticas. Hollywood não podia, naturalmente, deixar de se interessar por esse novo gigante da Sétima Arte. Embora pondo-lhe dificuldades, as autoridades soviéticas — muito estalinianas — autorizaram-no a partir para os Estados Unidos. Mas nenhum dos projectos que lhe eram apresentados o entusiasmou.

«Perigoso agitador comunista»

Trabalhou em todo o caso no argumento de *«Uma tragédia americana»*, extraído do célebre romance Théodore Dreiser, e ainda noutro segundo *«O Ouro»* de Blaise Cendrars. Partiu finalmente para o México para aí começar outro filme: *«Que viva México!»*

Era provavelmente a sua segunda obra-prima, mas a situação interna americana, o Krach de 1929, o desemprego, as perturbações sociais estavam no seu paroxismo. A administração Hoover, que, para mais, receava esse «perigoso agitador comunista no seu solo», recusou-lhe o visto americano que lhe permitiria mostrar o seu filme a Hollywood, onde os negativos já se encontravam.

Furioso, Eisenstein regressa a Moscovo onde chegou no início dos anos negros do regime policial estaliniano, anos preliminares, preparativos dos famosos Processos. Como intelectual, judeu e não conformista, era o mais mal visto possível, acusado dos piores crimes, a começar pelo desviacionismo.

Período de desgraça — projectos abortados

Eisenstein esteve por várias vezes quase a ser preso mas preferiram sempre pô-lo «na gaveta» como professor no Instituto de Cinema. E, de 1932 a 1937, esse homem na força da idade, sem dúvida a maior figura do cinema soviético, não fez praticamente nada.

Foi finalmente em 1937 que pôde começar «Alexandre Nevski», o mais longo dos seus filmes, mais de três mil metros. *«O Couraçado Potemkine»*, só tem 1740 metros.

Entretanto, nos Estados Unidos, deturparam, sem o seu acordo, *«Que viva Mexico!»* chamaram-lhe mesmo *«Tempestade sobre o México»*.

Segue-se um novo período de desgraça e de suspeitas, com uma série de projectos abortados. A sua única (e modesta) actividade real é a encenação da *«Valkiria»*, no Teatro Bolchoi, em Moscovo, em 1940. Ele fez ao mesmo tempo a encenação, desenhou os fatos e criou cenários.

«Ivan, o Terrível»

Estaline tem uma forte antipatia por Eisenstein e alguns dos seus amigos, principalmente os Kaganovitch (no entanto também judeus) tiveram a maior dificuldade em dissuadir o ditador de cometer algo de irreparável, por causa do imenso prestígio mundial do realizador.

Em 1941, ano do ataque da Wehrmacht à URSS, Eisenstein preparou o argumento e a «découpage» de *«Ivan, o Terrível»*, mas a guerra retarda a sua realização. Mais exactamente, o realizador é virtualmente «mobilizado» para fazer uma curta metragem oportuna.

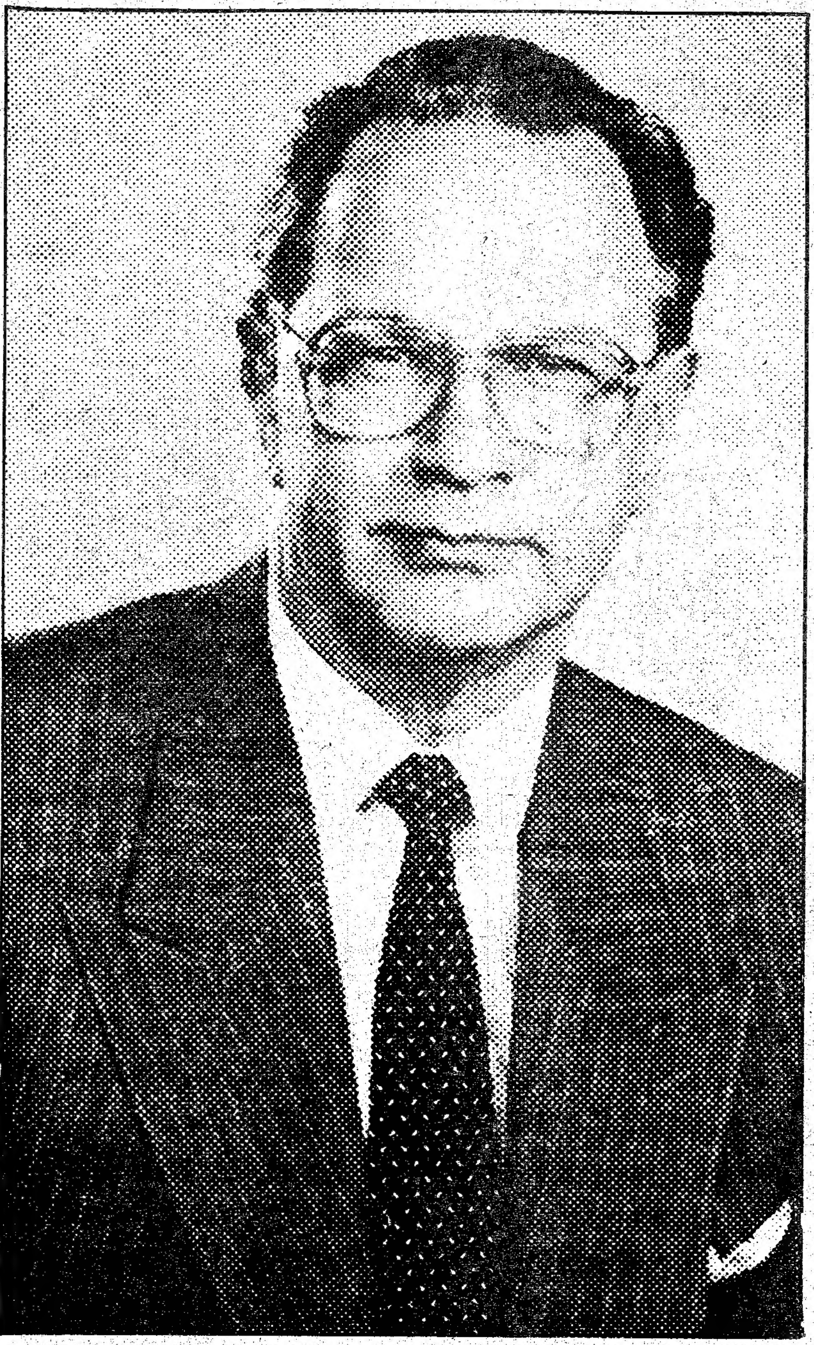
Só em Abril de 1943, muito depois de Estalinegrado, quando o país respira de novo, que Eisenstein inicia, em Alma Ata, na Ásia, o «Ivan», que terminará em 1944, em Moscovo. O filme é apresentado em Janeiro de 1945. Será este, também, o seu último filme, embora tenha muitos projectos: uma segunda parte de *«Ivan, o Terrível»*, desta vez a cores, e, depois a montagem de *«Que viva o Mexico!»*, cujas bobinas pôde finalmente recuperar depois da guerra. Mas a má vontade das autoridades e a sua doença impediram-no de realizar fosse o que fosse.

«Crimes de Estaline»

Morreu a 11 de Fevereiro de 1948, com cinquenta anos, em Moscovo, mas só muito depois do desaparecimento de Estaline foi verdadeiramente reabilitado artisticamente, e colocado no lugar que lhe competia.

No seu famoso, *Relatório* do Vigésimo Congresso, em 1956, Krouchtchev lembrou — entre outros erros e crimes de Estaline, o ter suprimido ou reduzido ao silêncio um grande número de criadores — entre eles Serguei Eisenstein, que, entre 1932 e 1941, teria podido realizar outras obras-primas, se toda a burocracia administrativa e policial da URSS não se tivessem ligado para o desencorajar — e para o impedir de as fazer.

Nokia, o gigante finlandês



Nokia, o maior grupo industrial privado da Finlândia, é a verdadeira imagem do seu país: pouco conhecido e subestimado. No entanto, com 100 filiais em 29 países, 30.000 empregados 7000 dos quais no estrangeiro (só em França há 1400) e um volume de negócios de mais de 16 mil milhões de francos, ele quer continuar a progredir.

O que é Nokia? A pergunta foi posta, mas ao contrario, no princípio do ano, nos países vizinhos, a Suécia e a Noruega, em todos os painéis publicitários disponíveis, em letras brancas em fundo azul. Uma campanha sob a forma de adivinhas, no género de: **Quem produz mais rolos de papel higiénico na Irlanda?» «A primeira central telefónica, digital da Europa entrou em serviço em 1982. Quem a fez?» «O maior fabricante de guardanapos de papel em França. Que nome tem a sociedade?»** Ou ainda: **«Os nossos telefones móveis celulares são os mais vendidos no mundo. Como nos chamamos?»** E: **«Electrificámos perto de 350 aldeias no Egipto. Quem somos nós?»** Durante uma semana, suecos e noruegueses não puderam fugir a entrar no jogo. Na semana seguinte os mesmos painís davam a resposta. Simples, uniforme, uma só palavra: «NOKIA» com o novo símbolo da sociedade: três flechas agrupadas, estilizadas pelo computador, com a ponta voltada para cima, à direita. Imagem da dinâmica, da rapidez também, da **«procura da descoberta e da força futura»**, como o definiu o seu criador, Lasse Hedman.

Uma prosperidade heteródita

Para muitos escandinavos Nokia são as botas de borracha. Porque elas têm a marca. Se, de resto, conhecem bem os telefones de automóvel Nobira, os televisores Luxor e Salora, os computadores Ericsson ou ainda os pneus Hakkapelitta, nem sempre pensam que se trata de «produtos da casa.» (O gigante sueco Ericsson revende com a sua própria marca equipamentos comprados à Nokia).

Foi pois para informar o público do mercado escandinavo, o mais importante para a sociedade, da diversidade da sua produção, que a campanha foi feita. Saindo assim de um anonimáto relativo, o grupo dá um novo passo na sua estratégia de conquista de mercados exteriores, para vender mais e encontrar mais capitais necessários ao seu desenvolvimento internacional.

Nokia é, no entanto, uma velha história. A sociedade, criada há cento e vinte e três anos na localidade do mesmo nome no norte da Finlândia, começou as suas actividades com o fabrico da pasta e do papel — ainda há alguns anos a indústria de base de uma Finlândia essencialmente florestal. Em 1966 ela iniciava a sua expansão e diversificação ao comprar uma fábrica de borracha e uma sociedade de material para cabos. **«Mas a Nokia mudou mais nos dez últimos anos do que em toda a sua existência»**, explica o seu presidente e director-geral Kari Kairamo. Foi sob a sua direcção que o grupo «arrancou» verdadeiramente. Em 1975, quando ficou à frente da empresa, **«já eramos tão grandes na Finlândia que tivemos de nos exportar»**, diz ele.

Daí uma política de compras de sociedades no estrangeiro, mas à hora em que a palavra de ordem dos outros era concentração e domínio, a Nokia prospera mantendo-se espantosamente heteróclita. Há mesmo no grupo uma manufactura de armas! Ao todo onze divisões repartidas por quatro actividades principais: electrónica — cabos e máquinas — papel, energia e produtos químicos — borracha e plásticos. A cura de emagrecimento ainda não está na ordem do dia, mas as várias remodelações e restruturações do conglomerado fazem com que ele esteja de boa saúde. Em cinco anos, de 1982 a 1986, os seus lucros, antes de compras e impostos ultrapassaram de 580 milhões de francos a 1 bilião de francos.

Esta bela saúde deve-a a Nokia à sua rápida entrada no domínio da electrónica, que representou em 1987 uns 46% do seu volume de negócios. Há dez anos essa divisão assegurava 11% das vendas e só empregava 2000 pessoas. Actualmente elas são 11 000. Um êxito que começou muito modestamente. De início a Nokia foi, por exemplo, o agente local dos grandes computadores franceses Bull. Depois disso, a sociedade produziu logiciais e instalou redes de informática nos grandes bancos finlandeses, criando assim as bases do que é hoje a sua força.

A gama dos produtos Nokia Electrónica vai hoje dos televisores a cores às instalações telefónicas digitais. Ao tomar, em 1983, o controlo total do grupo finlandês Salora Oy, o maior fabricante de televisores a cores da Escandinávia, e juntando-lhe depois o de Luxor, grupo estatizado sueco de electrónica e computadores, a firma tornou-se o número um nórdico de televisões e o terceiro produtor europeu. Uma posição que se afirmou no passado mês de Agosto, quando a Nokia comprou ao grupo sueco Electrolux a totalidade das acções da Océanic, que tem usn 10% do mercado da electrónica de grande público em França.

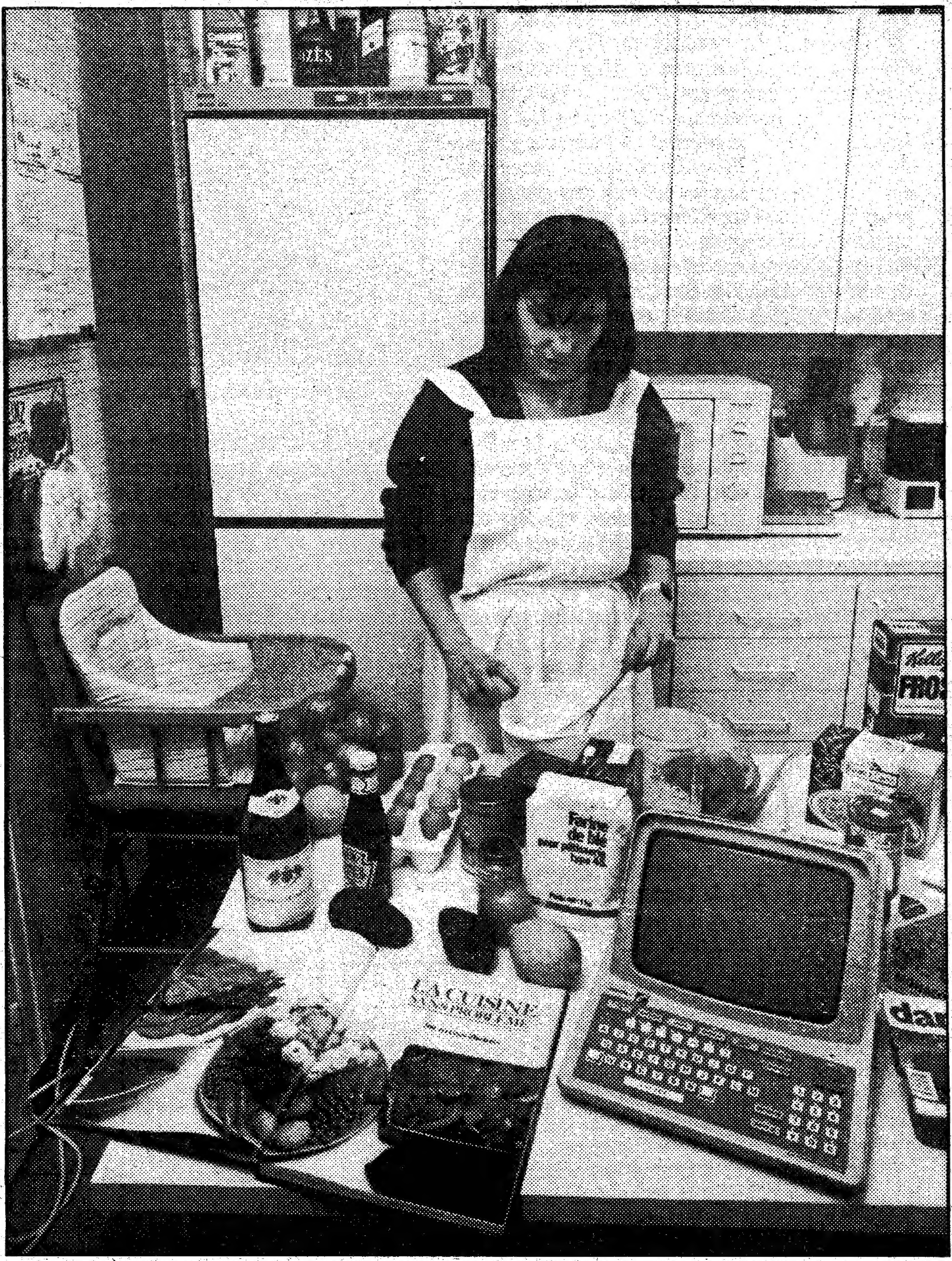
Última aquisição: a das actividades electrónicas de grande público da sociedade da Alemanha Ocidental SEL (Standard Elektrik Lorenz). No termo do acordo feito em meados de Dezembro, a Nokia retoma assim, a partir de 1 de Janeiro de 1988, a totalidade das actividades de equipamento audiovisual da SEL, na RFA e noutros países. Isto é, uma produção anual do 1,2 milhÕes de televisores a cores, perto de 2 milhões de tubos catódicos e uns 350 000 magnetoscópios. Esta compra fará passar a parte das suas actividades electrónicas para 60% do seu volume de negócios, dar-lhe-á 14% do mercado europeu de televisores a cores, e o nono lugar mundial da especialidade, que também compreende terminais, instalações para recepção via satélite, equipamentos elétricos para automóveis, tais como alto-falantes. E assim a Nokia se torna internacional visto que a SEL exporta e fabrica não só em todo o espaço comunitário mas também na Hungria e na Malásia.

Telefonia: progressos espectaculares

Mas é no sector da telefonia e, mais particularmente na telefonia móvel que a Nokia regista os seus progressos mais espectaculares. Também aí tudo começou modestamente: vendendo uma central com «brevet» da CIT — Alcatel e crescendo para dar resposta às necessidades das pequenas companhias de telefones domésticos finlandesas. Curiosa Finlândia que, com os seus 4,8 milhões de habitantes, alimenta, ao lado dos seus P e T nacionais, cinquenta e oito companhias telefónicas privadas. «O florão dessa aventura «high-tech» começado em 1979 chama-se Mobira. Mas é graças à criação, em 1983, pelos países escandinavos, da primeira rede internacional de telefone móvel do mundo (e sempre a maior) — a Nordic Mobile Telefhone System — que as vendas da Mobira descolaram na vertical. Em 1986, com cento e cinquenta unidades, essa empresa atingia a importância das maiores, como a japonesa OKI Electric Industry e a americana Motorola. Nesse mercado em rápida expansão, a Mobira fabrica hoje aparelhos para os sete sistemas que existem no mundo e também não teve medo de instalar unidades de produção para se aproximar dos mercados de exportação. Como foi o caso quando a sociedade se associou à Tandy para fabricar aparelhos na Coreia do Sul, todos eles comercializados nos Estados Unidos com a marca Radio Shack (cem mil unidades em 1987).

O mercado europeu ia abrir à Nokia outras possibilidades de entrada no perímetro comunitário: o acordo concluído em 1986 entre a Mobira e a Matra permitia-lhe progredir no continente — com a marca Matra. E, proximamente, serão também os sistemas Nokia que vão equipar a segunda rede de radiotelefones móveis autorizada pelos P e T franceses. Essa tactica pode com o tempo, pôe um problema à Mobira: A sua imagem de marca não é suficientemente forte numa concorrência internacional que só tende a endurecer. As suas margens são reduzidas em relação àquilo que podiam ser se a Mobira se comercializasse com o seu próprio nome. Jorma Nieminen, o presidente e director-geral da Mobira tem consciência da vulnerabilidade da sua empresa.» **«Nós queremos**, diz ele, **desenvolver uma posição independente para a marca Mobira, e organizar a nossa própria distribuição directa. Mas isso não se faz num ano.»** Para ganhar tempo, a firma miniaturiza tanto formatos como preços, mas cabe à Nokia assegurar o apoio logístico para que o seu filho pródigo não morra abafado pelos concorrentes, principalmente japoneses, de meios maiores do que o grupo finlandês. Uma solução complementar e necessária para a internacionalização da Nokia é o capital estrangeiro. A lei adoptada em 1987 que permite uma participação exterior de 40% em vez dos 20% numa empresa finlandesa, foi particularmente bem aceite pelo grupo. Depois de Helsínquia e Estocolmo, a Nokia tem, desde 1987, cotação na bolsa de Londres e prepara a sua entrada nas de Paris e Francoforte.

Mercado ao domicílio



Graças ao Minitel, milhares de franceses recebem em casa, diariamente, embalagens de tostas ou de detergente. Uma nova forma de venda à distância cuja rentabilidade ainda deixa muito a desejar.

Em 1987, mais de onze mil franceses fizeram as suas compras diárias sentados num «fauteuil», e encomendando o que desejavam com o seu Minitel. 1988 poderá marcar a explosão desse novo modo de vender a domicílio. Conscientes da aposta todos os grandes da distribuição já colocaram os seus peões. No centro do tabuleiro, o Telemarket. Pioneiro do sector desde 1985, ele acaba de tomar o controlo do seu principal concorrente, Caditel. Mas já surge um terceiro: Casino, G7, Havas e a Companhia Bancária lançarão por sua vez, dentro de um mês, um centro comercial electrónico.

O Telemarket teve em 1987 20 milhões de francos de volume de negócios, contra os 26 milhões da Caditel, que tem três mil e quinhentos assinantes que encomendam em média um «cesto» diário de 700 francos. Em conjunto as duas empresas deviam realizar em 1988, segundo os seus cálculos, 70 milhões de francos de volume de negócios. Mas porquê em conjunto? Porque a sociedade de capital--risco Lonalim, principal accionista da Caditel, desejava realizar a sua mais valia no momento em que o seu «potro» atingisse pela primeira vez o equilíbrio de exploração. Uma ocasião aproveitada por Christian Marchandise, director-geral do Telemarket. Apoiado na «Generale dez Eaux», este último deseja ocupar o máximo de terreno. E reestruturou todo o seu grupo para organizar a paleta das competências necessárias aos serviços ao domicílio.

O Telemarket e o Caditel conservam, de momento, a sua marca, a sua logística (por exemplo, um depósito de mercadorias integrado na central de compras do Monoprix, para o primeiro), e os seus métodos distintos. Com os assinantes e uma escolha de novecentas referências em aumento constante, a Caditel tem a vantagem de dominar perfeitamente os pontos de tráfico. Por seu lado, o Telemarket implantou os seus logiciais de encomenda em dez computadores diferentes, que servem de Imprensa nacional ou regional. Telesmart, filial técnica do grupo, assegura a coordenação dos vários sistemas.

O seu primeiro objectivo é dominar melhor as técnicas de «reroutage» (envio de um servidor telemático para outro, transparente para o utente) a fim de tratar em directo todos os comandos. Ora estes tornam-se cada dia mais complexos. Com efeito, a gama de produtos propostos (actualmente mil e quinhentos) vai aumentando em função dos pedidos dos clientes.

A venda do futuro

Os aderentes do Clube Telemarket serão equipados com um leitor de cartão com memória para pagar directamente as suas compras. Este esforço técnico é uma simples etapa para outras formas de serviços para o comércio à distância, como a «galeria» proposta por GMT, outra filial do Telemarket. Essa sociedade de serviços põe os computadores do grupo e o seu savoir-faire telemático à disposição de casas conhecidas: por 2% do volume de negócios, encarregam-se de receber para elas encomendas por telemática. «Nessa 'galeria' ajudam-se os distribuidores a fazer o seu próprio serviço, acessível através da 'galeria' ou directamente. E, sobretudo, preparam-se as condições futuras da venda à distância, para produtos que devem ser vistos para ser comprados — explica Christian Marchandise—. Porque, embora acredite que os produtos de base, detergentes e outros, pelos quais começámos, podem facilmente vender-se sem imagem, estou persuadido do contrário quando se trata de produtos não alimentares». Em suma, a «galeria» está pronta a receber encomendas que vêm em catálogos, e, sobretudo, a fazer face à onda da telecompra, recentemente autorizada por lei.

Com a absorção de Caditel, o grupo Telemarket coloca-se assim num ponto alto da venda à distância electrónica. Com um bom avanço, porque até agora só alguns centros comerciais locais, como o Euromercado de Levallois, montaram serviços telemáticos com comando. Mas trata-se mais de uma extensão da entrega domiciliária do que de verdadeiras organizações completas.

A primeira concorrência séria terá início em Fevereiro. O seu nome provisório é CCE ou Centro Comercial Electrónico. São seus accionistas: G7 com 30,3%, Casino et Laser Telematique (filial Havas) com 24,9% cada um, e o grupo Companhia Bancária, com o resto. Para além dos 12 milhões de francos de capital, trazem cada um deles os seus conhecimentos num elo da corrente: telemática, produto, transportes, finanças. Com umas quinze sessões conhecidas, do mobiliário aos electrodomésticos, passando pela bijutaria, o CCE quer pôr à disposição dos utentes mais de dez mil referências de produtos. Sem contar com os serviços de companhias de seguros ou de organismos financeiros, e em breve, sem dúvida, de agências de viagens. Acessoriamente, jogos com prémios serão encarregados de «animar» o servidor telemático do CCE.

Segundo este último, mil encomendas por dia bastarão para rentabilizar o serviço. Este ponto de equilíbrio deverá ser atingido ao fim de um ano. Os investimentos logísticos são, com efeito, relativamente fracos. Tanto mais que as entregas darão lucro quando se tratar de encomendas de um montante situado abaixo de um preço ainda a fixar (a título indicativo, uma entrega custa ao Telemarket uns 110 francos — 10 francos para a embalagem, 25 francos para Informática e a facturação, 25 francos para a preparação e 50 francos para o transporte).

Em contrapartida, os custos da promoção agravarão nos primeiros tempos a conta da exploração. Principalmente a publicidade que, em período de crescimento, absorve todos os eventuais benefícios, e vai mesmo para além deles. O que explica que o Telemarket, por exemplo, ainda esteja a perder dinheiro, como, de resto, todos os grandes nomes da distribuição que se inclinam para os primeiros passos da venda à distância e lhe pagam a sua quota parte. Porque a experiência adquirida valerá muito dinheiro, quando os consumidores se habituarem ao Minitel e essa nova fórmula de venda ultrapassar os produtos «de base» para atingir todos os produtos e serviços que os franceses consomem.

Retratos no Teatro

Alfredo Martinho

Manuel Cintra

Em torno do palco, sem que o espectador saiba, está toda uma máquina em funcionamento. É uma engrenagem complexa, que se põe em movimento antes mesmo de o espectáculo começar, e que só torna ao repouso depois do fim do espectáculo. É do bom funcionamento dessa engrenagem que depende grande parte do sucesso daquilo que o espectador vê. De tal máquina a peça essencial era, durante muitos anos, o contra--regra, ofício hoje em vias de extinção e do qual Alfredo Martinho é um dos poucos representantes, ainda no activo, no nosso país.

Das funções do contra-regra fazia parte por um lado zelar, durante a construção de um espectáculo, pela construção de grande parte dos objectos de cena e por outro lado estabelecer, por escrito, uma lista na qual era fixada a posição, entrada e saída desses objectos, assim como todas as mudanças de cenário ao longo do espectáculo. Uma vez o espectáculo estreado, era ao contra--regra que competia igualmente avisar todos os actores da sua entrada em cena e fazer com que nenhum deles se distraísse de modo a entrar atrasado. Todos os erros desse tipo seriam da responsabilidade do contra-regra e dos seus assistentes. Foi por causa de um erro de contra-regra, por exemplo, que Sarah Bernhardt ficou com uma perna inutilizada para o resto da vida: certa noite, o colchão para cima do qual, ao sair de cena, devia saltar, não estava lá. Imagine-se portanto a enorme responsabilidade que assenta sobre um homem assim. Um homem que no, entanto, trabalha na sombra, como a maior parte dos técnicos de teatro, não vindo sequer agradecer as palmas na noite de estreia. Um homem que viveu obrigatoriamante, tanto ou mais do que qualquer actor, a construção, peça a peça, daquilo que permitirá ao espectador sentar-se por umas horas, e simplesmente assistir. E é assim que está bem. Para que a ilusão se complete, talvez seja bom que tudo pareça tão fácil. E que mesmo depois de o espectáculo concluído o espectador comum vá para casa, julgando que foi tudo obra dos actores, da magia e, se se lembrar, do encenador.

Alfredo Martinho começou a trabalhar em teatro com 16 anos. O pai, funcionário na Alfândega de Lisboa, viria a morrer, tendo Martinho que trabalhar cedo. Então era assim: durante o dia era serralheiro, precisamente na Alfândega, e à noite assistente de contra-regra.

Os seus primeiros vinte anos de actividade teatral desenrolaram-se no Teatro Nacional D. Maria II, então sob a direcção da companhia de Robles Monteiro e Amélia Rey-Colaço. Foi durante esses vinte anos, ao longo dos quais Martinho quis permanecer assistente de contra-regra para conservar o seu ofício de serralheiro durante o dia, que toda uma aprendizagem se desenrolou. De facto, tendo sido assistente primeiro de Armando Pires e em seguida de Carlos Durão, Alfredo Martinho aprendeu, ainda muito novo, os segredos do ofício, dos quais fazia parte saber resolver, a nível do adereço, inúmeros problemas técnicos e de escolha de materiais que todos contribuíam para a ilusão teatral. Assim, aprendeu a fazer com que falsos relógios, por exemplo, parecessem verdadeiros. Ou com que uma cama tivesse um varão de madeira mas que parecesse de metal. Ao fim de vinte anos sabia certamente tanto ou mais que qualquer contra-regra, mas, como se disse, guardava o seu emprego de serralheiro.

Isto faz com que este homem, que hoje me aparece calmo, discreto, cheio daquela sabedoria da não-ostentação, tenha, por vezes, durante grandes períodos da sua vida, trabalhado tantas horas por dia que nem se chegava a deitar. Diz-se que o teatro nunca matou ninguém, mas não deixa de espantar que quarenta e muitos anos de teatro nem sequer cansem: recentemente, lembrou-se de averiguar, na Caixa, quanto lhe dariam de reforma. Reforma essa tão miserável que nem pôs a hipótese de a concretizar. De qualquer modo, isso seria, para o Martinho, o pior possível: é que este homem gosta mesmo de teatro. Diz ele que já tem dito a muita gente que se quiser mesmo o teatro, que fique. Mas que se quiser o dinheiro, então que se vá embora. Há neste homem uma estranha paixão que foi crescendo ao longo dos anos, e que parece longe de vir a extinguir-se. Pelo que vai contando adivinha-se que ainda hoje, quando alguém mais novo lhe aparece à frente com entusiasmo, ele é o primeiro a colaborar no prolongamento desse entusiasmo, transmitindo preciosos conhecimentos que qualquer dia já ninguém poderá transmitir. É por isso, pela enorme dose de conhecimentos adquiridos e que dizem respeito, afinal, a quase todas as peças da engrenagem teatral, que estou certo que Alfredo Martinho poderia ensinar mais sobre teatro a quem o queira aprender do que boa parte dos professores do Conservatório. Mas não: é como funcionário do Inatel, e actual contra-regra do Teatro da Trindade, que Martinho ainda exerce as suas funções. Fala do cansaço, mas só de passagem: porque há a paixão. Parar, sewria pior que tudo. Infelizmente, o Teatro da Trindade tem hoje em dia uma actividade irregular que faz com que, por exemplo, de manhã Martinho raramente tenha que trabalhar. Digo infelizmente pois a ideia mais clara desta conversa é um amor muito grande ao trabalho. Este homem nunca gostou de estar quieto. É um bicho carpinteiro. Conta-me que ainda há dias, por ocasião da apresentação de um jovem grupo ali no Trindade, uma porta que fazia parte do cenário não tinha chave, razão pela qual o grupo se dispunha a ir, de emergência, comprar uma nova fechadura. Então Martinho foi à sua pequena oficina e voltou com a chave que em pouco tempo executou, poupando-lhes o gasto e a aflição de última hora. Claro que a chave servia. Um serralheiro sabe do seu ofício.

Após esses vinte anos no D. Maria II, Martinho viria a trabalhar em muitas companhias, em muitas salas de espectáculos hoje em dia extintas, de norte a sul do País: é que não há só quando se «joga em casa»; há as «tournées», as deslocações pontuais de uma peça a outra cidade, etc. Quando, nos anos 60-70, trabalhou no Teatro Experimental de Cascais, chegou mesmo a ir ao Japão, Madrid e a Barcelona, viagens que recorda com prazer, apesar de se imaginar facilmente que não terão decerto sido viagens de lazer, pois um contra-regra não descansa. Aconteceu-lhe trabalhar no último espectáculo em cena no Teatro Nacional D. Maria II antes do incêndio que o viria a consumir.

Lembra-se de acordar de manhã e vir a saber que o teatro tinha ardido durante a noite. Diz-me que hoje em dia, quando lá entra, é grande a dor que sente: nem o teatro é o mesmo por dentro, nem as pessoas funcionam como dantes. Dantes, aquela casa estava em constante actividade, montavam-se espectáculos a toda a hora, espectáculos que uma forte corrente de público ia ver. São recordações que nunca esquecerá. Guarda ainda fotografias, muitos dos programas, e os que não conservou tem pena de o não ter feito. Mas, hoje, o Teatro Nacional parece-lhe mais uma repartição pública do que um teatro. E o tipo de actividade que ali se sente, desprovido da paixão que em tempos presenciou.

Martinho foi, além de contra--regra, figurante (por exemplo nesse Macbeth) e carpinteiro. Trabalhou na execução de espectáculos como **Antígona, Electra e os Fantasmas, Adriano VII** e tantos outros que só a lista talvez não coubesse nesta página. Conheceu praticamente todos os teatros, todos os actores, encenadores, produtores, cenógrafos, carpinteiros e demais técnicos com quem tantas vezes lhe foi dado participar. Por isso, poderia ser possível não haver segredos, não haver mesmo vontade de aprender mais. Mas não: diz-me que se está sempre, sempre a aprender. Que por muito que já se saiba, é até morrer que se aprende, como diz o ditado.

Antes de nos despedirmos mostra-me um desses caderninhos, uma dessas «contra-regras» que guarda preciosamente: ali posso ver as deixas de entradas para os objectos, a altura em que era preciso chamar cada actor, o plano do palco com cada móvel ou elemento de cenário marcado, para que nada falte ou esteja fora do seu lugar. Mostra-me também dois dos artifícios que em tempos manipulou: uma máquina «de fazer vento», simples manivela que faz roçar um pano num cilindro acústico, e também uma máquina de «fazer trovoada», simples chapa metálica cujos estalidos imitavam o barulho do trovão. Simples, tudo tão simples, não é?

Fico a pensar se essa ilusão, que hoje em dia já não é procurada da mesma maneira, se terá mesmo perdido. Se não seria possível pedir a este homem que nos trouxesse de volta um pouco da magia que o teatro, e por consequência a vida da qual ele é espelho, está a perder. E saio do Teatro da Trindade. Lá fora, chove. E de teatro, quase ninguém quer saber.